



UNICAMP

LISIENNE DE MORAIS NAVARRO GONÇALVES SILVA

**CONFLITOS E PERDAS NA ESCOLHA PROFISSIONAL:
PROFISSÕES ESCOLHIDAS X PROFISSÕES NÃO
ESCOLHIDAS-SOB O ENFOQUE DA PSICOLOGIA
TRANSPESSOAL**

CAMPINAS

2013

i



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LISIENNE DE MORAIS NAVARRO GONÇALVES SILVA

**CONFLITOS E PERDAS NA ESCOLHA
PROFISSIONAL: PROFISSÕES ESCOLHIDAS X
PROFISSÕES NÃO ESCOLHIDAS- SOB O
ENFOQUE DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL.**

Orientador: Prof. Dr. Valério José Arantes

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração de Psicologia Educacional.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA LISIENNE DE MORAIS NAVARRO
GONÇALVES SILVA
E ORIENTADA PELO PROF.DR.VALÉRIO JOSÉ ARANTES

Assinatura do Orientador

A handwritten signature in black ink, appearing to read "V. Arantes", is written over a horizontal line. The signature is stylized and cursive.

CAMPINAS
2013

iii

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38c Silva, Lisienne de Moraes Navarro Gonçalves, 1965-
Conflitos e perdas na escolha profissional : profissões escolhidas X profissões não escolhidas - sob o enfoque da psicologia transpessoal / Lisienne de Moraes Navarro Gonçalves Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Valério José Arantes.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Relações humanas. 2. Identidade. 3. Orientação Profissional. 4. Psicodrama pedagógico. 5. Educação. I. Arantes, Valério José, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Conflict and losses on career choice : chosen professions x chosen professions not under the focus of transpersonal psychology

Palavras-chave em inglês:

Human relationship

Identity

Professional orientation

Pedagogic psychodrama

Education

Área de concentração: Psicologia Educacional

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Valério José Arantes [Orientador]

Viviane França Dias

Marinalva Imaculada Cuzin

Sérgio Ferreira do Amaral

Selma de Cássia Martinelli

Data de defesa: 14-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**CONFLITOS E PERDAS NA ESCOLHA
PROFISSIONAL: PROFISSÕES ESCOLHIDAS X
PROFISSÕES NÃO ESCOLHIDAS- SOB O ENFOQUE
DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL.**

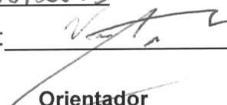
Autor : Lisienne de Moraes Navarro Gonçalves Silva

Orientador: Prof. Dr. Valério José Arantes

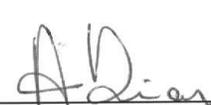
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida
por Lisienne de Moraes Navarro Gonçalves Silva e aprovada
pela Comissão Julgadora

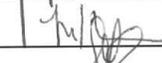
Data: 24/08/2013

Assinatura: _____


Orientador

COMISSÃO JULGADORA:







2013

v

À minha mãe (in memoriam) que me apresentou o mundo e me ensinou a percorrê-lo, entendendo que as pedras que aparecerão são passíveis de carregar e que só se constrói um caminho no caminhar e não no observar.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais e irmãos que fizeram parte da minha vida e da construção do meu ser. Eles estarão guardados no meu bolso secreto, com cuidado e carinho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Valério José Arantes, pela oportunidade dada e pela confiança e credibilidade que depositou em mim, me apresentando o psicodrama e a orientação profissional. Ao longo dos cinco anos deu asas a minha imaginação e liberdade para buscar caminhos antes não percorridos, foi um aprendizado no âmbito profissional, pessoal e espiritual. Obrigada por estar e fazer-se presente numa parte importante da minha vida.

Aos Professores Doutores Sérgio Ferreira Amaral e Debora Cristina Jeffrey, pelas sugestões feitas na banca de Qualificação. Devo muito a vocês que, com delicadeza mostraram os pontos a serem melhorados, deixando a pesquisa mais clara, incentivando a continuar no caminho trilhado.

A todos os professores do programa, que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho se realizasse. Muito obrigada!

A Prof^a Dr^a Viviane França Dias, que se propôs a ler o trabalho e deu uma contribuição significativa para o crescimento e melhora dele.

Em especial quero agradecer ao meu companheiro Ricardo Cesar Gonçalves Silva que me deu a mão todas as vezes que precisei e me segurou nos tropeços durante o percurso. Soube fazer-se presente em todos os momentos, incentivando e motivando.

Ao Rodrigo de Moraes Navarro Gonçalves Silva, o motivo do meu ser, meu filho de coração, de alma e de espírito. É pensando nele que caminho e percorro espaços, nem sempre agradáveis. Um jovem de alma velha que caminha do lado em silêncio, com sabedoria e paciência. Para ele meu coração.

*Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo
que nós nos fazemos.
Paulo Freire*

RESUMO

Este trabalho de doutoramento tem como intuito principal apresentar uma contribuição original para o estudo sobre o lugar que ocupam, na vida do ser humano, que foram deixadas para traz no momento da escolha profissional. Para que se pudesse realizar esta análise, foi necessário, a princípio, trazer o conceito de trabalho, perpassando pelos fatores que estão presentes no momento da escolha; a representação social da profissão, inclusive entendendo a importância da sociedade, família e grupo na construção do ser profissional. Neste processo, buscou-se desvendar o papel do desejo e do inconsciente e os canais que possibilitam que o indivíduo entre em contato com seu interior. A discussão caminhou dentro de um contexto sócio histórico, psicológico, econômico e transpessoal. Esta pesquisa possibilitou trazer à luz o entendimento que as escolhas realizadas no decorrer da vida não acontecem em uma determinada fase, idade ou tempo; elas estão presentes em todo o percurso do ser humano obrigando-o a tomar decisões, que, por vezes, o levam a abdicar de algo. Esse processo não tem um fim em si, ele transcende um espaço, indo além do nascer, viver e morrer, implicando expectativas, sonhos, esperanças, desejos e decisões, não apenas do indivíduo em si, mas de uma família, comunidade, sociedade e de seus antecedentes. O ato que aparentemente parece simples encontra-se em uma trajetória e história familiar e social que não se pode ignorar e nem afirmar que culminará em total esquecimento daquilo que se deixou para traz e sim, em resgatar, de forma harmoniosa o que, um dia, foi abandonado. Considerando os aspectos pontuados, esperamos que este trabalho possa servir como fonte adicional de consulta e interesse para todos aqueles que têm na escolha profissional sua área de atuação, bem como aqueles que buscam compreender o processo de resgate da profissão relegada.

Palavras chave: Orientação Profissional, Identidade, Psicodrama Pedagógico, Educação, Relações Humanas.

ABSTRACT

This thesis has as main purpose to present an original contribution in the study of the importance, in the human life, of the professions which were left in the moment of vocational choice. To perform this kind of analysis was necessary, at first, to come back to some concepts about work, without forgetting factors which were present at the moment of the choice, such as the social representation of the professions including the influence of the society, family to create a professional human. In this process it was considered the desire, the function of unconscious and the ways to be in contact with the self. The discussion developed around the historic social, psychological, economic and transpersonal context. This research allowed to present the possibility to raise a further understanding that the choices made during life span do not happen in an exact stage, age or time, but it is present during all life, sometimes forcing us to make decisions that could mean some kind of abdication. This process usually does not have an end in itself, it transcends spaces going beyond birth, life and death, implying expectations, dreams, hopes, desires and decisions, not only by the individual but in her/his family, community, society and all the background. The act of choosing a career apparently looks simple but, it is on a historic process of the family and society and it is impossible to ignore or say if the professions left behind will be totally forgotten but, maybe will possibly be rescued in a harmonious-way Considering the aspects pointed, we hope that this research can be used as an additional source of data for everyone who interested in the career planning area as well as those who are trying to understand the process to rescue relegated professions.

Keywords: Professional orientation, identity, Pedagogic psychodrama, education, Human relationship.

RESUMEN

Este trabajo de doctoramiento tiene como intuito principal presentar una contribución original para el estudio sobre el lugar que ocupa, en la vida del ser humano, las profesiones que fueran olvidadas en el momento de la escoja profesional. Para que se pueda realizar ese análisis fue necesario, al principio, traer el concepto de trabajo, per pasando por los factores que están presentes en el momento de la escoja; la representación social de la profesión, incluso entendiendo la importancia de la sociedad, familia y grupo en esta construcción del ser profesional. En este proceso, se buscó desvendar el papel del deseo y del inconsciente y los canales que posibilitan que el individuo haga contacto con su interior. La discusión caminó dentro de un contexto socio histórico, psicológico, económico y transpersonal. Esta investigación posibilitó traer a la luz el entendimiento que las escojas realizadas a lo largo de la vida no ocurren en una determinada fase, edad o tiempo; ellas están presentes en todo el recorrido del ser humano lo obligando a tomar decisiones, que, por veces, lo lleva a abdicar de algo. Ese proceso no tiene un fin en sí mismo, él transcended un espacio, yendo más allá del nacer, vivir y morir, implicando expectativas, sueños, esperanzas, deseos y decisiones, no solo del individuo en sí mismo, pero de una familia, comunidad, sociedad y de sus antecedentes. El acto que aparentemente parece sencillo se encuentra en una trayectoria y historia familiar y social que no se puede ignorar ni tampoco afirmar que culminará en total olvido de aquello que se dejó para allá y si, en rescatar, de forma armoniosa lo que, un día, fue abandonado. Considerando los aspectos puntuados, esperamos que este trabajo pueda servir como fuente adicional de consulta e interés para todos aquellos que tienen en la escoja profesional su área de actuación, bien como aquellos que buscan comprender el proceso de rescate de la profesión relegada.

Palabras clave: Orientación Profesional, Identidad, Psicodrama Pedagógico, Educación, Relaciones Humanas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Porta de conexão com o mundo	16
Figura 2- Relações sujeito/profissão	20
Figura 3- Relação ser humano e as escolhas	24
Figura 4- Influências na formação da criança.....	29
Figura 5- Homem Transcendental.....	36
Figura 6- Infinito	38
Figura 7- Yang e Yin- Futuro e passado	39
Figura 8- Organização da representação dos objetos.....	50
Figura 9- Frestas de uma janela- A esperança	53
Figura 10- A ilha- o eu interior	57
Figura 11- Os símbolos na formação do homem	60
Figura 12- O nascimento do novo homem	65
Figura 13- porta dos sentidos.....	69
Figura 14- Os sentidos na conexão com o mundo.....	71
Figura 15- O homem em ascensão	73
Figura 16- Transcendência do ser humano.....	75
Figura 17- Espelho dos sentidos	80
Figura 18- Olhos, porta do conhecimento	82
Figura 19- O olhar	83
Figura 20- A origem- O homem se ligando ao divino	87
Figura 21- Jano- Passado e presente juntos.....	91

Figura 22- Encruzilhada das escolhas	94
Figura 23- Fenomenologia na interpretação	95
Figura 24- Caminho Percorrido	133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Área de profissão.....	101
Gráfico 2- Opção profissional área humanas	102
Gráfico 3- Opção profissional biológicas	103
Gráfico 4- Opção profissional Exatas	103
Gráfico 5- Outras opções de profissão	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 A importância da profissão	7
2.2 Os fatores presentes na escolha de uma profissão	14
3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLHA DA PROFISSÃO	47
3.1 O desejo e o papel do inconsciente no processo da escolha	59
3.2 Em busca de canais que permitam o encontro interior	66
4 MÉTODO	93
4.1 Os participantes	96
4.2 Procedimentos para coleta dos depoimentos	98
4.3 Procedimentos para análise e interpretação dos depoimentos	99
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	101
6. IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS	111
REFERÊNCIAS	119
MEMORIAL	133
ANEXO 1	139
ANEXO 2	141

1 INTRODUÇÃO

E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despessoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. [...] A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela. [...] A desistência tem que ser uma escolha. Desistir é a escolha mais sagrada de uma vida. Desistir é o verdadeiro instante humano. E só esta, é a glória própria de minha condição. A desistência é uma revelação.
Clarice Lispector

As escolhas que acontecem no decorrer da vida não acontecem em uma determinada fase, idade ou tempo; elas estão presentes em todo o percurso do ser humano obrigando-o a tomar decisões e abdicar algo. Esse processo não tem um fim em si, ele transcende um espaço, vai além do nascer, viver e morrer. Implica expectativas, sonhos, esperanças e decisões, pois aquilo que foi deixado nem sempre morre e desaparece; às vezes, as expectativas daquilo que não foi, ficam latentes, podendo causar frustrações.

O ato que aparentemente parece simples encontra-se em uma trajetória e história familiar e social que não se pode ignorar e nem afirmar que culminará em total esquecimento daquilo que se deixou para trás. Está presente em todo o desenrolar da existência do ser humano inclusive na escolha da profissão, a qual carrega características temporais, espaciais e também econômico, social, psicológico.

Depois de escolhida a profissão a seguir é estabelecida uma relação com o trabalho, que nem sempre poderá afirmar que dentre as opções que existiam, aquelas que foram preteridas não continuarão presentes na relação sujeito profissão, pois estas, muitas vezes, procurarão um espaço para aparecer e sanar a lacuna deixada.

Entendendo esse caminho melhor, recorreremos a Moreno (1984) que nos traz uma visão sobre o indivíduo como parte do meio ao ressaltar que a criança, ao nascer, antes de ter a noção de “eu”, da personalidade e da construção da linguagem falada, ocupa um espaço junto dos seus cuidadores, e estes, atribuem expectativas, desejos, tensões, anseios e sonhos, deles e de seus ancestrais, em relação a ela, formando um vínculo transgeracional que fará

com que a criança desenvolva papéis sociais para contemplar este bojo de informações intrapsíquica que, juntamente com a relação estabelecida com a sociedade, traçará o seu caminho de escolhas e decisões.

São os sonhos da família em relação ao futuro, a força dos antepassados com seus desejos não concluídos, as relações estabelecidas com seus pares junto com as demandas profissionais da sociedade que irão conduzir o sujeito para uma ou outra profissão.

Nesse contexto, a predeterminação da criança abrange condições: sócio-econômicas, geográfica, cosmológica, intra e interpsicológica; que permearão as expectativas dos mais próximos em relação ao papel que ele desempenhará na sociedade e, ao analisar as escolhas e as frustrações que as mesmas desencadearão, a escolha é feita. Deve-se levar em consideração que as profissões a serem escolhidas escondem histórias de família, de grupos de amigos, de professores e de concepção sobre o ter uma profissão e o ser um profissional daquela área. Por isso, a importância de se verificar o lugar ocupado do “não escolhido”.

Essa discussão está ligada a uma questão dialética e fenomenológica existencial que contará com o apoio dos teóricos Jacob Levy Moreno e Carl Gustav Jung que concebem o ser humano como algo que transcende o corpo, a alma, a mente e a sociedade, estando estes, em constante relação, sendo o ator e o sujeito do processo interrelacional, sujeito - meio e vice versa e o teórico de Serge Moscovici que auxiliará no entendimento da construção da representação de um objeto no ser humano e como essa representação é utilizada para resolver os problemas existentes na sociedade.

O ser humano exerce vários papéis sociais que são determinados culturalmente como ser homem, mulher, marido, esposa, filho, trabalhador, amigo e tantos outros que o compõem e fazem com que as aflições sejam mais fortes, pois nem sempre dão conta de satisfazerem uma necessidade interna do sujeito, mas sim uma demanda social dentro de toda carga hereditária recebida. Nesta perspectiva, as relações são construídas na ideia e nas experiências do encontro entre os atores que vivenciarão experiências mútuas.

Nesse percurso de busca, encontramos Freud (1975) que levanta a ideia de trabalho bem como o amor na condução do indivíduo à felicidade e atribui, ao trabalho, um espaço que possibilita gasto de energia libidinal,

direcionando-a as atividades socialmente aceitas e estabelecendo, com o outro, relações de direito e deveres. Desta forma, pode-se afirmar que ser indivíduo dentro de uma sociedade, requer uma constante situação de escolha e, esta, nem será satisfatória, pode causar frustrações.

Entendendo que felicidade é um processo que se encontra na cultura e na história do sujeito e que transcende a resolução dos problemas apresentados, uma profissão bem resolvida, a qual o sujeito se encontra inserido no mercado de trabalho e socialmente reconhecido, não garantirá que este seja feliz e nem que a profissão abdicada anteriormente tenha sido esquecida. Uma questão intrigante que percorrerá o trabalho na busca de uma resposta.

Se o indivíduo projeta algo para si influenciado por vários fatores internos e externos, naturais e sobrenaturais, a profissão escolhida, mesmo estando esse indivíduo colocado e estabelecido socialmente pode trazer frustrações devido ao fato da perspectiva da outra profissão trazer possibilidades diferentes e realizações de uma face do sujeito. Será que toda profissão abdicada resultará em um conflito interno? Como são elaborados esses conflitos ou frustrações? Deste modo, levanta-se a hipótese que a(s) profissão (ões) não escolhida(s) pode (REM) estar presente(s) em outras atitudes desse sujeito compensando a não escolha, não sendo totalmente abdicadas e esquecidas, mas sim transferida para outro patamar ou posto na tentativa de solucionar uma possível frustração.

Com a inquietação sobre onde fica a profissão não escolhida e acreditando que a mesma está presente em atitudes e hobbies, a pesquisa propõe investigar esse espaço do abdicado, buscando o lugar que ela(s) ocupa(m) nessa trama social. Numa escolha que envolve fatores que vão além do controle de cada indivíduo.

Na encruzilhada que se encontram as decisões a serem tomadas a pesquisa qualitativa e a fenomenologia possibilitaram trazer à luz os aspectos antes considerados subjetivos não passíveis de analisar. Levando-se em conta que o ser humano deve ser considerado e entendido dentro de sua multiplicidade de papeis e situações que se encontra, não se pode ignorar as múltiplas facetas existentes e nem acreditar que todos são iguais dentro de

uma mesma condição, estagnando-o e impedindo-o de manifestar a sua singularidade.

Essa pesquisa buscou trazer a frente àquilo que, na maioria das vezes, fica atrás, escondido, entendido como resolvido. A escolha quando acontece e, mesmo a pessoa declarando-se satisfeita com a situação a qual se encontra na sociedade, no grupo e em relação a seus pares, pode deixar algo não resolvido que essa pesquisa buscou esclarecer.

A psicologia transpessoal possibilita entender o homem como um ser que faz parte de algo maior, deixando-o vulnerável a influências “invisíveis” que ele não saberá explicar ou mesmo entender o caminho que foi escolhido e percorrido por ele.

Para entender essas escolhas abdicadas, foi elaborado um questionário piloto (anexo1) para verificar se as questões estavam claras, diretas e se daria respaldo à pesquisa na busca de entender o lugar que o não escolhido ocupa na vida das pessoas.

Neste primeiro momento foi entregue a cinco professores universitários de uma determinada universidade particular, de cursos diversos- Administração (1), Direito (1), Enfermagem (1) e Pedagogia (2), que se consideravam, de certa forma, realizados dentro da profissão escolhida. Considerando realização o que eles mesmos colocavam como conceito, não tendo a preocupação, desta pesquisa, questionar o que é estar realizado.

Todos os sujeitos estavam na profissão a mais de dez anos, com salários dentro do padrão, não sendo o salário e nem o desenrolar da profissão um fator de repensar da escolha. Tinham sua carga horária preenchida conforme suas necessidades, podendo escolher a aula e ou campus a trabalhar, considerando que a universidade possui multi campi.

Após explicar o objetivo do mesmo, ele foi entregue ao professor pessoalmente. Durante o questionário várias questões foram levantadas, o que levou a repensá-lo e melhorá-lo, a fim de deixar mais claro o seu objetivo.

Na análise do questionário piloto percebeu-se que, dos cinco respondidos três no primeiro momento, alegaram não terem outras opções no momento da escolha, porém no decorrer do mesmo, demonstraram que trabalhavam com o outro desejo, no seu cotidiano. Uma advogada que, a princípio declarou ter sido o direito a primeira e única opção, na questão “o que

“você faz para compensar esse desejo não realizado?” relatou resolver seu desejo de jornalismo na escrita de seus processos; e a pedagoga que não via a psicologia como fazendo parte das opções na mesma questão relatou gostar de ministrar aula de psicologia da educação, pois tinha uma afinidade com a disciplina, resolvendo a possível questão da psicologia. Um administrador de empresa que fez mestrado na área de Marketing e ministra aula no curso de Propaganda e Marketing noite, após sair da empresa. Na questão “como seria se você tivesse feito o curso desejado?” todos alegaram não saber, pois não fizeram e não conseguiam imaginar essa situação para uma resposta confiável. Como o questionário estava deixando esta lacuna, foi necessário repensá-lo para, posteriormente aplicá-lo na segunda e última versão. (anexo 2)

Refeito o questionário foram escolhidos 32 profissionais de áreas diferentes, para dar uma visão do todo e não apenas a uma área.

O trabalho se dispõe da seguinte forma: na fundamentação teórica discutiu-se a profissão como inserção do ser humano no mundo de produção e transformação fazendo com que ele se inclua em um grupo, contribua para melhoria da qualidade de vida e, com isso, chegue a uma parte da busca de sua felicidade. Foram abordados os fatores que presentes no momento da escolha da profissão, levando em conta toda a história percorrida e trazida pelo ser humano com também a fase a qual é feita.

O segundo capítulo percorre o caminho da representação social, como a população ou o grupo constrói o conceito de profissão e do trabalho ressaltando a esperança que guarda esse momento e o papel do desejo e do inconsciente nesse percurso da escolha.

O segundo capítulo contemplou o projeto piloto e sua trajetória.

No terceiro foi guardado o espaço da discussão dos sujeitos entrevistados, o procedimento da coleta e a análise realizada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os tesouros culturais serviram a dois propósitos: ajudaram em situações ameaçadoras e garantiram a continuidade da herança cultural. Quanto mais desenvolvido o tesouro cultural, quanto mais amplamente divulgado tanto maior a sua influência. Mais atenção deu-se a sua integridade e perfeição e, raramente, o povo sentiu a necessidade da inspiração momentânea.
Jacob L. Moreno

Nesse capítulo será discutida toda a trajetória de uma escolha profissional, buscando entender o caminho percorrido e as influências sofridas. Entender que a escolha embora seja individual tem raízes que vão além do visível.

O fazer é uma continuidade do ser humano desde seu surgimento, fazendo-o pertencente de um grupo, cultura e sociedade. Tornando-o humano e diferenciando-o dos demais animais. O resultado do seu trabalho designou-o e colocou-o na escala de importância dentro do grupo. Disso resulta a importância de se compreender como acontece a escolha e o que acontece com o não escolhido

2.1 A importância da profissão

Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos. Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos.
Hannah Arendt

O ser humano, desde o surgimento do mundo executava atividades manuais e, de certa forma intelectual no planejamento e na execução; interagindo com a natureza para a preservação da espécie e alcançar melhores condições de vida. Caçava, pescava, plantava, fazia cestas, instrumento de caça e defesa pessoal e de seu grupo. Era um trabalho informal, não institucionalizado, porém necessário para a sua subsistência. O ser humano foi diferenciando-se do animal pelo produto do seu trabalho e a transformação da condição de vida por esse fato. Quando começou a produzir o meio de sua

subsistência e pensar na possibilidade de sanar as necessidades posteriores, seu conhecimento e habilidades foram sendo cristalizados no material produzido. Um trabalho pensado, planejado, não apenas para o momento, mas para o amanhã. O fazer história na produção duradoura, deixar algo pronto a ser visto e apreciado.

Para Arendt (1993), material criado carrega em si a habilidade e a criatividade do criador. Não ignorando o valor da consciência, da religião, foi no trabalho, no propósito de sua ação, que o indivíduo se fez diferente do animal, o que dá ao trabalho e a escolha, um valor e um peso importante como fator decisivo na formação do “ser”.

Tanto nos seres racionais quanto nos irracionais o instinto de sobrevivência faz parte da disposição natural das espécies para se manterem vivas e, as necessidades primárias, que são as fisiológicas e segurança, estudadas por Maslow gastam energias para supri-las, porém enquanto que no animal essas necessidades bastam em si o homem necessita de auto realização e de satisfazer o seu ego. Transformar e criar.

Quem é esse indivíduo? O que produz? Qual sua representabilidade na sociedade?

Se analisarmos as relações estabelecidas pelo homem ao longo da sua vida perceberemos que é no convívio com o outro que ele se constitui e interage, transformando e criando objetos e situações para melhor se adaptar à realidade que se apresenta. A sua representabilidade vai constituir-se nos interesses dos sujeitos e nas inscrições sociais e culturais que pertencem. Será na interação entre sujeito e sociedade, na construção da realidade daquele grupo social que o ser humano se constituirá e se fará presente.

As representações sociais construídas a partir das relações, da comunicação entre os sujeitos que possibilitarão, ao indivíduo, a construção de conceitos, valores sobre o mundo e sua inscrição na sociedade e na cultura que se encontra. É na produção e na comunicação entre os sujeitos que o ser humano se preparará para agir e transformar a sociedade e ou uma situação. Ele é um ator social que atua e analisa as representações de outras épocas e sujeitos, transformando-as ou perpetuando-as.

Ele passa a ter valor pela sua produção, por aquilo que ele pode proporcionar à sociedade a qual está inserido. Para Frigotto (1995) o sujeito

modifica o mundo e se modifica ao interagir e dominar a realidade que o circunda. Produz objetos alterando seu jeito de ser e de se portar em uma ação participativa da sua história individual e grupal. É um movimento historicamente conhecido e executado na busca da manutenção, reprodução das necessidades físico-bio-emocional.

Faz parte da existência humana a relação estabelecida com o mundo, com a produção e com a apropriação, pelo trabalho, da natureza tendo como objetivo transformá-la a seu favor. É nessa dinâmica que se estabelece as condições existenciais biológicas, sociais, culturais e educacionais do homem que está no mundo para fazer história, na transformação da natureza e recriação da matéria.

É na relação com o outro e com o meio que acontece a diferença entre o animal racional e o irracional. É na possibilidade de enxergar o futuro de maneira diferente, pensar no amanhã, ser capaz de transformar, construir, criar e recriar objetos fazendo cultura, que o homem se diferencia do animal e dos demais seres. Retirar essa condição é negar a evolução da espécie, impedindo de existir conforme sua filogenética. É nesse movimento que se projeta a importância do trabalho para a espécie humana.

O trabalho para o indivíduo imprime, no momento da escolha profissional, um valor significativo, imbuído de expectativas futuras, de melhora de vida e situação. Arendt (1993) ressalta que o trabalho leva o homem para a vida do mundo, pois não se preocupa com o ciclo da vida e sim com criação de artefatos para melhorar sua condição de vida. Para a autora, a ação humana é uma atividade entre os homens, na condição política (*bio politikos*), espaço guardado para a liberdade, capacidade de reger o destino, pois a ação é uma condição fundamental humana, necessitando da presença do outro.

Nesse movimento, entendendo o humano como aquele capaz de fazer história, construir sua história, na ação transformadora do meio, melhorando a condição da sua vida e daqueles que o rodeia. A escolha do que vai fazer passa não somente pelo seu único desejo, mas, sofre influência de todos que fazem parte da sua relação social. Nesse sentido ela passa a ter força na família, amigos e sociedade, pois dependendo da sua decisão a condição social, econômica e cultural do grupo pode ser modificado, mudando a história de uma geração.

A relação com o outro e com o meio impõe mudanças de condição, de status e de posição dentro do grupo. O indivíduo está preso às representações capitalistas, as quais apresentam o valor do ser humano no trabalho e no que ele é capaz de produzir, nas relações sociais que se fomentam do interesse de uma sociedade melhor e produtiva.

De acordo com Arendt (1993, p.157)

O homem é como disse Benjamim Franklin, um “fazedor de utensílios”. Os mesmos instrumentos que apenas aliviam a carga e mecaniza o labor do animal *laborans* são projetados e inventados pelo *Homo faber* para construção de um mundo feito de coisas; a conveniência e a precisão desses instrumentos são ditadas pelos fins “objetivos” que ele inventa a seu bel-prazer, e não por necessidades ou carências subjetivas.

A fabricação de objetos e utensílios do “*homo faber*” é o resultado do trabalho em cima de algo que foi retirado do meio natural pelo homem, para satisfazer uma sensação de poder, força e realização de si mesmo. O fazer é determinado pelo meio no qual o sujeito está inserido e o produto de seu trabalho servirá para atender a necessidade própria, a da sociedade, a da família e as outras que podem estar inseridas no contexto de sua existência. Assim numa sociedade de consumo o homem retira da natureza mais do que precisa para sua sobrevivência mostrando ao “outro” o seu poder de transformação e de produção do bem de consumo. Uma relação de afirmação social.

Nesse movimento de fazer para subsistência e fazer para transformação esbarra-se em dois conceitos - labor e trabalho.

Arendt (1993) diferencia labor de trabalho, dizendo que o labor não tem começo e nem fim, ele está preso no movimento vital do corpo, da sobrevivência humana, é necessário para manutenção do humano, faz parte da sua natureza, nascer, percorrer um caminho e morrer e, nesse processo, a manutenção da espécie e a interação com o natural para a sobrevivência acontece de forma a atender as necessidades fisiológicas da espécie. O trabalho se encontra num espaço reversível, “tudo que é produzido por mãos humanas pode ser destruído” (p.157), ele é dirigido por modelos de construção, de produzir algo para facilitar e ajudar na sua subsistência e manutenção hierárquica da espécie.

O trabalho se apresenta de forma diferente do labor no sentido de transformar algo para o seu bem estar. Fazer cultura, transformar a natureza para satisfazer, facilitar a vida, melhorar condições de sobrevivência e mostrar poder. É finito, tem começo, meio e fim, enquanto o labor não tem um fim é o agir, diuturnamente para sua existência. Encontramos o homem como fazendo parte da natureza, portanto, agindo com intenção de manter a sua espécie (labor) e o homem como parte de uma cultura, transformando o meio para construir instrumentos, mecanismos que facilitem sua ação nesse meio e melhore sua vida (trabalho).

Nessa atividade, a pluralidade humana se faz na ação, seres humanos coabitando o mundo e interagindo, um trabalho com mediação entre o sujeito e a natureza, diretamente se relacionando. Para Aristóteles (1999) só podemos decidir sobre as coisas que estão em nosso alcance e que podemos realizar, pois o princípio motor está em nós mesmos, na ação, no fazer. A condição humana está no campo das realizações, do fazer e, no contexto histórico que vivemos a cultura, as relações e a ação são necessárias para que o homem viva e conviva com seus semelhantes.

Moreno (1974) ressalta que o ser humano só pode ser-se dentro de uma relação interpessoal que inicia nas relações entre pais, irmãos, avós e familiares traçando a sua primeira inserção na sociedade, instituindo-se como ser social, integrado em uma cultura e necessitando do outro para sobreviver.

Ao nascer, o homem necessita de cuidados e de alguém que o integre no grupo que ora o atrairá para perto, ora o repudiará, afastando-o. E, nesse movimento de vir e ir, que sua personalidade será formada aprendendo a viver e conviver no seu grupo, diferenciando-se de alguns animais que, ao nascerem, já conseguem sobreviver.

Suas ações transformadoras que buscam qualidade e melhora das condições de vida dentro das relações sociais, uma interação plural nas relações e a ação - o labor e o trabalho - nos remetem a uma vida ativa, em movimento, caracterizando-o como um indivíduo é histórico que se define no fazer, produzir e transformar a natureza pelo seu trabalho, sendo concebido nessa relação com o meio e no que é estabelecido nesse devir.

A história humana compreendida por uma totalidade maior, a qual determinará as ações dos indivíduos pela soma dos investimentos na aquisição

de conhecimentos que este obteve que não será eliminado com o tempo, diferente do capital econômico que é finito.

O conhecimento está de certa forma, relacionado com a profissão escolhida, pois ela é representação daquilo que o ser humano é capaz de fazer no processo de transformação e contribuição para o grupo que o insere. O trabalho imprime o valor da escolha da profissão, já que ele faz história pela sua ação transformadora e, com isso, levanta uma expectativa social quanto o que irá escolher e ou fazer.

No sistema social capitalista o indivíduo não guarda um valor em si próprio, o valor está no que ele é capaz de produzir e trazer de benefício para o meio em que se insere. O “homo economicus”, produto do sistema social capitalista, que se preocupa com o que o homem é capaz de produzir e não o que ele é como ser participante do meio.

O capital humano traz o conceito de ser humano como produto do meio e a qualidade de trabalho é resultado da formação escolar, incluindo formação profissional, pois ele atuará no meio, transformando-o. O indivíduo busca meios para se destacar na sociedade, conseguir uma condição de vida melhor no futuro, busca aumento de renda, melhoria na condição social e elevação do status social.

É o resultado do investimento em educação e preparo para o trabalho que eleva o rendimento pessoal de forma positiva no futuro, o que faz com que a carga psicológica imposta no momento da decisão de qual profissão escolher, além de ser forte seja envolta de expectativas dos vários grupos que o sujeito pertence.

Todo o investimento na educação e no preparo pessoal tem por finalidade buscar melhorar as habilidades e conhecimentos humanos que abre possibilidade de melhorar a renda e a condição que as pessoas se encontravam anteriormente. A educação e o investimento no conhecimento têm um objetivo maior, que é alcançar um futuro promissor. A sociedade pós-moderna aponta para um perfil de cidadão dinâmico, qualificado e que tenha conhecimento sobre a área profissional escolhida.

No séc. XXI, além do saber fazer e do conhecimento espera-se que, na correria e pressa de resolução dos problemas, novas formas de ver/olhar o mundo e a vida; criar; recriar e transformar ações na resolução de problemas

esteja presentes no profissional atual. Nos tempos hodiernos, esperam-se trabalhadores dinâmicos frente às mudanças constantes do mundo.

Nesse caminhar é necessário, independentemente da profissão escolhida, desenvolver uma inteligência geral; ver, pensar e agir em cima de um problema. Criar habilidades requer trazer a tona à criatividade que a muito foi aniquilada pela sociedade e saber aplica-la na profissão escolhida para que se tenha um resultado, que atenda a demanda social. Dentro dessas exigências sociais podemos optar por uma profissão que requeira uma das inteligências apresentadas acima, o que não garantirá que a escolha do que será feito ocultará a expectativa abandonada daquela profissão que não foi escolhida. Se a abdicada não ficará presente em nosso inconsciente, buscando se manifestar de alguma maneira.

O enigma da escolha profissional se encontra no fato de acreditarmos que temos o controle do que estamos escolhendo, o que não representa a realidade. Nossas escolhas estão imbuídas de desejos sociais, mercadológicos, ambientais e psicológicos difíceis de serem identificados no momento da escolha e mesmo depois, quando já estamos exercendo a profissão.

Lehman (1999) destaca alguns pontos sobre a modificação do mundo de trabalho e ressalta que a identidade profissional está desmoronando e os adultos, mesmo depois da escolha feita, não veem sentido na escolha, devido às mudanças sociais que aconteceram de forma rápida e acabaram enfraquecendo as estruturas sociais sendo ela a família, a cultura, a igreja e as associações e aquilo que antes poderia ser algo mais fácil de fazer (a escolha) acaba se tornando um processo árduo e demorado que ao passar do tempo, com a profissão estabelecida, à frustração e insatisfação podem aparecer sem que o indivíduo perceba.

Nesse sentido o autoconhecimento e identidade devem ser trabalhados ao longo da vida e do processo educativo do ser humano, na interação indivíduo e objeto dentro do meio social.

2.2 Os fatores presentes na escolha de uma profissão

De onde vens para onde vais?" Foi a pergunta que a rainha fez para a Alice.
Lewis Carroll

O dicionário Aurélio Ferreira (1999) nos apresenta algumas definições de profissão, dentre elas temos: 1. Ato ou efeito de professar; 2. Atividade ou ocupação especializada e que supõe determinado preparo: a profissão de engenheiro; a profissão de motorista; 3. Ofício; 4. Profissão que encerra certo prestígio pelo caráter social ou intelectual... 5. carreira... 6. meio de subsistência remunerado resultante de um trabalho, de um ofício: não tem profissão...

A profissão implica uma atividade especializada que envolve escolha, abdicação, esperança, desejos e uma fonte de subsistência.

A escolha da profissão é um processo que não se inicia e termina no ato em si da decisão de qual curso e ou área seguirá; ela tem o seu início no nascimento, com as expectativas dos pais e parentes em relação ao futuro da criança que se apresenta para o mundo e percorre todo o trajeto de desenvolvimento da personalidade. São os sonhos da família em relação ao futuro, a força dos antepassados com seus desejos não concluídos e as demandas profissionais da sociedade que irão conduzir o sujeito para uma ou outra profissão.

A predeterminação da criança abrange condições sócio-econômicas, geográfica e psicológica que permearão as expectativas dos mais próximos em relação ao papel que ele desempenhará na sociedade. Ao analisar as escolhas deve-se ter em mente que nelas se escondem histórias de família, grupos de amigos, professores e concepção do que é ter uma profissão.

Assim, Moreno (1984) nos traz uma criança que ao nascer, ocupa um espaço físico junto àqueles que dela cuidam um espaço que ele denomina de virtual, que dispõe de expectativas, desejos, tensões não vistas, mas sentidas inconscientemente por ela, que proporcionarão condições iniciais para o seu desenvolvimento. As pessoas que a rodeiam passam, de forma inconsciente, os anseios, frustrações, desejos não resolvidos e expectativas

delas e de seus antepassados. Um vínculo transgeracional. Nesse clima, a criança irá desenvolver o papel que a sociedade espera dela a partir do que receberá do meio. Seu legado está sendo traçado e o caminho dependerá da relação com o seu grupo.

Para o autor, vivendo e desenvolvendo-se nas relações interpessoais a criança, logo que nasce, é inserida no grupo de relações sociais, sendo a mãe o seu primeiro ego auxiliar¹, aquela que a guiará e mostrará qual o seu papel na sociedade que se inseri.

O indivíduo por nascer numa sociedade dinâmica precisa de outros para sobreviver e se constituir como agente ativo. Desde o nascimento nota-se a participação da criança demonstrando o quanto ela é ativa e aberta a aprender e a conviver em grupo. Essa espontaneidade, do fazer criativo, está presente no útero materno e ela vai se desfazendo, sendo inibida, devido a fatores ambientais, afetivo-emocional e psicológico. A criança fecha as portas de comunicação com seu interior impossibilitando, posteriormente, que ela compreenda algumas situações de sua vida ou o porquê de algumas decisões tomadas.

A porta guarda o significado das possibilidades, e quando se fechada impede a conexão com o mundo exterior ou interior e com o outro; quando aberta se torna o canal de comunicação, do sentimento da aceitabilidade, da aprendizagem e da percepção sobre as relações que são estabelecidas.

¹ Moreno define **ego auxiliar** como um “eu” mais desenvolvido que ajuda um eu menos desenvolvido e baseia-se no clássico modelo da relação mãe - bebê.



Figura 1- Porta de conexão com o mundo
Fonte: Verdadexpressa, 2011

O ser humano se empenha em tornar-se aquele que sempre foi aquele que já estava presente no ovo, que habita a semente. Ele está dentro dele mesmo, ele nasce inteiro e caminha para a plenitude, na busca de um conhecimento interior. Esse processo requer uma abertura do espírito para uma sabedoria interior e um despertar gradativamente do sono profundo que o possibilita caminhar ao rumo da inteireza do ser, experimentando uma visão completa de si mesmo.

Quanto mais conectados com o mundo e a natureza, oportunizando o fluir da intuição, mais se entenderá os caminhos presentes na trajetória da vida e os acontecimentos, clareando as decisões a serem tomadas. Saber abrir a porta da percepção e conectar-se ao mundo é um aprendizado constante.

A sociedade, com a constante pressa do imediatismo, esquece-se da essência, daquilo que nos leva a tomar decisões, o vínculo de filiação instituída nas relações com o grupo. Para se conseguir entender os caminhos faz-se necessário desenvolver a espontaneidade, engolida pela sociedade moderna. Na busca de resolver as diferenças passadas e as dívidas herdadas pela emoção, mesmo que inconscientemente. O ser humano é, na maioria das vezes, o que o meio espera dele, seja ele psicológico ou social.

A criança cresce e se desenvolve nesse ambiente de conflitos e desejos não realizados e não identificados e ao chegar à adolescência, ao fazer suas escolhas, busca atender as expectativas e obter sucesso, felicidade, status ou dinheiro. Nessa perspectiva, após escolhida uma profissão deixa-se

para traz algumas possibilidades que não sabe se seriam melhores ou melhores sucedidas. Nesse deixar algo para traz, depara-se com o grau de satisfação, positiva ou não, da escolha realizada e com o questionamento sobre para onde foi aquilo que se deixou de fazer? O que aconteceu com o não escolhido?

Entendendo que a escolha não é tão simples e envolve muito mais que escolher o seu futuro profissional, mas o quanto ela dará conta das demandas e expectativas psicológicas sociais e familiares é importante entender quais fatores estão presentes e influenciam nessa escolha. Moreno, criador do psicodrama, dedicou parte de seus estudos na pesquisa sobre os diferentes papéis incorporados pelo indivíduo, como do filho (a), esposo (a), amigo (a), tio (a) sendo um desses papéis a profissão, que, junto com os demais fará parte da formação do “EU” individual.

Moreno, com sua teoria de um homem cósmico, pleno, que transcende o aqui e agora traz, junto com outros teóricos, a discussão sobre uma forma de ver e ter o homem diferente das demais teorias que o antecederam. Cabe neste espaço, traçar o percurso dos olhares da psicologia, para com o ser humano.

A psicologia depara-se com quatro linhas diferentes, ou melhor, quatro forças que interpretam o ser humano e seu desenvolvimento de acordo com sua filosofia, portanto entende a escolha profissional com o enfoque que sua teoria discute o indivíduo e todo o processo.

A primeira força, a Psicanálise representada por Freud, divide a psique em três instâncias, id, ego e superego; que se combinam entre forças motivacionais, o cognitivo e a moral; formando uma teoria psicológica, forças internas controlando o ser humano.

A segunda força, o comportamentalista – Behaviorista representada por Watson, Pavlov e Skinner, entende que o ser humano é controlado externamente. Retira a subjetividade existente na psicanálise e traz a objetividade o controle do ser humano pelo meio o qual está inserido. O estudo do comportamento, o entendimento de como os seres humanos aprendem o condicionamento, o estímulo e resposta, são pressupostos essenciais para o desenvolvimento do indivíduo.

A terceira força, o Humanismo, representada por Rogers e Maslow, discorda das visões anteriores que buscaram compreender o ser humano passível ora de controle interno ora de controle externo. Ela trouxe a ideia de um ser humano mais complexo e integrado com o todo, com qualidades e potencialidades, que serão desenvolvidas conforme necessidades, desejos e conexão como o outro e com ele mesmo, sendo capaz uma relação interpessoal significativa.

A quarta força, a qual será a base deste trabalho, é a psicologia Transpessoal, que traz Jung e Moreno como um de seus representantes e tem uma visão do ser humano ligado ao cosmo, valorizando todos os campos de experiências, sendo ela religiosa, mítica, espiritual. Acredita-se que essa teoria foi uma extensão da humanista que já entendia o ser humano integrado com algo mais amplo que motivações e emoções internas e estímulos externos. Essa força acredita em memórias corpóreas que o ser humano carrega dos antepassados, um espaço que permite guardar acontecimentos, desejos, frustrações e valores, os quais auxiliam o ser humano na busca de alcançar a perfeição.

Essa teoria acredita que o ser humano está inserido em um universo maior, não sendo o centro, mas sim um dos elementos em busca da evolução. Elementos como a busca de evoluir a consciência de forma a perceber o todo e reconhecer as energias que rodeiam o ser humano; a existência da Super Consciência; transcender aos elementos do Ego; existe uma unidade entre as coisas que pode ser denominada de Divino, Cosmo ou absoluto e a concepção de que o mundo exterior é uma projeção do cérebro de cada indivíduo, constituem a base dessa força.

Psicólogos Transpessoais afirmam que desde a idade da Pedra, há evidências de pessoas de diferentes contextos sociais que tiveram contato com realidades diferentes. Com base na teoria de Maslow e outros essas experiências acontecem de forma repentina sem um planejamento e trazendo a sensação de compreensão ampliada do mundo e de bem estar interno e aceitação maior do outro. Explicar essa experiência é quase impossível sendo representada, na sua maior parte de maneira simbólica.

Para Moreno (1974) o homem é um ser que transcende ao domínio do psicológico, biológico e natural, ele é cósmico integrado como todo,

recebendo informações e influências o ontem e do hoje na eterna busca do fazer-se.

Estudiosos que compartilham com a teoria de Jung e Moreno colocam o indivíduo como parte do todo, conectando-o com as energias de hoje, ontem e o amanhã. Esses acreditam que, para toda ação do ser humano é atribuída um sentido, que são feitas por algum motivo e para atingir algum objetivo (o antes e o depois da ação).

Como o sujeito interage como o meio o tempo todo, esse movimento de interação, desenvolve a capacidade de tomada de decisão, da escolha do caminho a ser seguido, pois na interação é solicitada a escolha do objeto, da situação, do desejo de estar com o objeto e de deixá-lo de lado. Esse exercício prepara o indivíduo para a vida e para as possíveis abdições que surgirão pela frente.

Bohoslavsky (2007) afirma que ao escolher, o sujeito está optando em deixar de fazer ou de “ser” algo e ao optar por uma determinada profissão está decidindo “ser” algo ou alguém que imagina e deixar de ser outrem por algum motivo. Fecha-se uma série de oportunidades e abrem-se outras que, podem não corresponder com a expectativa atribuída a elas.

Ao almejar uma profissão, almeja-se ser alguém que aquela profissão representa, é uma relação com um objeto que pertence a um espaço próprio e nos relacionamos com aquilo que foi construído em cima dele. Projetamos nela a imagem da realização. “Eu queria ser...”, “Eu quero ser...” frases que nos remetem a alguma pessoa que exerce essa profissão, seja ela parente amigo ou um personagem.

A figura abaixo ilustra a relação entre o sujeito e a profissão. As influências e interferência que ele sofre nesse percurso da escolha.

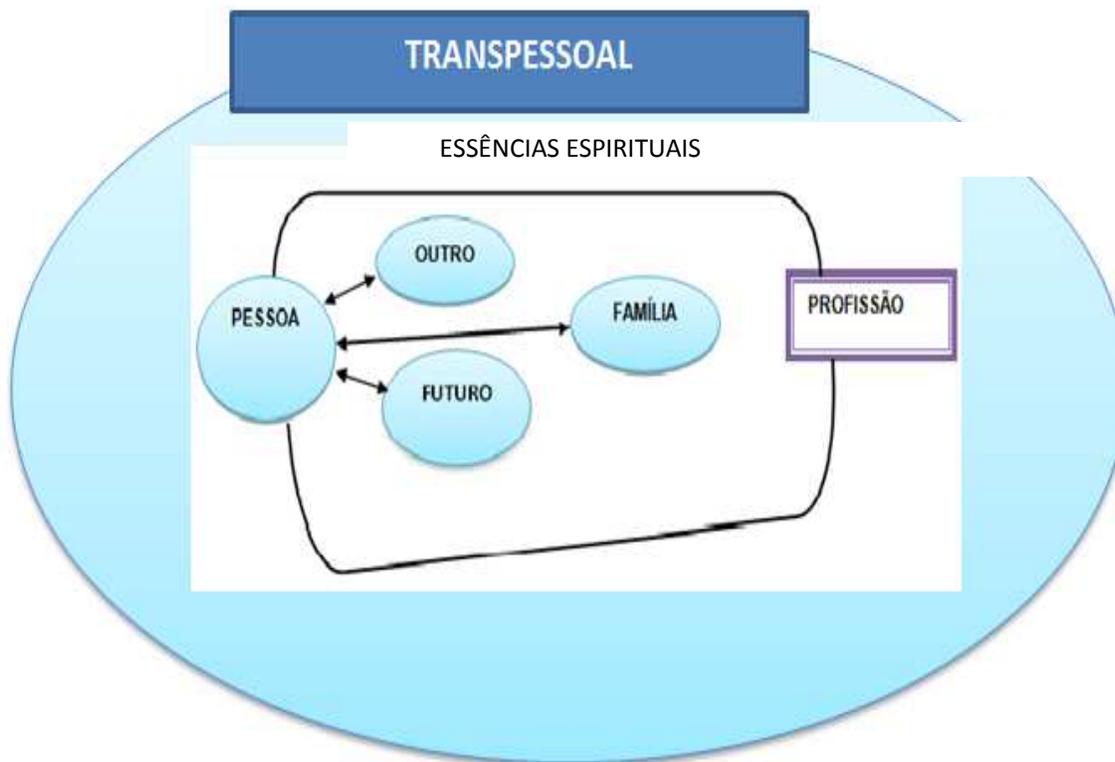


Figura 2- Relações sujeito/profissão
 Fonte: Próprio autor, 2013

Esta figura possibilita entender que no caminho para a escolha de uma profissão o indivíduo, como discutido anteriormente, passa pela influência da família, suas expectativas e desejos a serem realizados; pelos desejos e interesse do outro que o cerca; pela carga herdada de energia dos parentes, antepassados que ele poderá dar conta ou não de cumprir, pois essa relação nem sempre é entendida e bem resolvida no próprio sujeito e pela condição de atender as exigências do mercado e garantir o seu futuro.

Nesse diálogo encontramos o percurso da escolha profissional. A projeção do exercer a profissão de uma determinada pessoa – o “outro”, pois não é a profissão que nos atrai, mas a ação de alguém dentro dessa profissão que me leva o olhar para ela, o futuro que nela me aguarda e a expectativa de atender os anseios da família. Nesse gráfico encontra-se também toda a carga espiritual que o indivíduo traz e vivencia de todas as pessoas que o rodeia,

uma relação dialética que vai além do aqui e agora, ultrapassando a questão geracional.

Para melhor elucidar essa questão trabalhada na figura 2, cabe nesse momento, entendermos também, quais são os motivos que levam o indivíduo a escolher uma dentre várias profissões e trazer para a discussão os teóricos que estudam a influência das diferentes inteligências nesse caminho percorrido.

As inteligências que para autores como Gardner (1995), Wallon (1934/1995) e outros, influenciam na escolha da profissão, provêm, também, de fatores inatos, anteriores ao nascimento, herança de possíveis potenciais de antepassados para uma determinada área e, a sociedade, conforme a necessidade e a organização irão reforçá-los ou reprimi-los. Para esses autores, herdamos potencialidades de nossos avôs ou outrem, os quais serão desenvolvidos conforme o estímulo e necessidade do meio em que o indivíduo está inserido. Em algum momento essa potencialidade pode se manifestar e ser alimentada (estimulada) pelo meio que este estiver inserido.

Spencer e Wundt, fundadores da psicologia experimental, há uma inteligência única que vai se evoluindo conforme a relação estabelecida do sujeito com o ambiente, traduzidas pela cultura que irão influenciar e alterar os padrões da inteligência do sujeito. Esses teóricos, que sofreram influência da teoria darwinista e que colocam a evolução do indivíduo como um ponto importante para a formação da inteligência, consideram a evolução do sujeito e a relação que ele estabelece com o meio fundamental para a formação da inteligência.

Diante dessa teoria darwinista, surgiu o interesse de alguns teóricos Galton (1822-1911), Binet (1909-1975) e outros, em estudar as possíveis diferenças individuais na inteligência.

Galton (1822-1911) acreditava na influência da hereditariedade na formação da inteligência e pesquisou a árvore genealógica de pessoas com inteligência diferenciada. Em seus estudos ressaltou a comunicação existente entre os sistemas simbólicos que processam trocas de informação e possibilita a abertura do sistema criativo no ser humano e a criatividade. Portanto, nesta perspectiva, a transformação, a recriação de produtos se torna possíveis. Gardner, teórico que compartilha com essa teoria, apoia-se em filósofos que

estudam os símbolos de forma na criativa, os quais lhe auxiliam no embasamento teórico de sua tese de que os símbolos impulsionam o pensamento desencadeando o processo de criação. Os significados e valores dos objetos são construídos pela interação que o sujeito tem com os objetos, com as crenças e necessidade de resolver problemas.

Cassirer (1998) foi o primeiro filósofo a acreditar que a criação ocorre conforme a utilização dos diferentes sistemas simbólicos pelos seres humanos, permitindo a Gardner explicar o estruturalismo como abordagem que dirige as diferenças da inteligência humana.

Segundo Wallon (1934/1995), trazemos em nossa personalidade fatores biológicos e ambientais. Para ele o indivíduo irá se desenvolver no mergulho do organismo em uma dada cultura, época e contexto social. A aprendizagem do ser humano provém da capacidade inata de cada um de absorver entender e construir sua realidade num processo de vir a ser, atendendo aos estímulos e demandas do meio.

Várias teorias auxiliam a entender e explicar o processo que culmina na escolha da profissão de um sujeito e partimos do pressuposto que o processo de escolha não se atem a questão social, psicológico, biológico ou ambiental. Envolve todos os contextos e não se pode ignorar a coabitação da hereditariedade e do meio no desenvolvimento do indivíduo. Herdamos biologicamente, características de nossos ancestrais e herdamos também os desejos deles que foram sendo introjetados e passados de pai para filho. Frustrações e desejos que são passados de geração em busca de resolvê-los.

O significado produzido na história de cada indivíduo e pelo grupo sobre uma determinada profissão adquire sentido individual, dando um motivo para aquela escolha ou caminho a ser seguido. A representação construída sobre a profissão desejada acontece no processo de comunicação, das crenças, dos valores culturais e morais envolvidos no ambiente do sujeito. Portanto, ao fazer uma escolha, o sujeito busca reparar objetos internos nem sempre conhecidos por ele e que, muitas vezes, o motivo da escolha feita não seja aquela que o sujeito mencionou ou acreditou ter sido.

Formamos um elo na cadeia geracional que nos prende aos nossos antepassados de maneira que seus segredos, seus desejos ocultos, não realizados, são transmitidos por gerações e, por lealdade a eles, pegamos para

nós como que mantendo o ciclo dos acontecimentos da vida. Essa tarefa de desvendar ou realizar o que não foi possível fazer está intrínseco. Somos entidades psicológicas, biológicas e psicossociais reagindo às pressões familiares, as pressões psicológicas de nossa linhagem e as pressões das pessoas que nos rodeiam e do tempo que vivemos. É nesse conjunto que nos fazemos presentes e vistos na sociedade. Existe uma dívida a ser paga que carregamos e transmitimos a nossos filhos, netos, bisnetos... E eles, sem darem conta, abraçam essa dívida. Para Schutzenberger (1997:58) *“cada um é levado a interiorizar o espírito, as esperanças, os pedidos, as expectativas de seu grupo e utilizar um conjunto de atitudes específicas que lhe permitem conformar-se às injunções interiores ou interiorizadas”*. Cada grupo seja ele o familiar, o profissional, o religioso tem seus rituais a serem seguidos e cumpridos, o que faz parte da cultura de cada um e de cada época.

As relações com os antepassados, com a família e ou com a sociedade é determinada pela história de cada família, como ela trabalha os acontecimentos. Há uma lealdade intrínseca ao grupo, em defender-se e protegerem-se, uns aos outros, uma relação de corpo, alma, espaço e tempo, construída ao longo da convivência, que só poderá ser desvendada num processo de imersão na história familiar de cada indivíduo.

Os fatores que estão presentes e o peso desta decisão, não é somente daquele que almeja uma profissão, mesmo sabendo que existe a liberdade de escolha, pois ela vem influenciada pelo momento sócio-histórico-cultural em que o indivíduo está inserido e sempre haverá uma concepção daquela profissão frente ao que é ser o profissional naquela cultura, época, situação econômica, situação psicológica e pressão do mercado.

A figura abaixo ilustra essa visão relacional entre o ser humano e suas escolhas e como a inter-relação do sujeito com esses fatores se fazem presentes na formação do ser que se constitui dentro da sociedade, auxiliando na compreensão do processo da construção do ser um determinado profissional.

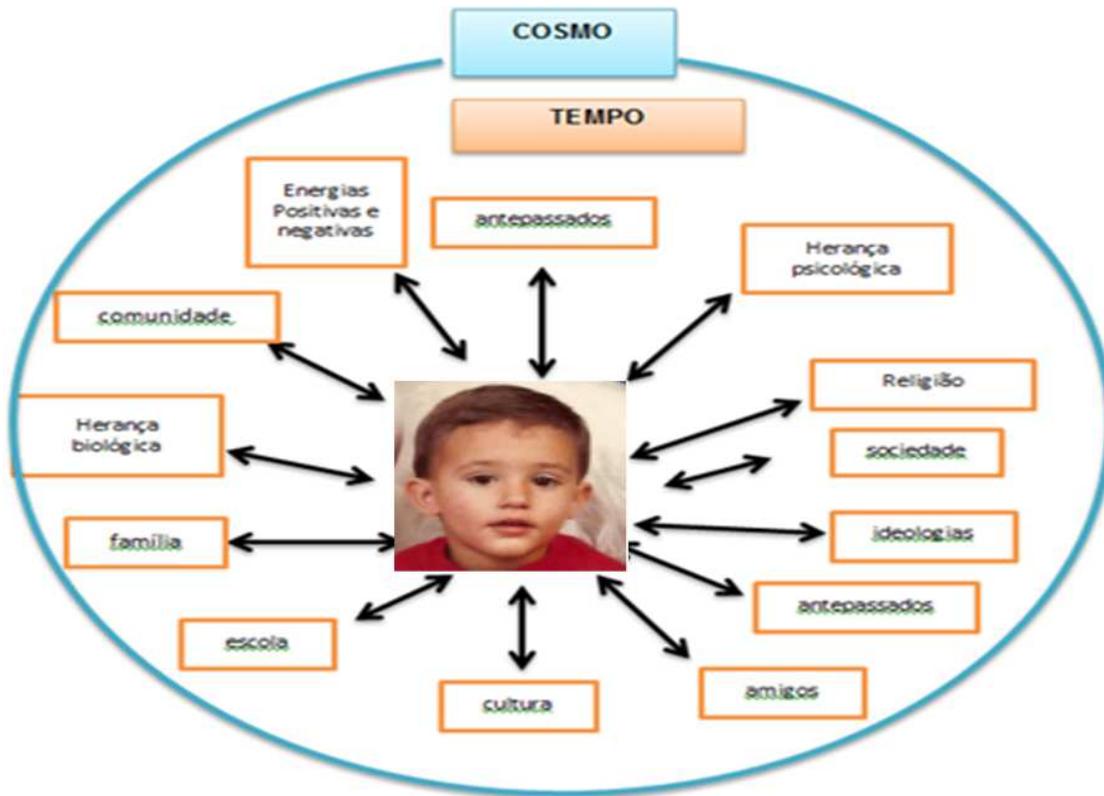


Figura 3- Relação ser humano e as escolhas
 Fonte: Próprio autor, 2013

Entender o significado de nossas escolhas, sejam elas profissionais ou não, implica no entendimento de que a liberdade do ser humano é limitada e que a autonomia da escolha não é total, haja vista que suas decisões são encaminhadas por uma série de fatores que fogem ao domínio dele. Suas escolhas estão envolvidas em segredos que não se expressam, necessariamente, de forma explícitas e se impregnam de libido. Nossa sociedade se incumbem de manter as pessoas dependentes e leais aos antepassados desenvolvendo a responsabilidade de libertá-los dos sonhos não realizados e manter a tradição familiar. Rituais e crenças são marcas dessa ação sendo sedimentadas em várias fases ao longo do desenvolvimento humano. Atravessamos nossa caminhada pela vida deparando-nos com as frustrações e realizações de nossos antepassados, ficando distante a possibilidade de uma ação sem as influências deles.

A ligação da pessoa com o mundo vai além do aqui e agora, são lacunas, espaços a serem fechados, a serem “revivenciados”, espaços e

histórias dos outros a serem resgatados. É uma relação com toda simbologia, desejos e expectativas presentes no momento que é concebido. Vivemos em uma sociedade baseada nas relações simbólicas estabelecidas entre o indivíduo e os objetos que o cerca e, desta forma, ele vai se constituindo por intermédio das atividades mediadas em maior ou menor intensidade, pelas simbologias que o rodeia. Entender e decifrar esses símbolos não acontece de maneira rápida e controlada, ela vai se constituindo no decorrer de um processo do vir a ser, é um constante aprendizado que necessita que o sujeito esteja aberto para ver e entender o homem como cósmico. O símbolo tem um sentido espiritual ligado à experiência individual de cada um, que de acordo com Cassirer (1971-1985.) representa o sagrado, aquilo que é inatingível.

Se o símbolo pertence ao mundo do significado, temos uma relação simbólica permeando a vida, a escolha, as ações... Ele nos permite relacionarmos com o presente, passado e futuro, dando-lhes significados e pertinência, interliga espírito e matéria com toda a simbologia necessária para manter o homem ligado aos seus antepassados. A simbologia ultrapassa a consciência humana.

Vários teóricos trabalham com a questão simbólica no desenvolvimento humano, dentre eles encontramos Wallon (1995) com a teoria da pessoa completa, por ter interesse de entender o psicológico do indivíduo como uma estrutura que da conta da totalidade da pessoa (consciência, eu, emoção, representação, etc.) na sua existência. E começa sua explanação pela infância, quando se tem o primeiro contato do ser humano com o mundo através da emoção que é ativada pela resposta do outro que possibilita uma comunicação por intermédio da interpretação do material simbólico, dos símbolos e signos, próprios dessa primeira relação. Essa simbologia irá acompanhar o ser humano em toda a sua vida.

Para Wallon (in: Galvão, 1996) a emoção quando transformada em consciência, e significada pela cultura que o ser humano ocupa, torna-se a afetividade e integra-se ao desenvolvimento e construção do “eu” e do mundo externo. A consciência de si acontecerá inicialmente pela emoção e a interpretação dos sinais por parte do ambiente e das pessoas que a cercam.

Segundo Wallon (1934/1995), não será qualquer ação da criança que resultará em símbolo, mas os gestos e atos intencionais formando a

função simbólica. A simbologia estará presente em todo percurso de vida do ser humano e será com ela que ele irá inseri-lo no mundo. Com a simbologia o ser humano dialogará e representará suas ideias e desejos.

A função simbólica possibilitará a passagem do pensamento concreto para o representativo ou abstrato, contando com a influência do meio que o sujeito está inserido.

Para o autor é na interação entre os fatores biológico, ambiental, emocional e psicológico que acontece o desenvolvimento do sujeito. Mahoney (2000:12) nos coloca que *“A existência individual com estrutura orgânica e fisiológica está enquadrada na existência social de sua época”* o fator biológico próprio de cada indivíduo irá se desenvolvendo em contato com a cultura que ele está inserido construindo assim, a imagem de homem, cidadão, trabalhador e inclusive profissão, dentre outros conceitos. O sujeito se encontra em contínuo processo de vir a ser, num movimento contínuo de mudanças desde o momento da concepção até o momento da morte.

Tanto Gardner (1995) quanto Wallon (1995) acreditam que o meio no qual estamos inseridos irá influenciar em vários aspectos da nossa vida. A capacidade de adquirir e aprender sobre um determinado domínio cultural, aplicando em diferentes situações, depende da competência mental e oportunidade que a sociedade oferece para que ele se desenvolva. Gardner continua ao afirmar que para o indivíduo se desenvolva e manifeste suas competências é necessário que o indivíduo saiba aplicar suas habilidades em diferentes competências e que a sociedade tenha interesse nessas habilidades apresentadas pelo sujeito e estimule, nas diversas instituições que sustentam a estrutura social, sendo uma delas a educação.

Essas teorias contribuem para o entendimento da construção do indivíduo e dos instrumentos internos e externos que compõem a formação do “eu”. À educação é guardado um legado não tão fácil nesse percurso, pois nela se encontra atores que também trazem suas histórias, expectativas, frustrações e ideologia do aparelho institucional. Dessa forma, a educação não percorre caminhos suaves e tranquilos, uma vez que são regidos pela sociedade e espalhados por todos os membros que dela fazem parte por suas finalidades delimitadas e amplamente difundidas. Os sujeitos que concretizam a instituição através de seu trabalho possuem mecanismos destinados a

compartilhar as demandas institucionais com suas demandas próprias, internas, e em muitos casos inconscientes.

Há nas relações, necessidades internas e muitas vezes inconscientes, que são trazidas para o espaço de convivência diária. Encontra-se nesse espaço o professor, o aluno, os pais, os colegas e outros membros que refletem suas frustrações, anseios, desejos nas relações diárias. Não somente a expectativa da sociedade é refletida nas ações, mas toda uma história que foi e está sendo construída pelos sujeitos da escola, incluindo o aluno. No sujeito existem demandas internas (conflitos, desejos) e demandas externas (política, interesses sociais, habilidades valorizadas para o momento...), diferentes interesses e, de acordo com a autora, mecanismos inconscientes que participam ativamente do processo em que a ansiedade e defesa, bem como fantasia e desejos ganham a palavra e são tomados como realidade objetiva.

Para Jung (2001:210)

Tanto nossa alma como nosso corpo é composta de elementos que já existiam na linhagem dos antepassados. O “novo” na alma individual é uma recombinação, variável ao infinito, de componentes extremamente antigos. Nosso corpo e nossa alma têm um caráter eminentemente histórico e não encontram no “Realmente-novo — que-se-acaba-de-aparecer” lugar conveniente[...]

A história da família é o ponto de partida para a formação do conceito que os jovens têm de si (Vigoda, 2008) e entender quais sentimentos foram construídos pela família e sociedade sobre o trabalho, quais experiências foram possibilitadas ao adolescente para que ele fizesse essa ou aquela escolha, além de fatores inatos, é imprescindível para entender como acontece a escolha da profissão. Nesse processo a história auxiliará a percorrer o caminho da escolha do sujeito e entender, dentro do processo quais profissões foram desejadas, quais foram abdicadas, ou melhor, não escolhidas e as relações estabelecidas entre o adolescente e as possíveis profissões. Os vínculos emocionais que o levaram para a escolha e a capacidade ou a falta dela, em lidar com as frustrações trazidas, contribuem para a compreensão do processo da elaboração do “ser profissional”.

Para Jung (2001), o mundo é uma realidade que ultrapassa a pessoa e estar, fazendo parte do mundo, é sentindo-se um pedaço do todo, isto é, sentimento de “pertencimento” que traz dentro de si. Falar do homem e do constituir-se homem transcende a simples realidade, pois requer que entendamos todo o movimento do homem, do mundo, da sociedade e do cosmos e como isso aparece nas ações e nas escolhas do ser humano, uma vez que as ações estão impregnadas de mistérios e nossas escolhas vão além do aqui e agora.

Nossa identidade profissional é desenvolvida dentro da nossa identidade pessoal, que tem raízes genéticas e transgeracional que se assenta em esquema corporal sujeitas a influência do meio. Para entender a identidade profissional deve entender as relações estabelecidas do sujeito com o meio interno e externo.

Explicar o que leva um adolescente escolher uma determinada profissão requer analisar quais relações foram estabelecidas entre ele e todos diretamente e indiretamente que contribuíram para essa decisão e como essa profissão é vista e representada na família. Entender a dinâmica estabelecida na família, o que é ser esse profissional naquela família. Quais as possíveis dívidas, a serem pagas, ou desejos não realizados, esse adolescente está herdando? Que tipo de relação familiar é estabelecida?

A figura abaixo, adaptada de Cole (2003) mostra as influências que a criança sofre durante seu desenvolvimento. O autor compartilha com a ideia de Bronfenbrenner sobre um desenvolvimento bioecológico da criança, que envolve a família, os amigos, a escola, vizinhança, a crença que permeia e sustenta o ideal familiar, as empresas e indústrias com suas exigências sociais e mercadológicas.

A discussão percorrida neste estudo acrescentará a influencia do psicológico e do cosmos como componentes importantes desse processo. Do micro ao macro, tendo o cosmo como uma essência maior, aquele que envolverá tudo e todos e o psicológico permeando as relações.

O ser humano para Moreno (1997), diferente de Marx que o vê como social e Freud individual, ele é cósmico ele se encontra no seu interior e o exterior são instrumentos para auto-realização, para superação de frustrações e obstáculos existentes internamente. Para o autor o cosmo está presente

antes e depois da existência do ser humano participando do vir a ser dele e de qualquer outro ser vivo.

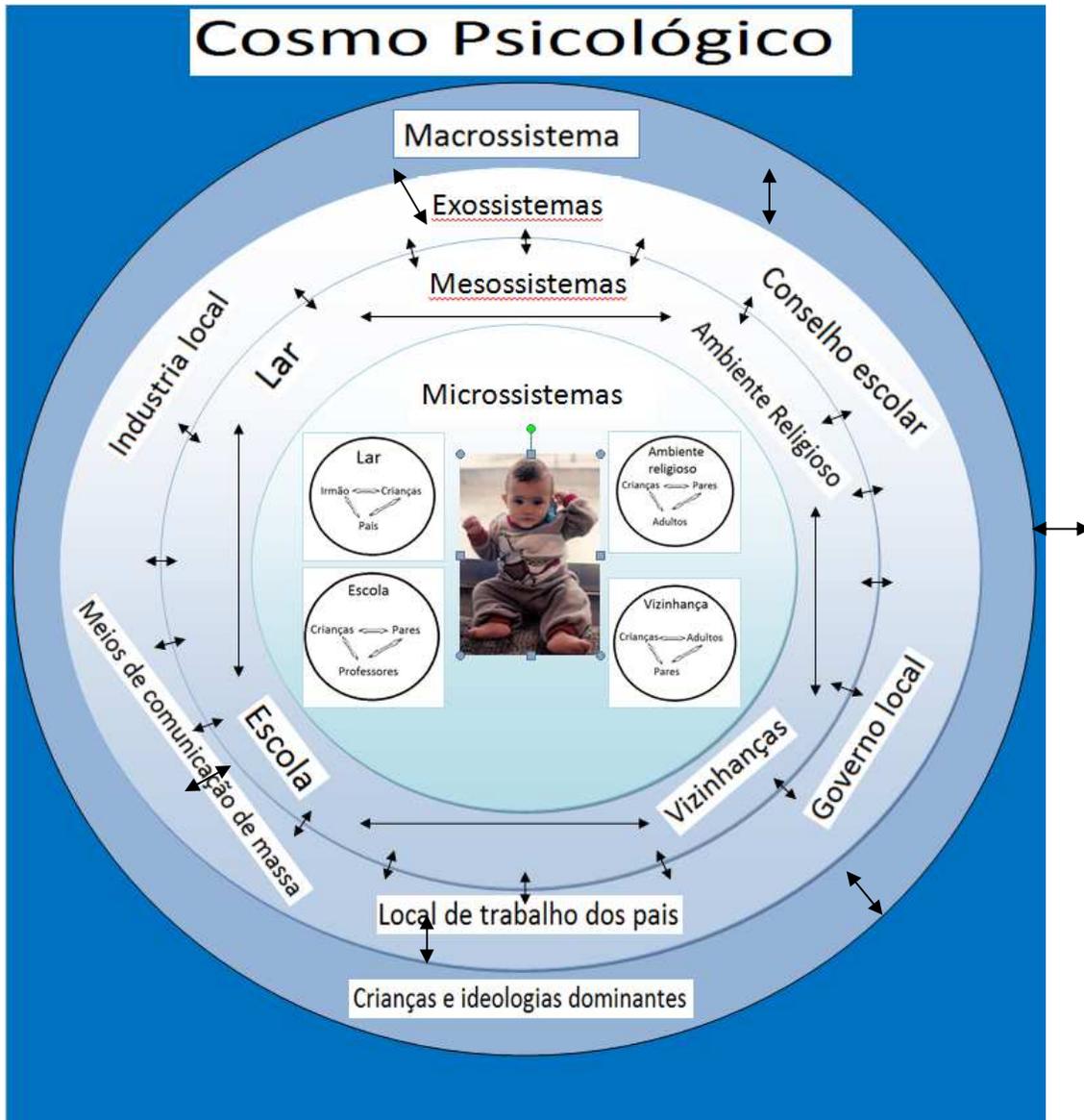


Figura 4- Influências na formação da criança
Fonte: Adaptado de Cole (2003:41)

O desenvolvimento do ser humano envolve fatores que ultrapassam o microsistema: que são os grupos, separados, os quais as crianças convivem. São eles a família, o grupo da igreja, o grupo da escola, o grupo da

rua, o grupo da sua comunidade. O mesossistema é a interligação entre o ambiente familiar, religioso, vizinhança e escola; as experiências vivenciadas entre dois ou mais grupos, por exemplo, encontrar seus vizinhos na igreja ou seu vizinho estar na mesma classe da escola. O exossistema é quando um ou mais membro da família mantém uma relação direta, porém influenciará nos demais componentes familiares. Exemplo: o trabalho, o grupo de senhoras da comunidade etc. O macrosistema é mais amplo, composto por ideologias, valores, cultura e a sua organização. Presença ou não de uma política voltada para a família, saúde e educação; refletem diretamente no desenvolvimento do sistema familiar. As ideologias da classe dominante que traça o perfil do ser criança e do ser homem em uma determinada época e grupo social e finalmente o cosmo psicológico que contempla todo o universo e energia que rodeia o ser humano.

Lidar com as diferentes pressões (familiar, sociais, mercado de trabalho e com suas cobranças internas), capacidade de lidar com a frustração, fracasso e sucesso requer trabalhar com as energias que cercam o sujeito ao longo de seu desenvolvimento, anseios e heranças de parentes de outras gerações.

A figura acima mostra a ligação forte com a comunidade que ele está inserido, uma influência externa que o acompanhará e será cúmplice das suas escolhas, influências como amizades, vizinhanças, escola, professores, trabalho de sua família e igreja, templo, locais de fé e misticismo e as influências internas, desejos, crenças e pressões e heranças psicológicas; um ambiente composto de elementos que o indivíduo não tem acesso, como as frustrações e desejos de reparação. Encontramos na figura um ambiente cósmico, espaços que permeiam nossa existência que trazem também forças, desejos, frustrações que compõem as partículas do universo e influenciam no desenvolvimento do ser humano. O indivíduo está envolto a forças e energias que se farão presentes no seu desenvolvimento e que ele não tem acesso.

Considerar o ser humano apenas em seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais é separá-lo do todo, negar a inter-relação homem e cosmos, ignorá-lo como um ser inserido no todo; um ser ligado ao todo e o todo às partes. Somos, portanto, responsáveis por todo o universo e vice versa.

Desta forma, se a planta quando morre serve para esterco, não acabando sua função, o ser humano com toda força e energia mental, com sua intuição, percepção, imaginação e força interior não se acaba ao morrer. Têm-se as histórias a serem contadas e perpetuadas; as crenças; a ideologia e as frustrações que de certa forma foram sentidas, introjetadas, contadas e perpetuadas.

O ser humano não se separa do mundo, ele é o mundo. Toda a simbologia da vida se conhece pelo corpo, sensibilidade, vivência, que transcende a inteligência racional e entra na inteligência existencial a qual nosso aprendizado diário é aplicado em outras situações e dimensões que vão além da racionalidade.

Devemos compreender o humano como um ser único, que faz parte da totalidade, um indivíduo que mesmo tendo sua individualidade está conectado com o todo. O cosmo psicológico é o espaço que conecta o homem ao todo, integrando-o a natureza e a tudo que o auxilia no processo de conhecer-se como integrante deste universo, ultrapassando o aqui e agora trazendo para perto a importância da inter-relação entre o homem e o planeta. A figura nos remete as diferentes conexões presentes no processo do vir a ser do homem, o aqui, tudo que rodeia o ser humano, o espaço que o acompanha e o influencia e o imaginário, seus desejos.

Para Moreno (1973) a personalidade humana esta dividida em dois mundos diferentes: o real e o imaginário. No real o humano precisou compartilhar e dividir espaço com o outro, desenvolvendo mecanismo para essa convivência: o sentir e descobrir o outro que é denominado de tele-relação, colocar-se no lugar do outro, desenvolver “papeis”, que foram sendo impostos pela sociedade, dentro da complexidade que se fez presente. No mundo imaginário, encontramos o desejo, o querer, o projetar, o assumir um espaço que não é o seu e sentir pelo outro.

Nesse movimento de vir a ser o ser humano vai se apropriando da sociedade através da relação estabelecida com o outro, e o mundo vai tendo significado e as coisas vão tomando corpo tendo ou não importância nessa trajetória, conforme a relação estabelecida de prioridades para a sua existência e sobrevivência social.

Jodelet (2005), estudiosa da representação social, afirma que o indivíduo constrói e se apropria dos objetos constituídos socialmente e, as representações, são abordadas ao mesmo tempo como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento; e de elaboração psicológica e social desta realidade.

Essa apropriação vai sendo construída na relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Nas crenças, nos valores, ideais que a sociedade e família transmitem a ele.

A escolha vai sendo determinada pela relação estabelecida entre o sujeito e os diferentes objetos dentro de um grupo, portanto, quando a escolha de uma determinada profissão é feita houve uma relação do sujeito com os desejos, necessidades, reparação, significado do grupo que está inserido em relação a aquilo que ele quer se tornar.

Uma forma de se perceber essa relação é analisando o filme *“Cidade dos Anjos”* produzido pelos EUA e Alemanha, dirigido por Brad Silberling, que conta a história de Seth (Nicolas Cage), um anjo que vaga por Los Angeles, cuidando e consolando aqueles que estão perto da morte. Maggie (Meg Ryan) é uma cirurgiã prática e racional que, aos poucos sente a presença de Seth, um sentimento diferente, de “amor”, faz com que Seth tenha que tomar uma decisão. Continuar na imortalidade, porém sem sentir o amor, o cheiro, a dor ou a tristeza ou entrar para o mundo dos mortais e apreciar a beleza de estar vivo, amando, chorando, cheirando enfim, usufruir dos sentidos.

A dúvida está presente, mas Seth terá que fazer uma escolha, pular de um prédio e se tornar mortal ou continuar na sua imortalidade eterna e não sentir o gosto de um beijo, de um toque na pele, o gosto da pera, a dor e a felicidade? Um dilema que vai sendo resolvido na relação estabelecida entre Seth, Maggie e Nathaniel (Dennis Franz), um ex-anjo que se jogou por um amor. Seth não poderia decidir se não tivesse um contato com as diferentes possibilidades e alguém que lhe mostrasse a beleza do sentir a água no rosto, os gostos e os sentimentos diferentes existentes na vida terrestre. O que era ser mortal? Que sentimentos eram aqueles que Seth não os tinha? Isso foi sendo traçado e mostrado a ele para que ele pudesse decidir pular do prédio, virar um mortal e abdicar a beleza e vantagem da imortalidade. Ser inserido

nesse mundo requereu contato como outro. Elementos subjetivos fizeram parte dessa construção: desejo, amor, sentimentos não sentidos, curiosidade?

Essa decisão foi sendo construída na relação com o outro e nos significados que este foi dando nos acontecimentos e nas ações. A escolha pular da ponte foi tomada depois de observar o meio e consultar pessoas que pegaram o mesmo caminho. Para Moscovici (1978), pai da teoria das representações sociais, a construção do significado das pessoas e objetos é feita no grupo, na relação do sujeito com o objeto do conhecimento, sendo impossível a existência da pessoa sem a presença do “outro”. Assim sendo, a ação do homem na sociedade está impregnada de sentimentos, emoções e interpretações que foram delineadas pela comunicação e relação.

Jodelet e Moscovici reforçam que essa ação acontece dentro de um contexto social e por aspectos psicológicos próprios do indivíduo, em um movimento de construção e reconstrução conforme vai acontecendo à apropriação do mundo ou sociedade em que ele está sendo inserido.

Seguindo a linha de pensamento desses autores vê-se que a decisão de qual profissão seguir não é um fato isolado e ligado à fase da adolescência, embora, na sua grande maioria esteja presente nessa época da vida, e sim a um processo longo e complexo que necessita de uma análise mais cuidadosa se quiser entender o motivo que leva o sujeito escolher uma e não outra profissão.

Entendendo que esse processo culmina na decisão final, que na maioria das vezes acontece na adolescente, cabe compreender as características marcantes dessa fase.

Nesse caminho de raciocínio, percebe-se que a escolha profissional acontecendo, na maioria das vezes, por volta dos dezessete anos, uma fase de transição do ciclo de vida, do ser criança para o ser adulto, uma ruptura a qual morre o “ser” criança para nascer o “ser” adulto. Essa passagem é caracterizada por insegurança e constantes mudanças de opiniões por parte dos jovens, tendo em vista as diversas transformações físicas, emocionais, as pressões sociais e familiares sobre o futuro desses jovens. (Griffa, 2001; Soares, 2001; Hirschi, 2009).

Esta fase de transição é caracterizada por várias crises onde o adolescente se confronta com oportunidades, situação e alternativas diferentes.

Encontramos no início da adolescência, por volta dos 12 anos, à mudança de corpo, que o adolescente aprenderá a lidar com essa situação (seio crescendo, pênis mudando e a menstruação), do meio para o fim 15 anos para frente, encontra mudança em relação à ideologia, crenças e escolha de uma profissão.

A adolescência é um período do desenvolvimento da identidade individual e profissional que necessitam de um funcionamento cognitivo adulto que consiga discutir as consequências de uma escolha, entender a relação da escolha com seu estilo e modo de viver futuro. É a etapa entre o fim da infância e o início da vida adulta.

Na escolha profissional está implícito o trabalho que desenvolverá ao longo da vida. Tanto o trabalho quanto a vida em sociedade são características da vida humana em uma sociedade, em um grupo e isso permite um salto de qualidade do desenvolvimento humano. Esse salto, qual trabalho e ou atividade seguir, é decidido, na maioria das vezes, na adolescência, sob pressão psicológica, familiar e social, e na busca de uma identidade. Nessa situação conflituosa, que deve ser decidido o caminho profissional a tomar, formar uma identidade profissional. Qual faculdade ou curso fazer?

Segue o caminho traçado pela família ou busca outros cominhos? Esse tipo de questionamento presente na grande parte dos adolescentes será respondido na base das relações estabelecidas e fincadas pela família e sociedade. Que tipo de lealdade foi estabelecido nessa relação e como foi trabalhado as heranças dos antepassados. O adolescente se empenha na busca de ideais próprios e de figuras ideais para identificar-se. É um trabalho psíquico intenso.

Vimos que o ser humano carrega desejos das gerações passadas, expectativa de uma dada sociedade, necessidades pessoais e necessidades familiares, as energias empregadas por nossos ancestrais, dentro de uma concepção de energia que não se perde e vai se aprimorando nos descendentes, não foram esquecidas ou apagadas pelo tempo, elas são heranças deixadas para seus descendentes para que aprimorassem a espécie, continuasse o que não se acabou. Assim, percebe-se que o ontem está ligado

ao hoje e ao amanhã. Os desejos e expectativas culminam em um quadro de conflito interno, de difícil entendimento e de solução.

Cada geração carrega a energia e as informações das gerações anteriores, num repetir-se na reprodução tornando possíveis os seres humanos não partirem do zero, trazerem informações importantes para a sobrevivência na sociedade humana. Os jovens encontram nos pais, nessa fase conflituosa, os principais parceiros para auxiliarem na escolha, pois, de acordo Dietrich (2009), os adolescentes buscam, na maioria das vezes, conversar com eles sobre o assunto, na tentativa de solucioná-lo. Ela ressalta que os pais também podem contribuir de forma significativa para que a angústia desse momento aumente, por transferirem aos seus filhos, seus desejos e anseios.

Archangelo (2004, p.13) nos auxilia no entendimento ao ressaltar que:

Herdamos perdas, herdamos o fracasso das antigas gerações. Perda da completude presente no interior do útero, que vivenciamos ao nascer, é acompanhada por uma tentativa de nossos pais em supri-las. [...] Nascemos, portanto, com uma dívida a pagar, e o sujeito, ao longo da vida, investirá suas forças psíquicas na tentativa de soluções desse dilema.

Esse movimento, embora aconteça no nível do inconsciente, são traduzidos em nossas ações, interpretações e escolhas. Estamos ligados ao passado pela história, pelas realizações, pelos desejos e frustrações. Nossa constituição psicológica, nossa alma carregam toda a história dos antepassados. Encontramos na psicologia analítica, mais especificamente na psicologia transpessoal, uma referencia e explicação das heranças ancestrais e, trazemos para a discussão a possibilidade de considerar os diferentes níveis de consciência acessíveis ao homem e alargar as fronteiras expandindo o espaço e o tempo, considerando as diferentes inter-relações humanas com os diferentes aspectos da vida, da natureza e do cosmos ampliando nossos limites, nossas fronteiras.



Figura 5- Homem Transcendental
Fonte: Somostodosum, 2011

A imagem do homem vitruviano de Leonardo da Vinci possibilita algumas reflexões sobre a relação homem universo. Apossando da ideia de Bachelard (1994) encontram-se no homem, três mundos distintos, a saber, tem-se o mundo pessoal, o mundo inter-humano e o mundo do ambiente possibilidade de expressão do ser humano. O mundo pessoal nos remete à relação do homem consigo mesmo, auto consciência; o mundo inter-humanos na relação com outros humanos iguais a ele, na aceitação das diferenças e diversidades e o mundo ambiente constituído por tudo que rodeia o homem, o que não é percebido com facilidade e o que é dito ser real.

Já para Jung (2001) a imagem de Da Vinci remeteria ao homem transcendental, completo, que faz parte de algo que vai além do corpo e da alma, uma conexão entre homem natureza, homem e o cosmos, em um crescimento individual que envolve todos os sentidos humanos e o caminho para chegar à transpessoalidade que passa pelo sentir, cheirar, olhar e tocar e da continuidade na percepção de si dentro de um espaço maior. Espiritualmente passa por encontros do indivíduo com ele mesmo e do indivíduo com o outro por intermédio dos sentidos, envolvendo a intuição e sentimento, uma experiência espiritual que amplia o desenvolvimento psíquico.

Essa teoria, trazida por Carl Gustav Jung em 1916 e explicada por Maslow na década de 60 como uma psicologia que entende o homem como um ser bio-psico-social-espiritual.

Jung (2001), psicólogo transpessoal que questionou a visão mecanicista de mundo e do desenvolvimento do homem ressalta os aspectos não racionais da mente humana: criativo, intuitivo e o espiritualismo como

componentes da formação do “ser humano”. Acreditava na espiritualidade e que as coisas não acabavam em si, o fim em si sem continuidade, porque sofre influências e estas, modificam os caminhos a serem tomados.

Neste mesmo caminho de relacionar a imagem de Da Vinci com os teóricos que respaldam essa discussão encontramos Moreno (1987), que acreditava que o psiquismo aparece nos gestos, no toque, no encontro, ultrapassando a fronteira do real do consciente e entrando no espaço do imaginário. A metodologia moreniana é transdisciplinar sendo considerado um dos precursores da Psicologia Transpessoal.

Dias (2004, p.14) afirma que “a Psicologia Transpessoal trabalha com diferentes níveis de consciência e os considera como fazendo parte da natureza humana” e o ser humano, dentro dessa busca infindável de conhecer-se, deve conscientizar-se que o indivíduo ultrapassa o individual, a noção de pessoa e atinge a totalidade do ser em “si mesmo” entendendo a interdependência do homem com todo o universo. Entender que a psique transcende o corpo e envolve toda a natureza e energia que a circunda.

A dinâmica da consciência do ser humano é um desafio para muitos pesquisadores da área da Psicologia e, nessa dinâmica, encontra-se a díade: formação da consciência e o processo para entender a formação do ser humano enquanto ser psíquico com suas angústias, frustrações, cultura que o envolve como também o meio influenciando na sua formação e constituição.

Faz-se necessário expandir as fronteiras existentes e aceitar os diferentes níveis de consciência e a interligação homem universo e cosmo. Saindo do aqui e agora para o ontem, o além do ontem e o amanhã, confrontando-se com a experiência máxima de perceber o mundo em toda a sua extensão e poder sentir-se parte dele.

Compreender fenômenos inexplicáveis da existência humana que não foram explicados requer uma abertura da consciência humana no sentido de perceber que o ser homem e suas ações vão além do perceptível.

Esse movimento de formar-se passa pelo universo dos símbolos que estão presentes antes do nascimento nas imagens que guardam significados e que ultrapassam a consciência humana, “implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós” (Jung, 2002, p. 20).

O interior do homem esconde muita coisa. Ele é mais do que se vê e percebe, transcende a história de vida perceptível, ele é uma grande potencialidade que ultrapassa a atualidade temporal.

O indivíduo contemporâneo, devido à correria e exigência do mercado, da sociedade e da família deixou de lado a sensibilidade e a intuição trazendo à tona a racionalidade e levando para o “submundo” psíquico toda a essência da simbologia. A racionalidade em grande escala fechou a porta do ser sensível.

Jung (2001, p.210) sabiamente tenta explicar essa dinâmica:

Estamos longe de ter liquidado a Idade Média, a Antiguidade, o primitivismo e de ter respondido às exigências de nossa psique a respeito deles. Entrementes somos lançados num jato de progresso que nos empurra para o futuro, com uma violência tanto mais selvagem quanto mais nos arranca de nossas raízes. Entretanto, se o antigo irrompe, é frequentemente anulado e é impossível deter o movimento para frente. Mas é precisamente a perda de relação com o passado, a perda das raízes que cria um tal “mal estar na civilização”, a pressa que nos faz viver mais no futuro, com suas promessas quiméricas de idade de ouro, do que no presente que o futuro da evolução histórica ainda não atingiu.

Esse afastamento do passado e, muitas vezes, a não realização de um desejo ou da felicidade, que o homem vive em busca, traz a frustração. O projetar para o futuro as exigências da sociedade e a frustração da família leva, muitas vezes, o adolescente a uma escolha equivocada de sua profissão e por vezes, mesmo essa escolha tenha resultado em uma condição social favorecida e aceitável social e economicamente, a frustração permanece sem ele dar conta da causa desse sentimento que o persegue.



Figura 6- Infinito
Fonte: BP Blogspot, 2011

A imagem acima apresenta as gerações se entrecruzando. O passado e o futuro participando de maneira intrinsecamente ligada, na evolução do homem. O ontem, com toda a carga energética das batalhas, mortes, crescimento, e a “evolução” formando o ser de hoje. Nessa relação infinita, de conexão do passado com o futuro encontra-se o hoje. A imagem traz o ontem entrando num espaço, representado pelo número oito que traz em seu significado o infinito, tendo como apoio a morte do passado, na saída do passado tem-se a mulher, sinônimo de vida, fertilidade, apoiando a saída para o futuro. Levando o passado ao esquecimento e mantendo-se ligado ao hoje, que irá impossibilitar a compreensão de muitos acontecimentos e ações humanas. O ser humano traz em si a vida e a morte, o ontem e o amanhã tendo o hoje para dirigir e construir. O dinamismo desse movimento faz com que as gerações se cruzem e sejam interdependentes, num dinamismo que nunca acaba e que não guarda um limite entre o passado e o futuro, sendo o presente o condutor, o guia.

Nesta conexão cósmica a qual não há um espaço único e sim espaços interligados, emana contribuição na formação e nos caminhos tomados pelo ser humano. O homem é tudo, faz parte deste processo do acontecer da vida. Entende-lo solitariamente é negar as energias que fazem parte da essência do ser. Entender o hoje é não ignorar o passado e respeitar o futuro. Não há um futuro sem um passado.



Figura 7- Yang e Yin- Futuro e passado
Fonte: Brasilescola, 2011

Yin e Yang representando o ontem e o amanhã. Yin o feminino, a terra, a passividade, o futuro e o suposto esquecido e Yang o masculino, o diurno, a atividade, a luz, a penetração, o futuro, as possibilidades. Dois lados que se complementam compondo o presente, o hoje - dois polos arquetípicos da natureza. A essência do mundo é composta pelo feminino e masculino, tanto no homem quanto na mulher não prevalece apenas à essência própria do seu sexo é a mescla entre os polos que formará o equilíbrio. Da mesma forma que o ontem está contido no amanhã, à noite no dia e a passividade na atividade o homem está na mulher como a mulher está no homem. Os polos opostos se encontram e se preenchem na busca da eterna completude.

Da mesma forma que o ser humano precisa desenvolver as almas opostas que habitam a nossa essência é necessário aprender a olhar para o passado para compreender o presente e os caminhos seguidos rumo ao futuro. Enfrentar desafios, decifrar reações e acontecimentos é dar significados para os momentos vivenciados.

Bachelard (1990, p.48) traduz um poema intitulado “Concrete Days” para explicar a importância de mergulharmos no passado, no primitivo: “... O mundo meu cambaleia quando de passado recebo aquilo de que preciso para viver nas profundezas de mim mesmo.”

Isto nos remete a beleza de entrar em contato com o passado como nosso mundo interior e deixar nossa intuição fruir e reabrir a porta para o “conhecer a si mesmo”, seus verdadeiros desejos e poder trabalhar com as frustrações, os sucessos, os fracassos que herdamos dos antepassados.

Para Bachelard (1990) à noite e o dia estão presentes na alma humana. O dia guarda a ação e a noite a passividade necessária para a reposição da energia e pensamento. Os fragmentos do dia são reconstruídos durante a tranquilidade e o esquecimento da noite.

Para o autor para que se possa pensar é necessário se cultivar a imagem, para que se possa planejar é necessário ter o sonho. Na correria do dia se faz necessário a solidão para as imagens aparecerem e clarearem as ideias das ações a virem a acontecer. Tem-se uma união necessária para o homem dia e noite, realidade e imaginação, passado, presente e futuro.

Encontramos nesse caminhar os quatro elementos importantes da natureza: fogo, água, terra e ar que comandam essa relação cósmica do

homem e a natureza, um dependendo do outro e entendendo que representam o todo numa dinâmica que mesmo um sobre o outro em algum momento todos resguardam a sua importância. Poetizar a imagem dos elementos como parte do crescimento humano que se faz presente nas diferentes épocas e crenças do mitológico é entender e respeitar as peculiaridades de cada um.

Na dinâmica da coexistente do passado e do presente, das expectativas a serem atendidas dos ancestrais coexistindo com as expectativas da sociedade e dos familiares presentes deparamo-nos com o fracasso, a angústia e a frustração. Archangelo (2004) discute a angústia proveniente de heranças adquiridas dos fracassos e sucessos de nossos ancestrais que buscamos suprir em ações e escolhas e Luchall e Nilsson (2009) apontam para uma angústia proveniente da vida moderna, que se caracteriza por mudanças rápidas, incertezas e demandas sobre a autonomia das pessoas e suas escolhas. Apresentam-se nesse quadro questões psicológicas político-sociais e emocionais influenciando no momento da escolha profissional.

A ligação com a família é grande, conforme descreve Lucchiari (in Santos, 2005) e os filhos acabam, por vezes, realizar os sonhos frustrados de seus pais ou mesmo superar uma situação social presente na família. Portanto, para Santos (2005) a escolha é, também, o momento do jovem provar sua lealdade para com a família.

Além da família, encontram-se nesse caminho da busca da identidade, os amigos e pares como. Mesmo tendo uma participação pequena nesse processo eles ocupam um papel importante, pois auxiliarão na auto-percepção que o adolescente vai desenvolver a respeito dos papéis profissionais.

Os adolescentes, muitas vezes, que se encontram em crise, pois, essa fase de transição é marcada por descobertas, revelações, decisões e frustrações, na qual os hormônios estão em pleno vapor, às verdades não são absolutas, o corpo está em pleno desenvolvimento vendo-se obrigados a lidar com todas as situações novas, com o tornar-se adulto, formar sua identidade, lidar com a crise familiar, que muitas vezes acompanha essa fase e a ruptura com a infância, faz com que os amigos e pares sejam importantes e essenciais nessa etapa.

No Brasil, pouco se estudou e se estuda sobre a influência dos amigos na decisão e Santos (2005) explica que muitos adolescentes discutem, com seus amigos sobre que profissão seguir, mas, quando questionados sobre a frequência, eles não dão tanta ênfase devido ao fato de ser um problema que muitas vezes os parentes chegam a ser os mais procurados e ouvidos.

Não se pode ignorar as contribuições e as influências exercidas no momento da escolha, haja vista que, os elementos compartilham das exigências sociais, do mercado de trabalho e da família. A escolha, portanto, sofrerá influência das figuras significativas que terão contato ao longo da vida (pais, familiares, professores e seus pares-amigos). (Santos 2005; Durr, 2009).

Estudos como o de Bernardes (2005) e Bohoslavsky (2007), alertam que uma profissão implica uma escolha pessoal que envolve meio de sustento de uma pessoa e ressalta o significado da palavra “escolha”, como “selecionar, escolher, preferir” o que levanta a ideia de ao escolher decide-se entre mais de uma coisa e profissão, havendo a necessidade de deixar algo de lado, preterir ou abdicar das demais opções podendo ser desencadeado o luto da perda, do não escolhido. Luto por aquele que foi deixado para trás.

A escolha de uma profissão caracteriza-se por uma complexidade de acontecimentos internos e externos, como construção da identidade do sujeito; sua relação com o objeto do conhecimento; da sua relação com os professores que trouxeram, para o sujeito, o contato com o conhecimento das diferentes áreas; a construção do sujeito, da representação do que é uma profissão; dos anseios familiares e expectativa social, dentro de um contexto sócio –histórico-econômico e culmina em deixar algo de lado, já que escolha implica na existência de mais de um objeto de desejo.

Leva-se em conta, nesse momento, as promessas de felicidade, satisfação pessoal e material que estão envolvidos nesse movimento. Esse processo, como já mencionado anteriormente, carrega alguns componentes importantes como: o fator sócio-histórico; a elaboração da prática profissional e por fim o julgamento do “outro” que esboçará o reconhecimento dele dentro do círculo social. Dejours (1993) define essa situação como “ressonância simbólica” que auxiliará o sujeito na escolha da sua profissão.

Para que aconteça a ressonância simbólica é necessário que haja a escolha de uma profissão, o contato com a profissão e a identificação com

seus pares. Esse processo é importante na relação positiva entre o que se construiu sobre profissão na história de cada sujeito social e o trabalho.

A escolha da profissão não acontece ao acaso, ela é o resultado do imaginário (cena psíquica) sobre a profissão escolhida, a sua atuação no mundo do trabalho e o contexto sócio histórico que o sujeito pertence, numa relação entre a história pessoal do sujeito e a realidade que se apresenta na busca desse sujeito do reconhecimento social.

A pessoa se vê no lugar do outro, daquele que exerce aquela profissão e idealiza ser aquela pessoa, confronta-se com o dilema se aquela profissão te dará um retorno e irá atender a necessidade da família.

Dejours (1993) cita o sofrimento como componente inerente do processo da escolha profissional, pois é necessário articular o sofrimento singular, que são as experiências de prazer e desprazer, privações do sujeito, fatores constitucionais, herdados da história de vida, com a relação com o trabalho na sua vida adulta. Desse modo, o estado de normalidade psíquica do indivíduo pode ser considerado como o equilíbrio das situações frustrativas do trabalho com suas características psíquicas utilizadas para superar os conflitos existentes no meio que se encontra.

Para Freud (1996 v. XXI p. 85):

[...] O sofrimento ameaça o ser humano a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

Para ele, o indivíduo busca evitar o sofrimento e ser aceito socialmente que, muitas vezes, ele abdicará de seu desejo, vontade e satisfação.

Vale ressaltar que abdicar é deixar algo de lado é escolher entre algumas opções possíveis. Muitas vezes, ao escolher já houve uma identificação do sujeito com alguns objetos, nesse caso profissões. Dentre várias possibilidades profissionais existentes foram elencadas, por exemplo, duas ou três e, dentre essas, apenas uma foi escolhida, apresentando o quadro da perda nas demais.

Deve-se lembrar de que ao se identificar com o objeto, no caso profissão, surge uma forma de amor e ao abdicar acontece uma divisão uma

separação, um momento doloroso. Recorrendo à Freud (1917), para uma elucidação sobre o assunto, ele nos mostra que, essa perda do não escolhido não se vai por definitivo, ela ficará latente no sujeito abdicador que identificou o objeto com seu próprio ego e essa separação poderá trazer sofrimento para a pessoa.

Esse processo recai na falta do objeto de desejo, deixando um buraco uma falta e o sofrimento surge ao nível do imaginário, pois desapareceu naquele momento a possibilidade de tê-lo, portanto começa um trabalho de renúncia ao objeto desejado, a profissão. Renúncia que deixará o renunciado, o desejo não realizado, no espaço da incerteza, das possibilidades, ficará guardado no inconsciente que poderá ressurgir nas ações posteriores do sujeito.

Escolher, exercer uma profissão está imbuído de uma complexidade de questões como, já mencionado anteriormente, desejos herdados dos familiares presentes em nossas vidas físicas e psíquicas, relação e representação da profissão na sociedade e compreensão de mundo social.

Todavia, independente da escolha ter sido bem pensada ou não o profissional graduado leva consigo aquele não escolhido e, dependendo de como se deu a profissão na vida desse sujeito, aquilo que foi guardado pode aparecer de diferentes formas, sendo esse espaço o objeto de estudo dessa pesquisa.

Se esse desejo de conhecer esse espaço foi apresentado demonstra que, nem sempre o não escolhido acabou, foi deixado para traz ou foi resolvido, ele permanece presente no inconsciente e se manifesta de formas diferentes, merecendo ser revisitado.

As pessoas costumam relatar que no momento da escolha tinham outra opção, mas não dão conta do que aconteceu com aquela não escolhida. Em uma conversa informal uma amiga, formada em sociologia explicita bem esse tema quando relata que no momento da escolha sua primeira opção foi psicologia e que por motivos familiares fez faculdade de Ciências Sociais. Nessa mesma conversa, ela percebe que a psicologia não foi resolvida ao se tornar uma socióloga reconhecida em seu trabalho, com uma remuneração adequada; ao parar para pensar sobre o fato, percebeu que a psicologia permaneceu no seu caminho, pois tanto o mestrado realizado quanto o

doutorado tiveram um olhar psicológico dentro da sua pesquisa social. Fez-se presente aquele que não foi escolhido.

Essa constatação nos leva a refletir sobre o fato de muitos afirmarem que no momento da escolha e, quando o sujeito se realiza profissionalmente o abdicado se resolve não necessitando entendê-lo ou mesmo estudá-lo. Para muitos, a escolha feita elimina o desejo do abdicado, que ao escolher ele desaparecerá do inconsciente do indivíduo. As perguntas ressurgem nessa conversa informal.

Qual era a representação daquela profissão escolhida e àquela a qual foi abdicada? Porque não a escolheu?

As representações sociais não darão um suporte na busca do entendimento de como acontece à escolha.

3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLHA DA PROFISSÃO

O indivíduo é sempre uma entidade social e, como tal, um símbolo vivo do grupo que ele representa.
Vygotsky

Ao estudar a escolha, deve-se levar em consideração como a profissão foi sendo construída pelo sujeito. Como ela é representada e qual imagem foi desenvolvida pelo adolescente na sociedade que se encontra.

A representação social não é um conceito recente, Emile Durkheim (1999) em 1898 utiliza o conceito de “representações coletivas” que são construídos pela sociedade para expressar a sua cultura, a sua realidade. Essa construção é realizada coletivamente e repercute na personalidade individual. Consciência coletiva que surge na sociedade que produz a realidade social, fazendo parte do mundo exterior, como crenças, regras, práticas religiosas que são impostas aos indivíduos. Para o autor, as representações individuais são construídas no contexto privado, diferenciando representação coletiva de individual ao afirmar que uma está no exterior e mesmo antes do ser humano e a outra será construída nas relações entre o ser humano e o outro no espaço privado.

Enquanto que para Durkheim (1999), as representações coletivas são construídas como formas de consciência que a sociedade impõe aos indivíduos, Moscovici (1981) coloca que as representações sociais não são construídas com base em ações isoladas e sim em ações discursivas encarnadas na prática de um grupo, nas relações estabelecidas entre os sujeitos no seu cotidiano e reafirmadas na relação de afeto, desejo, emoção e no imaginário do grupo, elas são geradas pelos sujeitos sociais.

Minayo (2000) vem contribuir para essa discussão ao afirmar que as representações sociais são, ao mesmo tempo, imaginárias, fantasiosas e verdadeiras e, portanto, possível de analisar as ações das pessoas e traçar ações políticas para transformá-las.

Moscovici (1981, p.181) esclarece o significado de representação social ao colocar que:

Por representações sociais designamos um conjunto de conceitos, enunciados e explicações originados na vida cotidiana. [...] Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e aos sistemas de crença das sociedades tradicionais; poder-se-ia mesmo considerá-las como versão contemporânea do senso comum.

O autor utilizou-se da representação social para compreender como o saber é representado e reconhecido na sociedade, pois as pessoas compartilham de ideias semelhantes a respeito de diferentes assuntos pelo fato de se relacionarem de diferentes maneiras com o objeto com a comunidade ou o grupo social. Assim, essa construção aproxima o sujeito ao objeto facilitando a resolução de problemas. Para ele, a população assimila e coloca em prática os conhecimentos formais utilizando-se do senso comum para uma explicação da sua utilização no cotidiano.

Portanto, as representações sociais são um conjunto de explicações que, construídas nas relações interpessoais, servem como referência para explicar acontecimentos além de solucionar problemas percebidos. A importância das representações está em tornar algo que “não era familiar” “em familiar” e, estabelecer o equilíbrio, tomando como máxima, a proposição da vida mental coletiva, que, pelo fato dos seres humanos serem influenciáveis pela sociedade, eles acabam expressando sentimentos comuns.

Encontramos em Freud (1972) um estudo sobre histeria, o conceito de transferência do coletivo para o individual, trazendo a luz a grande influência do social na representação individual, na marca do caráter do indivíduo. Este estudo nos auxilia na compreensão que os objetos não são somente representados, mas também pensados e introduzidos na vida cotidiana do ser humano.

Moscovici (1981) utilizará dos processos cognitivos, da ancoragem e objetivação para entender e explicar o que não é inteligível. A ancoragem acontece quando se utiliza de um conceito preexistente para explicar algo novo, desta forma o que antes não era entendido passa a ser entendido. É classificar e denominar o que até então não estavam classificadas e denominadas e torná-los familiares. Um exemplo é colocar a mulher como sexo frágil, necessitando de apoio e subsídio do homem. Desta forma, o homem, que ocupa o lugar dominante na sociedade brasileira, é ressaltado e resguardado, enquanto que a mulher é subjugada a uma posição inferior.

A objetivação é o processo que concretiza a ideia e a imagem formada, o que a torna real e física. Moscovici exemplifica com a imagem criada de Deus, o abstrato, que ao ser visto e concretizado como pai ele se torna físico e concreto. Ele ressalta ainda, que na maioria das vezes as pessoas não param para elaborar conscientemente uma resposta às indagações feitas, elas apenas reproduzem o que já está construído na sua sociedade sobre o assunto questionado.

Na maioria das vezes, a sociedade elabora uma resposta que justifique e facilite a compreensão do mundo, por intermédio de objetos e situações que são significativos para sua convivência no meio. Jodelet (2001) coloca como exemplo a situação de como a população de uma comunidade rural, onde se encontra um número grande de doentes mentais em liberdade, construiu um sistema de representação da loucura postulando uma insuficiência do controle cerebral sobre o organismo e o cérebro, impedindo a participação normal na sociedade.

A população se organizou de forma a conviver e lidar com o aparente “problema” que se apresentava e construiu conceito sobre os doentes de forma que conseguiram lidar com a situação presente.

A figura abaixo ilustra como o sujeito chega ao conhecimento do objeto e a construção deste conhecimento dentro de uma determinada sociedade., sendo este, um processo que requer um movimento de entender em qual situação sócio histórica aquele objeto está inserido.

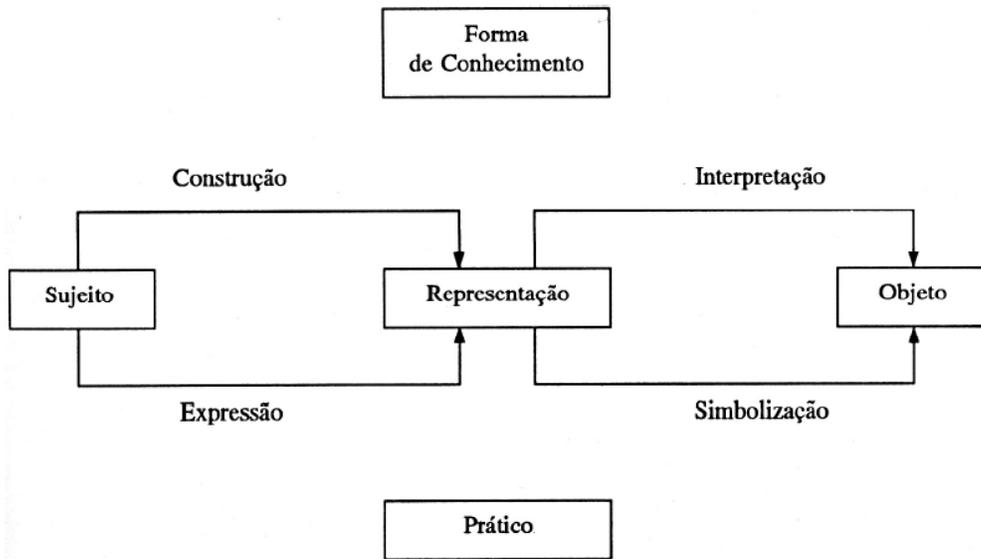


Figura 8- Organização da representação dos objetos
 Fonte: Adaptado de Jodelet (1989)

Entre o sujeito e o objeto encontra-se toda uma forma de organização do grupo; como veem o objeto, qual significado que ele tem e qual a melhor forma, no cotidiano, de lidar com ele.

Para Abric (2001), ao pensar em representação social, deve-se pensar em uma teoria que se organiza ao redor de um núcleo que busca o significado e organiza a representação que é determinada pela natureza do objeto a ser representado e a relação que o sujeito mantém com ele.

A construção da ideia de um determinado objeto a ser conhecido, perpassa pela construção de como expressá-lo e representá-lo na sociedade. Assim, conhecer um objeto, seja ele concreto ou subjetivo, faz-se necessário, desenvolver uma forma de expressá-lo, de interpretá-lo e simbolizá-lo, para depois coloca-lo na prática e poder interagir com o mesmo.

Quando entramos na questão da representação social da escolha de uma profissão tem que se levar em consideração que somos sujeito epistêmico, psicológico social e coletivo. Portanto, falar da construção da identidade profissional é buscar como se dá a formação do sujeito dentro de uma sociedade, dentro de um contexto histórico, social e psicológico.

Todo ambiente que envolve o sujeito, as ideias, ou pensamentos sobre um determinado assunto ou objeto, construídos pela sociedade não são compartilhadas na íntegra por todos os sujeitos, pois têm que se considerarem

as experiências vivenciadas, valores transmitido pela família ou grupo que pertence, posição social que pertence, qual relação que mantêm com o mundo, modelos considerados corretos, difusão do conhecimento, condições psicológicas do sujeito, interpretação que o sujeito faz dessa ideia ou pensamento e a individualidade, pois cada ser é único e nesse processo, haverá representação que cairá perfeitamente no sujeito: as impostas pela ideologia dominante ou a que está diretamente ligada ao seio de sua estrutura social.

Cabe aqui esclarecer que a ideologia utilizada não é a do senso comum social que a tem como ideia, opinião e convicção. Falamos de uma ideologia que Filho (2003, p.71-72) aponta ser a ideologia que “serviria para mascarar a divisão da sociedade em classes e do domínio particular de uma dessas classes através do Estado”. Essa ideologia “[...] constitui fenômeno mais abrangente e que a dominação e o poder de que se tem que tratar são outros”. Ela responde as exigências mais profundas, ela assegura que a ordem social não perca sua estrutura pelas crenças, representações e o simbolismo.

Nas sociedades que a ideologia está fortemente presente, os vínculos, as normas e os papéis exercidos por cada componente são mantidos firmes sem grandes manifestações contrárias, devido o aprendizado das representações sociais que são ensinadas, tornando-se parte integrante das crenças e práticas compartilhadas pelos indivíduos.

Harré (2001) afirma ser o princípio da representação de fácil compreensão: as representações importantes para a sociedade são ensinadas no curso da vida, com a inserção do indivíduo na sociedade. Para ele, o indivíduo vai se formando, entendendo a sociedade e a “si” próprio na narrativa dos que o rodeiam, nas sensações e percepções do mundo e das coisas vão sendo construídas pelos discursos e ações da população.

Nessa linha a profissão na sociedade, vai sendo construída para manter as funções, identidade social, equilíbrio sócio-cognitivo do grupo a ela ligado. Dessa forma tem-se uma sociedade organizada: escola, igreja, instituições, grupos familiares e de amigos trabalhando para a manutenção do sistema.

Segundo Alves-Mazzotti (1992), a palavra profissão está relacionada a futuro, qualidade de vida, sucesso e felicidade. A participação da

representação social na escolha da profissão está intimamente ligada ao significado social, para aquele grupo, de profissão. Para se conhecer uma sociedade é necessário recorrer a representações que orientam as ações, os conhecimentos, suas práticas sociais cotidianas, como interpreta a realidade, como lida com os acontecimentos e guia suas ações diante do que lhe é apresentado.

Para entender a escolha de uma profissão é necessário entender a concepção da palavra para esse grupo ou sociedade, seu peso e significado social. A representação está presente no cotidiano e faz parte da formação e organização de uma sociedade, portanto, quando se discute profissão é necessário entender como ela é vista e concebida no grupo social a ser estudado, isto é, seu “status quo”.

As representações sociais ajudam o indivíduo a se situar dentro de um campo social, auxiliando-o na formação de sua identidade pessoal e coletiva. O indivíduo se constrói e constrói o significado de profissão na relação com o grupo social que está inserido.

Jodelet (2001) nos apresenta os grupos como um fator importante de influência sobre o pensamento de seus membros desenvolvendo estilos de pensamentos diferentes e conceitos sobre objetos, atitudes e práticas.

A influência da sociedade na escolha da profissão pode ser vista, por exemplo, na escolha de ser professor. A imagem construída de um adolescente que decidiu fazer faculdade de pedagogia. Como a sociedade construiu a imagem desse curso? Uma classe sócio-econômica mais elevada pensa: curso sem muita seriedade, para pessoas que não gostam de estudar e, para os homens que estão nesse curso, a sua orientação sexual poderá ser questionada. Em uma classe sócio-econômica menos favorecida, pode ser a realização do sonho familiar de ter uma professora na família. Um curso com pouca duração, teoricamente acessível e representa um a garantia do diploma. Essa imagem foi construída socialmente, dentro de um contexto sócio histórico cultural.

Essa discussão sobre a escolha do curso de pedagogia fez parte do estudo de Gatti (2009) que nos apresenta dados que demonstram que a escolha pelo curso de Pedagogia é feita pela facilidade, pelo horário, por representar uma ascensão social, haja vista que a maioria pertence à classe

media, media baixa e, também, por não ter entrado na primeira opção profissional (62,5% dos pesquisados), ou não ter condições de pagá-la.

A profissão acaba sendo, para muitos, a esperança de uma mudança de vida.



Figura 9- Frestas de uma janela- A esperança
Fonte: Symbolsofthefuture, 2011

O quadro do francês de Pierre Soulages nos traz a possibilidade de sentir o significado da esperança de alcançar algo. O desejo de desvendar o que está por traz da escuridão, do cataclismo, nos desejos de resolver frustrações dos antepassados, da família, dos amigos e da sociedade. A esperança que a profissão carrega na sua imagem e ideologia. Traz uma perspectiva de um futuro dentro de uma sociedade produtiva, que para ser aceito e participar é necessário trabalhar, fazer algo, deixar sua marca.

Pesquisar a escolha de uma profissão, o que foi escolhido e o que foi deixado de lado, é pensar de forma mais aprofundada nos fatores envolvidos que ultrapassam o momento da escolha. Pensemos que as representações sociais são construídas na interação social fazendo parte deste as dimensões afetiva e emotiva, pois representação social não pode ser tratada

de maneira generalizada ela é a maneira que uma sociedade ou população pensa, vê e sente as organizações que compõem o grupo. Como essa sociedade resolve os problemas aparentes.

Jodelet (2001, p. 34) cita Durkheim para explicar a importância das representações Sociais: *“O que as representações coletivas traduzem é o modo como o grupo se pensa em sua relação com os objetos que o afetam”*, ela preenche a função de regular e organizar a sociedade.

Representação, portanto, é apresentar de forma diferente os objetos captados pela experiência de um grupo ou sociedade, essas apresentações do objeto para o indivíduo, acontecem nas relações estabelecidas no ambiente cotidiano, na igreja, na família, na comunidade ou no convívio diário. As pessoas aceitam e acreditam no conceito estabelecido (senso comum) esse conceito ou essas crenças fazem legitimam o objeto conceituando-o antes mesmo de o científico conceituá-lo. É nessa legitimação que se garante uma vida em sociedade e faz com que as pessoas compreendam o mundo e convivam com alguns acontecimentos. As imagens construídas dos objetos são construídas na experiência e nas informações obtidas na convivência e relações visuais com o objeto.

Sendo assim, sem dúvida, a família guarda uma importância com sendo o primeiro espaço a apresentar os objetos e seus significados, as regras e condutas dentro do grupo. É pela percepção que se conhece o mundo e ele vai sendo percebido e vivenciado de várias formas: pela pele, pela sensibilidade, pela intuição, pela percepção e sentidos (fala, audição, paladar, visão, tato, vísceras e pelo corpo como todo).

O indivíduo começa uma comunicação com o mundo, antes mesmo de saber falar e distinguir objetos busca fazer entender-se e entender o mundo que está ao seu redor, inserido pelos órgãos viscerais (interoceptiva). Sente fome, sede, frio e dor e esperneia, contraí os músculos na busca de comunicação (proprioceptiva), para depois, mesmo não entendendo o significado das palavras, comunicar-se por intermédio de gestos e sons, com o mundo e grupo o qual se encontra. Instala-se mais uma via de ligação: afetividade, emoção, o mundo mostrando como comportar-se e o significado das coisas (exteroceptiva).

Apropria-se do mundo e as imagens, pensamentos vão sendo construídos, e a apropriação do meio acontecendo. Pensa o mundo e imagina as coisas acontecendo ou para acontecer. Registra característica do objeto durante sua interação para utilizar-se dele, pela memória, quando for necessário, formando um tear da simbologia na construção do indivíduo social, participativo, ativo e humanizado.

Conforme a simbologia vai aparecendo, há a interpretação do significado e uma contextualização do seu aparecimento. Como a simbologia é passível de interpretação encontra-se a polissemia, variando seu significado dependendo da cultura inserida no contexto.

Ao compreender a importância do símbolo na cultura, depara-se com a construção de identidade de um grupo e sociedade e, ao sistematizar e organizar os símbolos atribui-se maior ou menor valor. Compreende-se assim, como aquele grupo pensa o objeto e como o objeto é visto ou representado naquela sociedade, pois o indivíduo não nasce com a representação formada e sim se constrói no decorrer de sua existência. É uma manifestação cultural captada pelo corpo e manifestada pela ação e expressão.

Não se pode esquecer que o psicológico também está subordinado ao meio social que o indivíduo pertence e a representação é a interpretação mental de uma realidade.

Quando se fala em profissão pensa-se em palavra trabalho, ter uma profissão é produzir, realizar transformar, refletir, fazer cultura e dentro de uma cultura capitalista, é ter status e poder. Pode-se pensar na diferença entre o homem e o animal por intermédio da relação estabelecida entre homem e o trabalho. O homem vive em sociedade igual a muitos animais que vivem em grupos, mas o homem necessita da sociedade para sua sobrevivência, para ser aceito e a sociedade permitirá a sua permanência nela. A racionalidade, inteligência é outro fator forte e o poder de transformação e fazer cultura são pontos de diferenciação entre o homem e o animal. As relações sociais do homem são estabelecidas pelo tipo de relação que ele mantém com a natureza e a sua prática. Para Marx (1989) o homem se constitui a partir das condições de produção, o material, fatores ambientais, logo, o homem se faz conforme sua relação com a natureza e suas condições de produzir, fazer cultura.

A relação da sociedade capitalista com o trabalho é de produzir, criar, progredir, ter sucesso. A busca pela felicidade plena, que dura à vida toda, caminha pelo trabalho e pela profissão, que proporciona realização, representação dentro de uma sociedade. O indivíduo nasce sem saber das coisas e vai se apropriando conforme se relaciona e percebe o que é importante nesse meio em que se encontra.

A busca pelo ser feliz passa a ser entendida pelos valores que a sociedade atribui às coisas. É uma jornada a ser respondida e encontrada.

No “O Conto da Ilha Desconhecida” de José Saramago encontramos um personagem enigmático que procura o rei para pedir um barco para ir à busca de uma ilha desconhecida. A casa do rei tinha várias portas a serem escolhidas e o homem escolhe a porta do pedido, a qual tem que insistir no bater para que seja atendido. Depois de muita persistência a mulher da limpeza o atende e leva o seu pedido até o rei “quero ver o rei” e após três dias o rei lhe atende e concede o barco, mas sem a tripulação.

O homem não consegue ninguém para trabalhar com ele no barco, mas a mulher da limpeza deixa a casa do rei para segui-lo e ajuda-lo nessa aventura. Os dois ficam no barco a arrumá-lo e pintá-lo para a viagem e, toda uma trama acontece nesse espaço.

No término do livro o homem juntamente com a mulher encontra a ilha desconhecida procurada que, remete ao encontro do sujeito com o seu “eu” na tentativa de buscar e conquistar a felicidade.

Nessa trama a mulher da limpeza representa a mãe, que o ajudará nessa caminhada que necessita de uma introspecção, sem um tempo determinado, para encontrar esse lugar almejado, às vezes não enxergado e percebido.



Figura 10- A ilha- o eu interior
Fonte: angelacx, 2011

O eu interior representado pela ilha a ser descoberta e explorada, uma jornada difícil dentro de uma sociedade que não valoriza o eu e a individualidade de cada um. Dentro desta relação do eu com a sociedade capitalista o indivíduo se perde na busca de conhecer-se e descobrir-se fazendo parte do todo. Acaba perdendo, muitas vezes, a relação natural do indivíduo com o movimento da Terra, com as estações do ano ou clima e pelas mudanças lunares. O tempo pertence ao capital, que exige trabalho, força, produção e lucro e, escolher uma profissão implica em entender o que a sociedade precisa naquele momento. Um exemplo são os engenheiros metalúrgicos que na década de 60 eram necessários para a sociedade e os jovens foram levados a construir uma imagem de engenheiro metalurgista, como profissionais que atenderiam a sociedade, portanto, com a carga de status, levou muitos jovens a escolher essa profissão, esse curso. Hoje, segunda década do século XXI não se encontra universidades que ofereçam esse curso e nem adolescentes que procuram essa área. Não há campanhas mercadológicas, o que faz com que os estudantes de engenharia escolham áreas mais promissoras socialmente, como a robótica para atender a sociedade do momento.

As profissões são almeçadas conforme o interesse da sociedade, sendo atribuído um caráter sociológico no aspecto bio-psicológico na medida em que ele pode conferir o progresso para uma sociedade, satisfazer a necessidade do ser humano de um grupo, gerando riquezas para a sociedade. Desta maneira o trabalho deixa de ser uma atividade de realização individual e um esforço que satisfaz, na medida em que é moldado.

O modo como ele é executado – a atividade- como o seu resultado- produto- tornam peças importantes na construção da representação da profissão ou daquela ocupação. Qual significado que aquele trabalho tem para a sociedade do momento e a satisfação que este pode trazer, portanto ser professor, engenheiro, arquiteto, sociólogo, médico ou enfermeiro está intrinsecamente ligado à identidade social e a representação construída a seu respeito.

Portanto o momento da escolha de uma profissão tem como componente subjetivo a percepção, o desejo, sentimentos e valores morais e sociais e desenvolve-se uma expectativa de aceitação social e de “pertencimento” e, os adolescentes, as pessoas em geral, acreditam que serão felizes com aquelas profissões que a sociedade os apresenta.

Buscam um significado para a escolha da sua profissão, trazendo a felicidade e satisfação para a profissão que exercerá no decorrer de sua vida.

O Que É, O Que É?

Gonzaguinha

Eu fico com a pureza das respostas das crianças:

É a vida!

É bonita e é bonita!

Viver e não ter a vergonha de ser feliz,

[...]

E a vida!

E a vida o que é?

Diga lá, meu irmão

Ela é a batida

De um coração

Ela é uma doce ilusão

Hê! Hô!...

E a vida

Ela é maravilha

Ou é sofrimento?

Ela é alegria

Ou lamento?

O que é? O que é?

Meu irmão...

[...]

Viver!

E não ter a vergonha

De ser feliz

Cantar e cantar e cantar

A beleza de ser

Um eterno aprendiz...

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita...
[...]

Gonzaguinha, em sua música, questiona o significado de viver e da vida. A letra possibilita entender a importância de experimentar, sentir e perceber as coisas que rodeiam a ser humano. A dúvida, que o compositor coloca se ela é sofrimento ou alegria, ressalta o fato do ser humano como “um eterno aprendiz”, aquele que busca a realização e felicidade. Deixar-se aprender e sentir é o segredo para se conhecer e entender os porquês das coisas deixando-se envolver na ilusão que uma situação melhor, poderá advir. Para “viver e não ter a vergonha de ser feliz” é preciso aprender e deixar os canais psíquicos abertos para os devidos contatos. Contato com o “eu” interior, contato com o “outro”, contato com as histórias passada.

Entender o processo requer estar disposto a ver, ouvir, sentir, o que muitas vezes, passa despercebido pelo ser humano.

3.1 O desejo e o papel do inconsciente no processo da escolha

Quando eu era menino, falava como criança, apreciava as coisas como criança, discorria como criança. Mas, quando me tornei homem feito, fiz desaparecer o que era próprio da criança.
(Coríntios I, 13:11)

A criança deseja e busca sua felicidade naquele momento, sem preocupação com o outro ou com a sociedade, somente pela satisfação imediata. A necessidade de aprovação social, cumprir papéis e responder a desejos alheios é tecido com o tempo, com o contato com o outro e com a cultura que está sendo inserida. Na medida em que o indivíduo cresce, se desenvolve e se insere na cultura, seus desejos mudam e se moldam às demandas sociais, afastando-se da espontaneidade e nasce assim, o indivíduo com regras, medos, razão aflorada e sensibilidade recolhida.

O desejo guarda significados que não se tem contato e pode manifestar-se ou ocultar-se sem ao menos termos uma explicação, para isso Freud (in GARCIA-ROZA, 1987), afirma que a palavra é o lugar do ocultamento, pois esconde, não apresenta o outro sentido existente. O que a linguagem nos apresenta é pequeno em relação do real significado que está por traz da sua representação.

Cassirer (1998) nos define ser humano como sendo um animal simbólico que possibilita desenvolver a racionalidade tão procurada pelo homem. Para o autor, o simbolismo é pré-condição para a se chegar à razão. Suas pesquisas são no sentido de mostrar a importância dos símbolos na vida o homem. Cassirer admitiu que a construção da nossa realidade tem como base a coletânea de concepções mentais e formas simbólicas, tratando o mito e a imaginação com a mesma importância com que as ciências são tratadas.

O autor considerou os símbolos como ferramentas do próprio pensamento e fundamentais para as atividades criativas e de representação da realidade pelo homem trazendo a possibilidade de analisar sentimentos, emoções e outros elementos da experiência humana.



Figura 1- Os símbolos na formação do homem
Fonte: Conexão, 2011

Os símbolos possibilitam a representação de algo invisível e imperceptível. Eles inserem o homem no mundo sendo essencial no processo de comunicação entre as pessoas no cotidiano. Eles podem ser reconhecidos mundialmente ou por um determinado grupo ou cultura, reforçando a crença e ideologia deles.

Tudo pode ser um símbolo desde que tenha um significado. Pode ser uma figura, uma palavra, um som, um gesto ou objeto que seu significado aparecerá dentro do processo de convivência e necessidade do grupo. O universo está rodeado pelos símbolos e eles colaboram na formação do indivíduo. Alguns símbolos auxiliarão na aceitação de alguns acontecimentos e outros farão parte da repressão de outros.

Em toda construção do indivíduo há espaço para conhecer os desejos escondidos e protegidos. O indivíduo vai introjetando as informações, desejos, frustrações, captando mensagens da sociedade que o rodeia e reprimindo ações, gestos, falas e atitudes para se proteger

É na associação livre, na fala espontânea que o inconsciente se manifesta e podemos conhecer melhor os desejos, as emoções contidas, as vontades e frustrações das pessoas.

Freud (1929) afirma que é nas lacunas de manifestações do consciente que teremos contato com o inconsciente e com isso estaremos de frente com o que até esse momento se encontrava oculto, escondido e caminhando por essa trilha encontramos Lacan (1987) que propõem observar os sonhos, os lapsos, atos falhos, tiques e sintomas para se conhecer os desejos que, por algum motivo, não puderam ser realizados.

Mas o que é desejo? Como desejar o que se tem?

Descartes (1999, p.143) conceitua desejo de uma maneira clara. Em seu art 57 ele coloca que:

Da mesma consideração do bem e do mal se origina todas as outras paixões; mas, para colocá-las por ordem, distingo os tempos e, considerando que elas nos impelem a olhar para o futuro muito mais do que para o presente, ou para o passado, inicio pelo desejo. Porque, não apenas quando se deseja adquirir um bem que ainda não possui, ou evitar um mal que julga possível de sobreviver, mas também quando se deseja somente a conservação de um bem ou a ausência de um mal, que é tudo aquilo que essa paixão pode abranger, é evidente que ela encara sempre o futuro.

Descartes apresenta o desejo como o faltante ou a eminência da falta. O desejo acontece no nível de representação, tem uma forte relação com a fantasia, com a busca de realização. O desejo proveniente do sistema consciente encontra-se presentes nas falas e pronúncias já o desejo proveniente do sistema inconsciente encontra-se em permanente disposição para expressar-se conscientemente, portanto, muitas vezes, a interpretação dessa linguagem pode ser distorcida pelo desejante.

O interessante nessa questão do desejo, é que ele está imbuído de forças, sociais e familiares mesmo sem o nosso consentimento. Para Dejours (1993), carregamos os desejos obscuros de nossos pais, desejos não realizados que são transferidos para nós e nas relações parentais que traçamos desde a mais tenra idade, percebemos os sofrimentos de nossos pais e trazemos para nós como sendo nossos. Como muitas vezes não conseguimos realizar esses desejos ou entendê-los, desenvolvemos uma curiosidade em entender esse sofrimento desencadeado pela frustração do desejo não realizado, forma-se, conforme o autor, a denominada “epistemofilia”, ou seja, a busca do entendimento do sofrimento.

Quando falamos em desejo, ou tentativa de realização do desejo, devemos nos remeter a satisfação do desejo que:

[...] está ligada a desejos inconscientes. São vivências precoces de bem estar, que ficam registradas na vida do sujeito e tendem a voltar reeditadas. No trabalho, observamos que a satisfação vem do reconhecimento do esforço, que é conferido não somente pela empresa, mas pela outra pessoa que pode ser o aluno, os pais, os colegas de trabalho. Esse reconhecimento confere ao sujeito uma identidade. A satisfação vem dar significado à história de vida do indivíduo. O que é realmente significativo para uma pessoa está associado às suas vivências, aos seus registros emocionais das experiências que se desenrolam ao longo de seu desenvolvimento. (BERTAO, 2006)

Bertao (2006) levanta a importância do inconsciente nas escolhas e nas relações estabelecidas entre o sujeito e o meio em que vive, seja familiar, social ou no trabalho. Sem perceber o indivíduo escolhe o que a sociedade, o mercado e a família esperam. Se a robótica estiver em alta no mercado, a sociedade levará sua população a escolher essa profissão. Se o conflito, a frustração estiver muito ressaltada na sociedade, o curso de psicologia terá um número de procura grande. A população buscará resolver os problemas

familiares, econômicos, sociais através da profissão escolhida, projetando nela uma carga de responsabilidade e de expectativa muito elevada.

Buscando o significado de felicidade, recorreu-se a Aristóteles, o qual acredita que a pessoa feliz é auto-suficiente, pois, ser feliz depende da própria pessoa, de uma sensação, é uma condição que está nela e não no outro, na atividade completa da pessoa incluindo bens como saúde e sorte que se apresentam como componentes da felicidade. O autor ressalta que o pensamento e o caráter não estão ligados à sorte, portanto não fazem parte da felicidade.

A felicidade está expressa no ser que exprime uma vida com ações sérias e a aprendizagem auxilia na busca e encontro da felicidade levando o indivíduo numa vida completa, de acordo com as virtudes da alma.

Para a maioria dos homens a felicidade está relacionada a viver bem. Portanto, relaciona-se ao prazer, riqueza, poder e status. Há aqueles que divergem dizendo ser um bem supremo, que é escolhido pela sua essência, outros acreditam ser sabedoria e tem aqueles que acreditam ser tudo isso. Em todos os casos encontramos a felicidade como elemento interno que se reproduz externamente. O prazer é uma disposição da alma que busca satisfazer-se na sociedade que se insere. Pode-se dizer que a felicidade é uma atividade da alma.

No momento da escolha, ao ser deixado de lado uma determinada profissão, ao contrário do pensamento de muitas pessoas que acreditam ter resolvido o problema das profissões não escolhidas, perdem-se ou passam para o plano do passado. Acredita-se que essas, não escolhidas, ficam no inconsciente, preparando-se ou amadurecendo para emergirem de uma nova forma ou situação.

O inconsciente não está separado do consciente de maneira que não haja uma ligação entre eles. Freud nos mostra um inconsciente que justifica sua existência pelas repressões causadas em eventos passados as quais não conseguimos lidar com as situações ou frustrações. Ele é um sistema psíquico distinto dos demais, uma função que guarda os recalques, as repressões e frustrações causadas pelo ambiente inserida sendo uma etapa anterior da consciência na qual os objetos permanecem no inconsciente até a

consciência estar preparada para recebê-los. Portanto o inconsciente é um espaço único das frustrações aguardando o momento para emergirem.

Jung (1987) difere de Freud e afirma que o inconsciente, além do conteúdo reprimido, também contém material psíquico que subjaz a consciência como a percepção, os sentidos e os sentimentos que ainda não chegaram à consciência. No inconsciente habita heranças de nossos ancestrais: desejos? Frustrações? Nessa linha teremos a existência do inconsciente antes do ser humano e contribuindo para a existência e formação do sujeito sendo ele dinâmico, reagrupando e ajeitando os conteúdos já existentes. Contém conteúdos adquiridos durante a vida e também os reprimidos pelo consciente.

Para ele, é no inconsciente que encontraremos materiais reprimidos, as “Sombras” e conforme ele for se tornando consciente o sujeito entra em contato com o seu “eu”, que se encontrava adormecido.

Dentro deste raciocínio, acredita-se que a não profissão, ou melhor, a profissão não escolhida e não se perde, fica guardada trazendo a necessidade da investigação sobre qual espaço ela ocupa no processo do ser profissional.

De acordo com Jung (1987) o mundo exterior e interior anda em sincronia, da mesma forma que o mundo físico e espiritual. Entramos em contato com o inconsciente com o corpo, a linguagem. Temos um corpo que se comunica em postura, ações, gestos e sentimentos. Para Jung o corpo é a manifestação de si mesmo na psicanálise nossas vivências ficam marcadas nos sistemas psíquicos.

Em “A metafísica do corpo” Drummond possibilita o entendimento da importância da integração homem / natureza, homem / mundo (1984, p. 11-12)

[...] Em cada silêncio do corpo identifica-se a linha do sentido universal que a forma breve e transitiva imprime a solene marca dos deuses e do sonho. [...] (DRUMMOND DE ANDRADE, 1984, p. 11-12)

Drummond (1984), de maneira maestrosa, nos apresenta o corpo como instrumento do nosso inconsciente, na forma como o indivíduo se coloca nas situações que se apresentam, como fala, gesticula ou fica em silêncio.

Caminhos passados e vidas experimentadas estão presentes nos traços e linhas do corpo.

As pessoas se parecem fisicamente com determinadas pessoas e a sociedade, familiares e amigos buscam traços, posturas e decisões dos antepassados nas pessoas presentes, na expectativa de solucionar problemas passados. A pessoa passa a ser a salvação, a consagração ou a confirmação das gerações anteriores.

Quando se busca entender as escolhas ou o que aconteceu com o não escolhido depara-se com situações semelhantes, a sociedade, como um todo, busca colocar o sujeito dentro de uma forma estabelecida para ele, colocá-lo no lugar que, muitas vezes, outro não deu conta de ocupar ou de sair. “Forma” esta, construída para a sua família e para ele próprio, conforme seu desempenho na escola, com os amigos, com a família e no seu ambiente. A profissão passa a ser uma nova fase, uma nova vida que desponta com uma identidade nova. Arrisco-me a ilustrar o inconsciente com um quadro de Salvador Dali das Crianças Geopolíticas assistindo o nascimento do novo Homem – 1943.

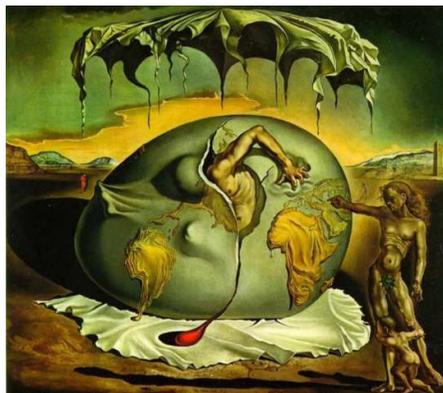


Figura 12- O nascimento do novo homem
Fonte: Bethcruz, 2011

O descobrir-se, a busca de se conhecer, entrar em contato com seu “eu” interior, faz surgir um novo indivíduo. Na psicologia transpessoal entende-se a vida em três momentos: nascimento, desenvolvimento e morte, os três momentos estão interligados, precisando ser experimentados, vivenciados e descobertos, com a magia de cada descoberta feita, nascer um novo ser. Este

ser humano está em um constante vir a ser e, a cada descoberta que faz de si, o “re-nascer”, o “re-descobrir-se” acontece.

Jung (1987) desenvolveu uma teoria de psicologia que abrange o comportamento e o pensamento humano. Sua análise abrange religião oriental, alquimia, parapsicologia e mitologia. O principal conceito de sua teoria é a “individuação”, formação do indivíduo por completo, incluindo o inconsciente e o consciente uma constante interação e intercâmbio entre eles.

Para o autor, o inconsciente se expressa primeiro pelos símbolos e quanto mais um símbolo harmonizar-se com o material inconsciente, mais ele dará uma resposta emocionalmente carregada e ele se interessa pelos símbolos naturais produzidos espontaneamente da psique individual, não ignorando os símbolos coletivos gerados por imagens religiosas.

O ser humano nasce com uma herança psicológica, que se soma à herança biológica. Ambas são determinantes essenciais do comportamento, da experiência e das escolhas feitas. Para o autor o homem como ser civilizado não pode vivenciar uma série de instintos e desejos, simplesmente porque são incompatíveis com a lei e com a moral, para adaptar-se a sociedade o homem se vê obrigado a reprimir tais desejos. Em casos individuais, e em consequência da repressão, os desejos tornam-se inconscientes. Ele é esquecido e em seu lugar surge uma justificativa mais ou menos racional. Jung chamou este processo onde um desejo incompatível se torna inconsciente de repressão e de recalque quando o desejo continua consciente. Diante disso, o conceito de inconsciente pode ser descrito por Jung como "... a soma total dos desejos incompatíveis e reprimidos, incluindo todas as recordações penosas e por isso reprimida."

3.2 Em busca de canais que permitam o encontro interior

Sair da rotina da percepção comum, ver o mundo exterior, não com a aparência que ele tem para um animal obcecado por palavras e noções, mas tal como são apreendidos direta e incondicionalmente pela mente global, é uma experiência de valor inestimável para todos.
Aldous Huxley

As parcerias teóricas estabelecidas com a Psicologia Analítica e a Interdisciplinaridade estimularam a penetrar em dimensões pouco exploradas nos espaços pedagógicos. A razão tem sido muito valorizada assumindo um lugar de destaque nos processos de aprendizagem. Acredita-se que outros canais de aprendizagem mereçam ser melhores compreendidos e utilizados.

Atualmente, com tantas exigências sociais num tempo em que a Educação volta-se para a informação mecanizada, em que o racional é o elemento prioritário, um olhar mais amoroso, um acolhimento, uma segurança faz-se necessária para uma educação humana, criativa intuitiva, capaz de aflorar os sentidos adormecidos.

O relacionamento entre as pessoas, quando não reverenciado a um encontro psicológico, está intimamente ligado ao corpo, ao conecta-se a ele nessa ação “relação”. O contato com o outro envolve todo o sujeito, pois nosso organismo é interdependente, cada órgão, para melhor funcionamento, depende de outro, formando uma rede de interdependências. Portanto, se os olhos não veem e os ouvidos não escutam, a pele sente e a alma capta.

Grimberg (2003) salienta que o Ego reage às diversidades. Articulado mundo interior e exterior, adaptando-se às situações, valendo-se para isso das funções psicológicas da consciência. Essas funções possibilitam formas de contato com o real e cada sujeito, segundo Jung, tende a privilegiar uma delas, podendo as demais ser desenvolvidas com o tempo de acordo com influência do meio no qual o sujeito está inserido.

A consciência e o ego são utilizados para a “adaptação à vida, tanto interior quanto exterior” onde o “Viver tende a se tornar mais fácil à medida que a consciência aumenta e o ego se estrutura. Para isso acontecer, o ego trabalha com alguns instrumentos, tanto de observação quanto de adaptação às solicitações da vida. Chamamos tais instrumentos de funções psicológicas” Grimberg (2003, p.72) que nos auxiliarão a resolver problemas que irão surgir.

As funções psicológicas compõem-se de pensamento–sentimento, consideradas racionais e à sensação–intuição, consideradas perceptivas. Grimberg continua afirmando que além do sujeito possuir uma atitude de extroversão ou introversão em relação ao mundo, ele lidará com as situações de acordo com suas funções psicológicas, sentimento ou pensamento e

intuição ou sensação, o que explica o fato de sujeitos lidarem com a mesma situação de maneira diferente.

Muitas das reações, dos indivíduos, pautam-se numa atitude extrovertida e nos canais do sentimento, na sensação e na intuição. Essas funções prevalecem quando o arquétipo Matriarcal parece estar constelado, pois ele propõe um contato visceral com o outro, utilizando-se dos sentidos e do afeto para estabelecer relações.

Nesse percurso percebe-se que a psicologia transpessoal acolhe a manifestação de todas as funções e também dos diversos padrões de consciência estabelecidos pelos dinamismos arquetípicos. A vivência dessa pluralidade de padrões e de canais parece potencializar a aprendizagem e o conhecimento de si mesmo.

Na psicologia transpessoal há um movimento de acolher, respeitar, cuidar, tocar o outro, que é tecido por aqueles que assumem uma atitude que ultrapassa o entender o aqui e o agora, mas sim o porquê do aqui e agora. Conectar-se como todo de forma acolhedora nos remete a uma atitude materna, remetendo-nos ao encontro do mito de Geia, a Mãe Terra, aquela que acolhe e protege.

Nota-se que na transpessoalidade o arquétipo matriarcal encontra-se muito forte, pois estimula a retomada às origens para um melhor entendimento dos acontecimentos, possibilitando um domínio maior sobre as estruturas do mundo, acolhendo diversas propostas de aprendizagem.

Na realização dessa busca, é necessário voltar aos mitos numa investigação da origem humana à procura de um mundo não racional, um sentindo que pode parecer complexo.

Os mitos e ritos iniciatórios de regressus ad uterum colocam em evidência o seguinte fato: “retorno à origem” prepara um novo nascimento, mas este não repete o primeiro, o nascimento físico. Especificamente, há uma renascença mística, de origem espiritual – em outros termos, o acesso a um novo modo de existência (comportando a maturidade sexual, a participação na sacralidade e na cultura; em suma, a “abertura” para o Espírito). A ideia fundamental é que, para se ter acesso a um modo superior de existência, é preciso repetir a gestação e o nascimento, que são, porém repetidos ritualmente, simbolicamente; em outros termos, as ações são aqui orientadas para os valores do Espírito e não para os comportamentos da atividade psicofisiológica. (ELIADE, 2000, p. 76).

Na busca de uma resposta, tem-se o movimento do renascimento, do retorno ao útero, a origem. Ao recuperando o passado, pode-se entender melhor o presente e melhorar as escolhas futuras, aprendendo a lidar com os sentimentos internos e situações frustrantes. Ao conectar-se com o “eu” interior pode-se deparar com o Caos interno, “personificação do vazio primordial, anterior à criação, quando a ordem ainda não havia sido imposta aos elementos do mundo” Brandão (1989:184 vol.1) abre-se a possibilidade do encontro com a mãe terra, que trouxe uma nova vida, colocando, entre outras coisas, o limite para o vazio... um chão.

O renascimento carrega a fertilidade, a esperança, o início, a origem de tudo, a saída do caos, uma nova vida. “Através da rememoração, da anamnesis, há uma libertação da obra do tempo. O essencial é recordar todos os acontecimentos testemunhados no curso da duração temporal” (ELIADE 2000:83) e assim, ressurgir com um olhar mais complexo, um olhar holístico. Um renascimento de um novo ser, um novo modo de pensar.

Geia, a escolhida por Urano que, ao soltar seu esperma deu-se o nascimento do Universo e outros seres, guarda em si esses movimentos, deu-se início a mais uma etapa.



Figura 13- porta dos sentidos
Fonte: Linarte, 2011

A imagem da porta com seus sentidos ressalta o olhar. As diferentes maneiras de olhar sendo representado por formas geométricas- triângulos e círculos atribuindo sentidos diferentes ao olhar das pessoas sobre um determinado objeto. A porta com o símbolo da abertura, das possibilidades. Os diferentes e não necessariamente errados olhares sobre um determinado objeto ou situação. Kodra, autor da obra acima, intuitivamente percebe e representa em sua obra, que o ser humano na busca de desenvolver e deixar fruir seus sentidos deve permitir-se penetrar no seu interior e compreender como ele funciona, suas amarras, suas dificuldades e suas facilidades possibilitando explorar os sentidos como fonte de aprendizagem. A porta autoriza o sujeito a abri-la e conhecer-se melhor, entrando em contato com sua essência e, desta forma conectar-se com o outro e permitir-se uma comunicação, da mesma forma que ele pode manter essa porta fechada, estagnada.

O sujeito abre-se, conecta suas antenas perceptivas para a compreensão do todo através da emoção. Ao se perceber o indivíduo conseguirá perceber o outro, conforme coloca Ostrower (1987) ao afirmar que:

Na percepção de si mesmo, o homem pode distanciar-se dentro de si e imaginativamente colocar-se no lugar de outra pessoa. Em virtude do distanciamento interior, a expressão de sensações pode transformar-se na comunicação de conteúdo subjetivo. (OSTROWER,1987. p. 22)

O contato com o mundo que o rodeia, além de ocorrer a partir das funções psíquicas acontece através de portas denominadas de sentidos que são disponibilizadas pelo sujeito e seu uso “não é um processo exato, deduz-se que um melhor ou pior desempenho deles vai facilitar ou dificultar nossas relações em tudo: no trabalho, na família, em nossos contatos com a cultura e assim por diante” (PREDEBON, 1998, p.83).

Para Pineau (1988), o sentido com sua polissemia vai nos remeter ora para o significado de “significação”, sinônimo de uma palavra qualquer, ora para “direção” como forma de orientação de que direção devo tomar para chegar a algum lugar ou mesmo qual direção tomar na minha vida; ora para “sensação” impressão causada num órgão receptor por um estímulo, fazendo

parte desse órgão temos os sentidos do corpo humano, a primeira via de comunicação entre os mundos: o interior e o exterior.

É importante haver um desprendimento e deter-se ao movimento de unir os indivíduos como mostra o quadro abaixo de Olga Fonseca.

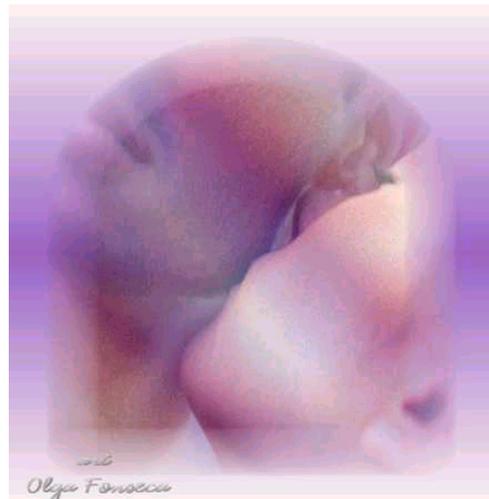


Figura 14- Os sentidos na conexão com o mundo
Fonte: lunaeamigos, 2011

Olga Fonseca demonstra a importância de o sujeito permitir que seus sentidos se desenvolvam para que o contato com o mundo que o rodeia não seja tão superficial, dando continuidade ao processo natural da natureza humana.

Desde o início da vida, o sujeito comunica-se e orienta-se no espaço e tempo através de seus sentidos. Ele vai desenvolvendo suas noções a respeito do sabor, textura, temperatura, cor, sentimentos e do mundo que o rodeia pelos seus sentidos.

Ostrower (1987, p.56) afirma que:

Nossa experiência e nossa capacidade de configurar formas e de discernir símbolos e significados se originam nas regiões mais fundas de nosso mundo interior, do sensório e da afetividade, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo em que o intelecto estrutura as emoções.

Emoções estas, que transitam no espaço entre o inconsciente e o consciente nomeados por intuição, permitindo que o sujeito aja espontaneamente em situações desconhecidas, resolvendo situações novas e inesperadas.

O sujeito nasce com a capacidade de perceber e experimentar o mundo através de seus órgãos sensoriais. No decorrer do seu desenvolvimento, a sociedade na qual está inserido, vai adormecendo seus sentidos e exigindo do sujeito atitudes pré-estabelecidas pelo ao meio, deixando-o muitas vezes estático frente a novas situações, buscando respostas já prontas, esquecendo-se de que “a inteligência conceitual se alimenta e interage permanentemente com a concretude primária das coisas” (Byington, 1996, p. 156).

O dinamismo patriarcal, representado pelas regras e punições, passa a ser ativado constantemente, ignorando, por vezes, o papel da mobilização do corpo, para a aprendizagem. O caminhar pelas ruas observando os detalhes da paisagem, o perceber os cheiros dos objetos que compartilham o espaço, o utilizar o paladar para experimentar sensações novas ou mesmo recordar momentos da infância, como também o utilizar-se do corpo por completo para identificar as diferenças e semelhanças que compõem nosso universo é algo esquecido na busca de respostas racionais dadas pelo mundo tecnológico.

Desenvolver canais que possibilitem o encontro com o “eu” interior não é uma função apenas da família, mas da sociedade como todo e a educação do ser humano deve ser pensada de maneira que ele se desenvolva por completo, entendendo a educação como algo dinâmica e multifacetada. Ela percorre o corpo todo, captando mensagens que chegam de diferentes maneiras, portanto, quando se discute as diferentes escolhas feitas pelo ser humano deve-se levar em conta que essas, mexem com o indivíduo de tal forma que, ficar parado em um banco de escola é impedir o autoconhecimento, a auto valorização e sua autoconfiança.

Aprender na escola e na vida requer uma dinâmica e uma percepção do aprender que não cabe a sistemática tradicional e mecanizada que persistem nas relações modernas.

Levar o ser humano a sua integridade e comunhão com o todo requer espaço e pessoas preparadas para isso. Desenvolver os canais e conectar com o todo necessita “permitir-se”, abrindo as portas da comunicação e ampliando as frestas da janela, trazendo o todo para dentro de si.

Elevar o ser humano a potencialidade do todo, possibilitar que ele se conheça e dialogue com suas possibilidades é fazer um caminho de revisitação, de inteirar-se com o seu eu interior e os seus antepassados. Conscientizando-o de que a passagem para seu espaço o fará entrar em contato com seus medos, desejos e deuses.



Figura 15- O homem em ascensão
Fonte: Imagick, 2012

A obra de Salvador Dalí “Ascensão de Cristo,” traz, independente da concepção trabalhada pelo autor, a ideia de um homem visto por inteiro, entendido como um ser em ascensão, em crescimento, buscando fazer parte do todo e não fragmentado. O ser humano é um ser único no universo,

ninguém tem o seu DNA, ninguém foi ou será exatamente o que ele é. De acordo com Jung (2001), da mesma maneira que o ser humano é único ele também é o todo, fazendo parte do mistério da vida é ao mesmo tempo a parte e o todo, no caminho para o absoluto.

O divino está em todos os lugares e principalmente dentro do ser humano. Ele não tem um lugar estabelecido, ele está na madeira, na árvore, na pedra ou em um objeto qualquer. Encontra-se principalmente dentro do ser humano, necessitando ser desenvolvido em cada pessoa por intermédio um olhar honesto para o seu interior que possibilite um contato com seu “Self” entendendo o quão multifacetado é o ser humano.

Portanto, trabalhar o indivíduo por inteiro requer visão, preparo, ambiente e percepção do todo e do mundo. Não se pode negar que o ambiente de aprendizagem mexe, envolve o sujeito por inteiro e a escola, um desses ambientes que contribuem na formação da personalidade do sujeito, acaba mobilizando-o, engessando-o, com regras, normas e soluções prontas, impedindo que haja um movimento do sujeito pela aprendizagem e do autoconhecimento. Furlanetto (1989, p.62) reforça essa afirmativa quando diz que “é necessário aprender com todos os órgãos do sentido. Além de ver o mundo, é necessário cheirá-lo, tocá-lo, ouvi-lo, degustá-lo. Necessitamos de todos os nossos órgãos para aprender” o que instiga o professor a assumir uma nova atitude frente à produção do conhecimento.

Ilustra essa discussão a atitude de um professor de filosofia, que trabalhava em universidade e, para fazer com que seus alunos entendessem o mito da caverna de Platão, solicitou a eles, uma semana antes da aula, que trouxessem velas, pois iriam participar de uma aventura. A empolgação foi notória e, no dia tão esperado, os alunos encontraram a sala escura, com um som ambiente que os remetiam à época desejada. As velas foram acesas e a aula começou. Eles não só ouviram a aula como se transportaram para a caverna, sentindo o aprendizado. Essa aula não só marcou os alunos como possibilitou aprender com o corpo e com a alma. Esse aprendizado passou por todo o corpo dos alunos, eles sentiram, cheiraram, ouviram, tocaram, perceberam. Há um aprendizado melhor do que aquele que nos transporta para o local do acontecimento?

O homem deveria se preparar para a vida diariamente, conectando-se com o seu interior e com as energias que o rodeia. Entender os acontecimentos entrando em contato com sua história, a história de sua família, para que com isso possa entender as suas escolhas e caminhos percorridos.

Continuando a tecer esse pensamento, a educação deveria ser pensada no sentir, pensar, criar, ouvir, degustar, descobrir e experimentar sensações diferentes, levando o ser a entender-se e descobrir-se, ultrapassando o estado de ver e entender o mundo apenas pela razão, entrando no entendimento do mundo, de si e dos acontecimentos além daquilo que se é visto.

O quadro abaixo de Salvador Dali, "Madona de Port Lligat" criado em 1949, o qual apresenta a Madona sentada com o Menino Jesus no colo, com um buraco no centro retratando a transcendência do ser humano. Mostra o ser humano em seu crescer, sua conexão constante com sua mãe, consigo próprio, com o mundo e seus antepassados, juntando-se ao todo na busca de completude.



Figura 16- Transcendência do ser humano
Fonte: Imagick, 2012

A imagem de Salvador Dali possibilita refletir sobre o ser humano como sendo o todo e a parte, a intercomunicação e a interdependência existente nas coisas e nas pessoas. O indivíduo se faz com tudo que o rodeia tudo que o rodeou e naquilo que está por vir a ser; no passado, no presente e no futuro contido no ser humano.

Essa imagem remete a uma passagem relatada por Brehony (sd):

Perguntaram à Michelangelo como ele criava esculturas tão magníficas a partir de um bloco de mármore frio: "Como criou tamanha beleza, tanta divindade que é a Pietà? Como infundiu tanta magnificência ao Davi?" Conta-se que Michelangelo respondeu: "Não fiz nada. Deus os colocou dentro do mármore, já estavam lá, apenas tive que retirar as partes que não permitiam que você os visse.

O ser humano encontra-se dentro dele mesmo, precisando apenas ser retirado desse espaço, aparando as partes que estão sobrando e deixando fluir o que está no seu interior.

Ao nascer o homem está integrado com a mãe e o universo, perfeito momento para aparar as arestas e fazer com que ele apareça por inteiro, mas, conforme a consciência do "eu" vai se formando, a separação desse sujeito com tudo que compõe o seu ser, inevitavelmente acontecerá. Conforme o senso de individualidade vai se desenvolvendo ele se afasta do senso de unicidade.

As relações propiciam uma identificação com o ego e o distanciamento da natureza humana vai ficando para traz, tornando-o mais parecido com aos seus parceiros, a sociedade e a família, isolando-se do universo. Caso, em algum momento, alguém o desperte para a descoberta de quem ele realmente é precisará, como fez Michelangelo aparar as arestas cuidadosamente e tira-lo de dentro.

O quadro nos remete a um ser humano conectado ao mundo, ao divino, aos acontecimentos, deixando seus canais de comunicação e sensação abertos. Essa porta sensorial está presente na criança, portanto, para se alcançar ou atingir essa relação, faz-se necessário buscar a criança interior existente no ser humano e que foi esquecida e abafada por um mundo que prestigia apenas o fazer e reproduzir mecanicamente. Desta forma ao

renascer, o sujeito consegue experimentar o conhecimento de forma diferente e prazerosa.

A mim a criança ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me para todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
quando a gente as tem na mão
e olha devagar para elas.
A criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção de meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
são as cócegas que ela me faz,
brincando, nas orelhas.
Ela dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de perna para o ar.
Põe uns de em cima dos outros
E bate as palmas sozinha
Sorrindo para o meu sono...
A criança Nova habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena. (CAEIRO IN ALVES,2000, p.63)

Caeiro, nesse poema mostra que a curiosidade da criança a leva a apreender, compreender e explorar as situações que vão sendo apresentadas abre as janelas sensoriais e perceptivas, ativando sua criatividade. Nesse espaço, o aprender está ligado ao conectar-se a tudo que a rodeia, tentando dominar cada nova situação explorando ao máximo esse momento.

A criança interior deve fluir ficar solta para que explore o ambiente de aprendizagem através de seus sentidos, pois assim ouvirão as informações passadas, como também, sentirão essa informação inserindo-a no mundo não só exterior, mas também o interior. Desta forma, a vivência se torna completa, levando-a a uma aprendizagem significativa. Viver deve ter um significado que vai além do nascer, crescer e morrer. A vida deve levar o ser humano ao êxtase, a um aprofundamento que resulta no desejo de continuar nessa viagem.

É imprescindível manter a criança interior viva para que não se perca a sensibilidade e a intuição. Uma forma de ilustrar essa situação é no exemplo de uma aula de “Linguagens Avançadas de Educação”, no curso de Pedagogia de uma determinada universidade particular, na qual a professora distribuiu argila aos alunos, pedindo para que fizessem uma máscara. No primeiro momento, ficaram estagnados, sem saber o que fazer, procurando um modelo a ser seguido e impedindo deixar-se fluir. Segundos passaram, com observação do gênero: “não sei fazer máscara!”, “não sei mexer em argila!”, “mas o que você quer mesmo que a gente faça?”. Experimentar o novo parecia ser algo distante daquela realidade. Em seguida, perceberam que não se encontravam sozinhos nessa busca de um modelo a ser seguido, pois não havia um modelo e sim um fazer, construir algo e deixar acontecer. Viram que estavam juntos na mesma situação, e começaram, aos poucos, a se soltarem.

Foi observado que a criatividade e sensibilidade, que está presente na criança, foram bloqueadas pelos professores “Patriarcais”², que acreditavam, por terem aprendido assim, que uma educação mais rígida, com regras e modelos é o correta, impedindo assim, que a inteligência espontânea seja manifestada.

As máscaras representavam o retorno à infância e a aula fez com que eles se lembrassem dos momentos descontraídos da pré-escola. A felicidade era contagiosa, e o momento de contato era com o interior e com seus desejos. Quando é proporcionado um contato mais firme com o seu interior e suas histórias agradáveis e frustrantes no cotidiano? Como podemos entender nossas escolhas se não é dada a oportunidade de pensar sobre elas?

Muito conhecimento é aprendido e comunicado através de gestos e outros meios paralingüísticos. A descrição dos aspectos do mundo, através de desenhos, construções com blocos ou argila, ou outros veículos icônicos, é um acesso ao simbólico de grande significação na primeira infância... Vários costumes, rituais, jogos e outras interações sociais, comumente, são símbolos de vários tipos, cujos significados são, pelo menos, parcialmente acessíveis – e, com toda probabilidade, altamente potente – para as crianças pré-escolares. (GARDNER, 1994, p.53).

² Na psicologia junguiana Byington descreve o arquétipo patriarcal como o arquétipo da organização, das leis, das regras e da disciplina.

Deparamo-nos com uma educação e postura diante da vida que valoriza um conhecimento mecânico de fórmulas e regras a serem seguidos, sem a preocupação da compreensão sensível das coisas. A experiência sensível, a afetividade cede lugar a definições e conceituações com respostas puramente racionais.

Essa discussão reflete sobre o “ver” como uma capacidade do ser humano, porém conseguir olhar os objetos, e entendê-los, decifrá-los, necessita de um aprendizado. Ao ver nem sempre se captura a beleza do mesmo e com isso perde-se a oportunidade de experimentar o que de melhor existe naquele objeto. Para Duarte Jr.(2001, p.97) o sujeito opta por “não ver para não sentir: atitude extrema tomada como mecanismo de defesa face ao “enfeamento” de nossa situação vital”, o sujeito vê o que acontece ao seu redor, esquivando-se de olhar e entender os acontecimentos que podem machuca-lo ou leva-lo a refletir e a tomar atitude, que nem sempre será agradável naquele momento.

Deve-se ensinar o indivíduo a olhar antes de tudo para que resgate a sensibilidade, olhando o universo que vai além das imagens representativas, buscando assim, contribuir para a melhoria da sociedade na qual está inserido.

Olhares... Olhares diferentes, viciados em ver o que a sociedade acredita ser correto. Ao olhar, o professor explicita suas expectativas e experiências, transporta-se para o lugar do aluno.

O olhar reflete o ser humano trazendo-o para frente do espelho, despindo-o. Para Sartre (1979) nossa existência é fundamentalmente confirmada pelo olhar do outro e afirma que nossa visão é direcionada para o conhecimento, para onde ele estiver. Os Olhos mostram o que o sujeito quer ver “cada imagem visual surge de início imbuída de significados, como também surge imbuída de valorações” (OSTROWER, 1987, p.64), de acordo com aquilo que o sujeito já conhece suas experiências, vivências. Faz parte de um processo seletivo interior que acontece naturalmente no sujeito que irá selecionar, através da emoção, o que ele perceberá de tudo que está vendo.

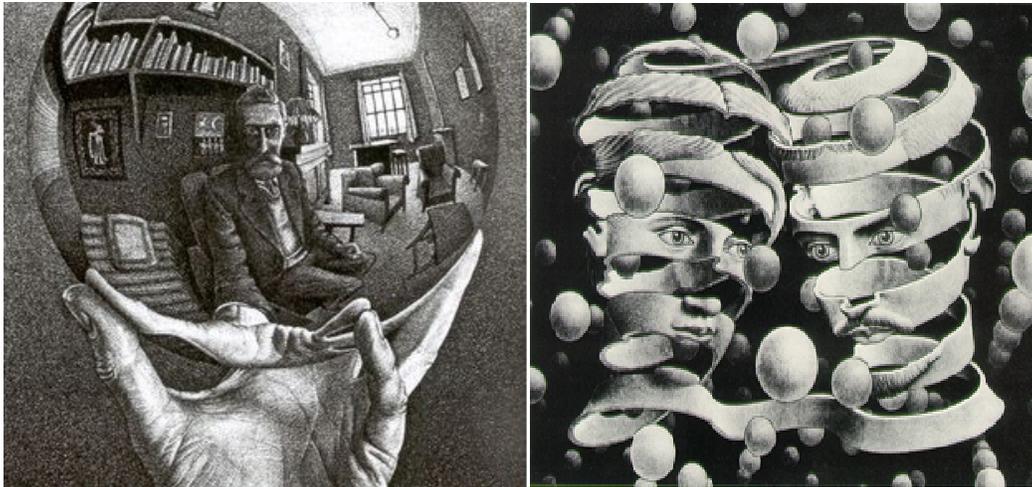


Figura 17- Espelho dos sentidos
Fonte: Fronteirasdamente, 2011

Nestes dois quadros, Escher provoca confusão mental com suas brilhantes ilusões de óptica eles despertam os sentidos no sujeito. Com um núcleo externo refletindo imagens captadas pelo sujeito que experimenta a sensação de ver o que não vê, despertando as diversas sensações providas pelos sentidos e trazendo recordações, emoções que serão diferentes em cada sujeito, pois sua vivência não se iguala a do outro.

Os sentidos permitem o contato do ser humano com o mundo exterior e permitem que a percepção aflore. Hoje, entende-se que a percepção do homem está concentrada, boa parte, na percepção visual, naquilo que ele vê. Haja vista que toda orientação espacial humana acontece por intermédio da visão, sobrando uma parcela pequena para o paladar, audição, olfato e tato.

Ele nos remete a uma olhar pensante, julgando, atribuindo adjetivos e acessando seus outros sentidos, utilizando o olfato, tato, audição, paladar e, muitas vezes acionando lembranças do passado, da infância, tendo como referencial o olhar pelo qual ele foi visto.

A primeira tipologia tradicional da entrada pelos cinco sentidos permanece sempre presente e atuante com uma hierarquia dos sentidos que se refere no vocabulário das operações cognitivas: vejo, ouço, compreendo, toco. No início das divisões, Descartes introduziu sua *Dioptria* 1637 com um apelo à visão como sendo o primeiro sentido de referencia, por ser o mais universal e o mais nobre. (DUARTE, 2001, p.46)

Com o olhar conseguimos ver o todo e as partes, numa percepção de importância e significado entre elas. O olhar traz o mundo para perto e possibilita a relação entre duas ou mais pessoas, que abre espaço para conhecer o outro e deixar-se conhecer. É a porta da alma que permite a percepção aflorar, “perceber é olhar e captar um olhar não é apreender um objeto ou um pessoa no mundo, mas tomar consciência de ser visto pelo outro” (SARTRE, 2003, p.333). O autor continua afirmando que ao descobrir a existência do outro surge o objeto não desejado, o eu revelado pelo olhar do outro fazendo com que ele exista.

É no movimento de olhar que o ser humano se situa no mundo, celebrando a sua existência. O indivíduo não escolhe olhar, simplesmente ele olha para o mundo e, a partir dele são estabelecidas relações entre os seres e destes com os objetos. Após olhar e tomar consciência do que pode existir o indivíduo decidirá se manterá o olhar ou se o desviará do seu destino.

O olhar permite entrar em contato com o visível e o invisível, caminhando em direção do encontro com o eu, com o outro e com o mundo, impulsionando o objeto na medida em que ele vai sendo olhado. O corpo do ser humano é uma teia formada de visões, sentimentos e movimento que podem aproximar ou afastar, possuir ou ignorar, abrir ou fechar espaço. Entender o corpo como um todo que vê, sente, se conecta, apreende e se comunica. Ele contém o passado e o futuro, o ontem e o amanhã a serem descobertos e entendidos



Figura 18- Olhos, porta do conhecimento
Fonte: artefontedeconhecimento, 2012

A obra do artista Escher, possibilita atribuir, aos olhos, a porta do conhecimento. O sujeito necessita aprender a olhar o todo e analisar as partes para a compreensão do que está acontecendo ao seu redor, e o movimento que o levou àquele resultado. Detalhes, muitas vezes, passam despercebidos, deixando de lado cenas ou imagens significativas. Ao deixar de olhar as pequenas coisas que parecem insignificantes, deixa-se de entender o todo e o porquê dele ser dessa forma. Gaeta (2001, p.223) traz uma diferenciação entre Olho e olhar.

O ver, em geral pressupõe certa passividade e discrição; nesse caso, o olho meio que desatento e espectador passeia sobre a superfície das coisas do mundo e as espelha e registra, com uma conotação de ingenuidade e espontaneidade [...] o olhar é diferente! Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, é direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor.

Portanto, para desenvolver uma identidade e uma imagem de si próprio, a visão do outro, forma uma cadeia de interdependência a qual faz com que o sujeito necessite constantemente solhar para dentro de si, a fim de confirmar sua personalidade, seu jeito de ser e sua forma de agir perante situações diferentes.

Ser visto e aprender a ter um olhar diferente para tudo que o rodeia é um aprendizado constante: olhar o conhecimento como algo prazeroso, que o leve ao gozo; olhar a profissão de forma ampla não se esquecendo de ver e perceber os detalhes que ela carrega; ver toda a dinâmica que a incorpora.

“Aguçar seu olhar no sentido de ver outras dimensões daquilo que se apresenta” (idem: 224) é buscar ver além do que os olhos mostram entender o que está por detrás, colocando-se empaticamente, objetivando olhar para todas as direções possíveis, na busca de uma compreensão melhor e atraindo o objeto para a sua direção.



Figura 19- O olhar
Fonte: Geocities, 2012

Monalisa, de Leonardo da Vinci, ficou famosa pelo seu olhar penetrante, que segue as pessoas que a veem. Possuidora de um olhar que faz com que o observador sinta-se percebido, olhado, notado, aconchegado; o olhar que fala que se comunica e expressa o seu sentimento.

Alberto Caeiro possibilita sentir o significado do olhar que abre as portas para o verdadeiro conhecimento, o desprender-se para entender, soltar-se das amarras que impedem o verdadeiro olhar.

Meu olhar é nítido como um girassol.
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,

Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo...
Creio no mundo
como um malmequer,
Porque o velo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O mundo não se fez para pensarmos nele (pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
Não basta abrir a janela para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores é preciso também não ter filosofia nenhuma.
Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
Raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu...
O essencial é saber ver.
- Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!).
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender...

A poesia acima reafirma a necessidade de se liberar os sentidos para que se utilize todo o corpo para o conhecimento do seu “eu” e, posteriormente, estando preparado para conhecer o que se encontra no seu exterior, recorrendo ao olhar para se desenvolver uma visão do mundo mais ampla, mais complexa, menos egocêntrica.

Caminhando pelos sentidos se percebe o quão eles se fazem importantes na construção do sujeito e do significado que este dará ao mundo e as coisas. Nesse percurso encontramos a fala e sua importância para inserção do sujeito no mundo.

A fala constitui a essência do mundo e a essência do homem. Cada frase orienta-nos num mundo que, aliás, não nos são dados tal qual, de forma definitiva, mas que aparece construído palavra por palavra, com a expressão mais insignificante... O mundo oferece-se a cada um de nós como um conjunto de significações, cuja revelação obtemos apenas ao nível da fala (GUSDORF, 1995, p.37).

É através da fala que o sujeito é apresentado ao mundo. É com ela que conhecerá e saberá lidar com os objetos, com as pessoas que fazem parte de seu mundo e com ele mesmo. Ela nomeia, atribuindo significado aos objetos e ações.

Com ela, o sujeito aprenderá a diferenciar-se dos demais. Atribuindo nome, além de possuir certo domínio sobre os objetos, pois o conhece, faz com que ele passe a existir. (GUSDORF, 1995)

Se o olhar mostra ao sujeito o que ele quer ver, mostrando também o objeto a ser conhecido, a fala aproxima o sujeito do objeto, permitindo que ele o conheça, dando-lhe nome, significado.

Foi com a palavra que Cristo conquistou os fiéis que permanecem até os dias de hoje como seus seguidores. Da mesma forma Hitler desencadeou uma guerra em que milhares de inocentes morreram na busca da verdade, na defesa de algo divulgado e mostrado como sendo a verdade. “As palavras têm uma consistência que envolve o significado do universo”. (idem: 18). Ela constrói, destrói e volta a construir novamente. Ela transforma e faz despertar desejo, da mesma forma que o afasta se não bem colocada. Ela é ambígua, provocando muitas vezes em quem escuta questionamento, incerteza e dúvida sobre que foi dito.

O tocar traz o sujeito para perto do objeto. Depois de vê-lo e nomeá-lo, o tocar, extensão dos olhos, permite diferenciá-los dos demais objetos, caracterizá-lo melhor. A utilização do olfato redimensiona o objeto, podendo elaborar imagens sobre o mesmo e nos remete a imagens da infância, trazendo para perto as sensações positivas ou negativas do passado.

Furlanetto (1989), ao demonstrar o arquétipo matriarcal com a obra de ficção de Adélia Prado, diz que o pai alisava o bracinho da filha aleijada todas as noites, beijando a mão da menina para passar o amor para ela. Esse trecho da obra exemplifica a necessidade de se tocar, de transmitir, através do toque, o sentimento, o carinho. Por outro lado, o outro se percebe tocado, o que lhe acaricia a alma, traz o conforto necessário ao coração.

Um abraço traz, muitas vezes, a lembrança de um momento de aconchego, confiança, resgatando assim um sentimento de comprometimento entre os sujeitos. A mão une as pessoas, ao darmos as mãos formamos uma corrente, um elo de ligação. Adélia em seu poema nos aproxima dessa relação construída ao longo da vida. O tocar e perceber os dedinhos defeituosos de Suely fazia com que ela se percebesse e desenvolvesse força para enfrentar a deficiência.

“[...] pegava a mãozinha seca pra cortar a unha: “esmalte aqui gasta só um pouquinho, tiquinho de dedo, tiquinho de unha...” Papai sofria, sofria, mas cada vez gerava ela de novo com as força do amor dele.” (FURLANETTO,

1989, p.14). O passar esmalte, acariciar, ajudava Suely a ter forças para enfrentar seu problema.

Da mesma forma, a construção do indivíduo passa pelo caminho de ser reconhecido, visto e inserido na sociedade. Utilizando-se do corpo como um todo se aproximar do conhecimento, do seu “eu” interior e entender o caminho que foi traçado, decidindo se pretende segui-lo com consciência de como este caminho foi sendo construído ao longo da sua história.

Robert Littell ao apresentar os clássicos Bach, Bethoven, Brahms, Chopin, Handel, Mozart, Schumann e Wagner, em 1959, na coleção “Música dos grandes Mestres”, escreveu que:

Ouvir realmente não significa labuta solene ou carrancuda concentração, e sim um hábito tranquilo e acolhedor do cérebro e do ouvido, uma atenção natural e maleável. Nunca sabemos quantas janelas temos no espírito da alma, enquanto não começarmos a abri-las. Os maiores prazeres deste mundo nunca irão do encontro do coração passivo. Nenhum continente desconhecido jamais veio por si mesmo ao encontro dos homens; eles só deram seus tesouros àqueles que foram procurá-los.

O ato de ouvir requer do sujeito um desprendimento de seus conceitos, abrindo espaço para uma nova possibilidade, deixando-se penetrar por novas maneiras de ver a situação. Um ato de reflexão sobre outras possibilidades e complementando com Duarte Jr (2001, p.86) que diz ser “ponto pacífico de que tenhamos nos tornado verdadeiramente humanos quando a criação de um sistema simbólico, ainda que rudimentar, permite a troca de impressão sobre o mundo e sobre nós mesmos”, abrindo as portas de um conhecimento sobre o sujeito, mantendo viva a sabedoria dos antepassados.

A escuta requer um aprendizado, o doar-se deixando de concentrar-se nas suas ideias para aceitar a do outro, desencadeando assim, o dinamismo da Alteridade, que nos permite transitar no mundo de diferenças e desigualdades buscando seu espaço e respeitando o espaço do outro. Para se falar com alguém, faz-se necessário aprender a escutá-lo também.

Depositária da história da humanidade, a escuta incube-se de guardar o que é passado por ela, para posteriormente, transmiti-lo através da fala. Detentora de uma carga de afetividade, devido ao seu movimento de parar para dar atenção ao outro, ela torna-se necessária na formação do indivíduo.



Figura 20- A origem- O homem se ligando ao divino
Fonte: Arquivom, 2012

A pintura de Michelangelo, “A Origem”, da capela Sistina, remete a uma ligação do homem com o divino, com o planeta, ligando-o não apenas aos desejos e anseios terrenos, mas com o cosmo e universo. Representa a magia presente nas tentativas de encontro do “Eu”. O movimento do corpo traduz o desejo do homem conectar-se com o universo, o todo, o divino no toque dos dedos, no olhar um para o outro. O homem parece à espera, enquanto Deus necessita sair do invólucro que o circunda para se aproximar do homem que o aguarda estendendo a mão displicentemente.

Entre os dois, o homem e o divino, a comunicação está no toque dos dedos e no olhar. Moreno (1997, p.9) nos dá um caminho em sua poesia:

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face na face.
E quando estiveres perto, arrancais teus olhos
E quando estiveres perto, arrancais teus olhos
E colocarei no lugar do meus;
E arrancarei os meus olhos
Para colocá-los no lugar dos teus
Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu me verás com os meus.
Assim, até a coisa comum serve ao silêncio
E o nosso encontro permanecerá a meta sem cadeiras:
Um lugar indeterminado, num tempo indeterminado
Uma palavra indeterminada para um homem indeterminado.

Na busca do encontro, o qual acontece aos poucos o sujeito coloca-se em ponto de deslocamento, em trânsito, de um lugar para o outro. Nessa caminhada não se depara com respostas definitivas, mas com algumas pistas a serem percebidas que estimularão a continuidade da busca.

A construção de um espaço propício para encontros com o “eu” interior se inicia com a descoberta de que se aprende e se descobre o tempo todo e em qualquer espaço. Isso implica em sair de seus casulos, em reconhecer que o não é onipotente e que falhas e frustração fazem parte do crescimento e do homem. Aceitar os espaço e situações é fonte de experiência, de aprendizagem e requer um exercício não só de humildade, mas também de desapego, respeito e capacidade de conviver com a ambiguidade.

O conhecimento possui um ímã que atrai o sujeito que o deseja. Percebo que não basta o conteúdo nem a metodologia que se emprega ao organizar as aulas. O comprometimento e a amorosidade com os quais tecemos nossos movimentos docentes parecem ser fatores fundamentais para desencadear processos de aprendizagem. Quanto mais se criam espaços amorosos para compartilhar: pensamentos intuições, percepções e sentimentos, mais os alunos parecem dispostos a entregar-se aos processos de aprendizagem.

Compartilhar experiências configura-se como um movimento rico e complexo. A riqueza reside na possibilidade de, ao relatar trajetória, estabelecer espaços de troca e reflexão que sejam propulsores de ideias, saberes e novos caminhos. (BATISTA, 2002, p.149)

As relações intersubjetivas nos levam a repensar atitudes, conceitos e procedimentos e a transformação torna-se inevitável. O novo pode interagir com o velho, originando novas sínteses, isto é, novos estados de consciência.

Vivenciar os dois polos do arquétipo do Mestre Aprendiz, possibilita que o aluno também ensine. Tal tarefa é difícil de ser enfrentada, pois fomos estimulados a acreditar na onipotência do professor, na existência de uma forma certa de ensinar e de deter o conhecimento, mas ao vivenciar esta experiência novas formas de se perceber a Educação podem surgir, desmistificando a ideia que educar é ser totalmente racional. Assumindo a ideia de que não podemos dar conta de toda a informação existente, poderemos pensar no nascimento de um novo professor.

Descobrir o nosso jeito de ser e de exercer a docência já é um começo que abre possibilidades para que os alunos também se autorizem a transitar no mundo, buscando ver, ouvir, sentir, tocar e cheirar o conhecimento.

Empresto de Fernando Pessoa as palavras que dizem:

Afinal
Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência,
Uma alucinação extraordinariamente nítida
Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,
O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas
Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos [...]

Fernando Pessoa

O sentimento é a porta do conhecimento do próprio sujeito e do outro. Abre-se, desta forma, possibilidades para que a pessoa perceba seus sentimentos em relação a sua escolha profissional e entenda os sentimentos que permanecem diante de algo deixado para traz.

Tornar-se pleno e conseguir entender os caminhos percorridos requer que se abram as portas e janelas do nosso corpo para conexão com o todo e com o universo. Sentir, tocar, ouvir, falar, ver, faz parte das multifacetadas possibilidades de se conhecer e se perceber. Não há garantia de uma escolha certa, o que se pode fazer é entender o motivo das escolhas e o que aconteceu com as opções abdicadas.

O processo de entendimento dos caminhos percorrido passa pelos canais psíquicos (ouvir, falar, tocar, sentir, cheirar), pelos símbolos que acompanham todo desenvolvimento do ser humano, pela representação social que as coisas têm, pelo desejo e pelas heranças adquiridas dos antepassados.

Estar preparado para entender o caminho e as escolhas requer uma postura de busca e desejo de abrir a porta do desconhecido. A magia está em viver, sonhar, desejar e em permitir-se perceber o simbolismo existente em tudo.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (FERNANDO PESSOA)

Optar é pensar nas possibilidades, colocar na balança o caminho menos frustrante, o que possibilitará realizações pessoais e fazer a travessia, atravessar o espaço do sujeito “não produtivo”, aquele que se preparava para o trabalho, que se relacionava com as pessoas e, portanto desenvolvia uma identidade profissional. A profissão escolhida comporá a sua identidade pessoal e ajudará no seu sentido de pertencer a uma sociedade.

A imagem de Janus traz a representação da travessia, do ser humano enigmático, aquele que foi e o que será o passado e o presente contido em um corpo, em um sopro.

Na mitologia Romana Jano era o porteiro celestial, tinha duas cabeças, uma voltada para dentro e outra para fora, passado e futuro, representava o dualismo comum das coisas comuns deixando o absolutismo para o divino que contempla a alteridade a serenidade. É o Deus tutelar do começo, presidindo as possibilidades.

Lobo (2005) destaca uma passagem a qual Freud, em uma carta diz ter adquirido uma estatua de Jano, admirado pela aquisição salienta que este representa os dois lados existentes em todo ser humano: o passado expresso no presente.

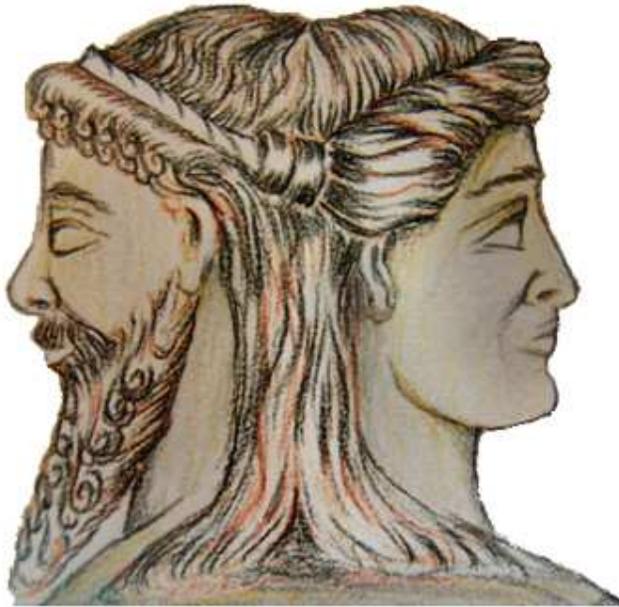


Figura 21- Jano- Passado e presente juntos
Fonte: ABC, 2012

Jano (em latim Janus) um deus romano que deu origem ao mês de Janeiro o começo, porém o começo próximo de um fim, Dezembro, mostra, assim o antagonismo presente na vida e nas decisões; o homem olhando para o passado e a mulher para o futuro.

A figura mostra o deus Jano com uma face olhando para frente e outra para trás, o término de uma fase e o começo de outra. A representação das duas cabeças nos remete a indecisão, característica do ser humano, pois quando uma pensa em algo relacionado ao passado à outra logo via o futuro, o que nos traz a fase da escolha profissional e o momento em que o indivíduo revisita as possibilidades deixadas para traz.

Na sociedade pós- modernidade a escolha profissional traz algumas características como: a incerteza da não permanência no emprego, a incerteza da felicidade e satisfação, a ansiedade relativa a atender as expectativas sociais, familiares e pessoais causando frustração, que de acordo com Freud (1985), pode ser causada por três canais: a relação do ser humano com o corpo, a relação deste com o mundo e a relação com o meio. Pode ser sequela de um sonho não realizado e emergirá na relação do ser humano com o mundo e com as pessoas.

4. MÉTODO

[...] Ah! os caminhos estão todos em mim. Qualquer distância ou direção, ou fim pertence-me, sou eu. O resto é a parte De mim que chamo o mundo exterior. Mas o caminho Deus eis se biparte. Em o que eu sou e o alheio a mim [...]
Fernando Pessoa

Esse capítulo trata sobre o caminho percorrido para realizar essa pesquisa tendo como o primeiro passo, nesse percurso, a escolha do tema. Foi feita a descrição do perfil e características dos sujeitos envolvidos, bem como a escolha do procedimento e do instrumento utilizado para coleta dos dados.

Teve-se claro, que a pesquisa é algo que mobiliza inquieta, questiona o pesquisador; sendo uma questão a ser respondida, e a literatura não deu conta de fazê-la. A resposta é a busca de compreender algo, ou de preencher uma lacuna literária, motivando o pesquisador a construir um projeto de pesquisa em busca de um olhar mais de frente, mais profundo no objeto.

Severino (2002, p.145) auxilia ao afirmar que:

Quaisquer que sejam as distinções que se possam fazer para caracterizar as várias formas de trabalhos científicos é preciso afirmar preliminarmente que todos eles têm em comum a necessidade procedência de um trabalho de pesquisa e de reflexão que seja pessoal, autônomo, criativo e rigoroso. Trabalho pessoal no sentido em que “qualquer pesquisa, em qualquer nível, exige do pesquisador um envolvimento tal que seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida”. A temática deve ser realmente vivenciada pelo pesquisador.

Dentro de tantos questionamentos existentes no ser humano, no momento da escolha do tema, muitos ficarão para traz e, por algum motivo, um tema mobilizará o pesquisador a dar inicio a sua caminhada.

Severino (2002) nos remete a pensar o quão angustiante é a escolha do caminho a percorrer pelo pesquisador, porque, em dado momento terá que fazer algumas escolhas para focar a sua temática, uma vez que, não poderá abrir um leque muito grande para todos os seus questionamentos.

Tendo escolhido o objetivo de sua investigação, este passará a fazer parte de sua vida. Podemos inferir que, de um modo geral, todos que se propuserem a elaborar um trabalho de pesquisa, dispenderá de um bom tempo para refletir, criar, recriar sob critérios rigorosos. Neste trabalho, as inquietações ficarão em torno das possíveis profissões que não foram

concretizadas. E ficam as perguntas: Foram soltas? Esquecidas? Resolvidas? Como resolve o que não foi escolhido?

São questionamentos que permeiam a presente pesquisa

Para buscar a resposta dessas questões muitos caminhos eram possíveis de serem percorridos, porém só um poderia ser escolhido e os demais, deixados para outra oportunidade. Ficaram para traz, por um tempo, para sempre, mas, por um tempo foram esquecidos. É a encruzilhada que o pesquisador enfrenta e deve saber tomar as decisões certas para que seu caminho continue levando-o para seu objetivo final.

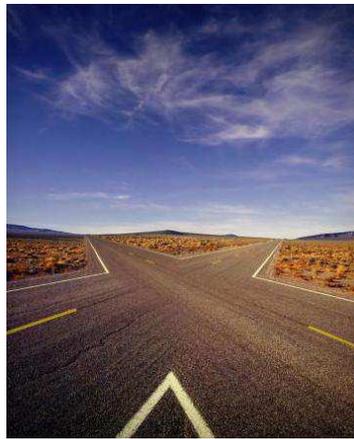


Figura 22- Encruzilhada das escolhas
Fonte: Facestrocadas, 2012

Olhar o ser humano, entendendo o que se mostra é buscar na fenomenologia o entendimento da coisa em si. O termo fenomenologia vem da palavra grega “phainesthai” e significa o estudo daquilo que se mostra. Estudar aquilo que aparece. Não se preocupando em conceituar, mas em entender, em compreender o que está sendo pesquisado.

Para Rezende (1990, p. 29) “a fenomenologia não é um discurso da evidencia, mas da verdade em toda a sua manifestação”, uma reflexão exaustiva sobre o objeto de estudo em toda a sua dimensão. Trazer à luz a experiência humana antes não observável. Olhar a coisa, aquilo que se apresenta e entende-la.

Esse método adota a intuição, pois para Husserl, a intuição pode compreender o objeto intelectualmente. Tornar consciente algo que não era

percebido antes. A investigação, dentro da fenomenologia, faz aparecer à consciência do sujeito através da interpretação dos dados obtidos, como mostra a figura abaixo.

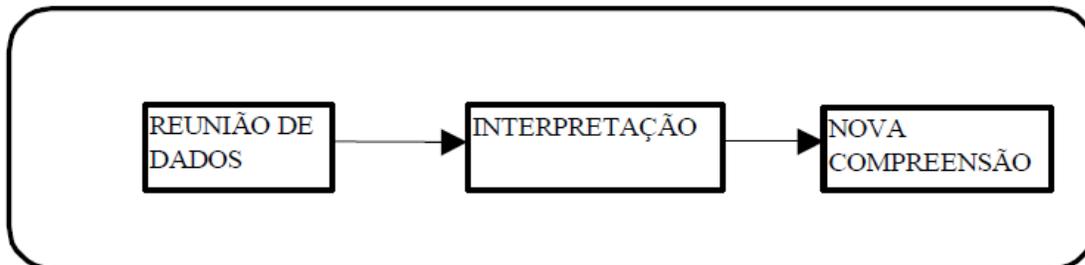


Figura 23- Fenomenologia na interpretação
Fonte: Caderno de pesquisa em Administração, 2000

A fenomenologia enfatiza a interpretação do mundo que emerge ao consciente por intermédios da experiência do sujeito, abrindo a possibilidade de sair do tradicional e contemplar a transpessoalidade, o transcendental.

Compreender o processo da construção da escolha profissional e o que acontece com o fenômeno abdicado é pensar o homem como um todo envolvido, inserido no mundo e no universo, entrelaçando o cosmo e o sujeito na caminhada do desenvolvimento pleno. Dentro desse pensamento e raciocínio a psicologia transpessoal, com sua visão holística tem uma firme base na origem, no desenvolvimento e na evolução do homem inserido no universo que pertence.

Deixar o sujeito tranquilo, solto, possibilitando a espontaneidade fluir é o primeiro passo para analisar o que está aparecendo em seu discurso sobre a profissão escolhida e a abdicada. Portanto, o questionário deve possibilitar uma reflexão, uma retomada do momento da decisão de qual profissão seguir. O inconsciente deve poder se manifestar e trazer para o questionário o espaço ocupado da não profissão.

O desenvolvimento do ser humano e da sua personalidade acontece a partir de uma necessidade, de um motivo ou impulso que há no momento, porque a compreensão não dá conta de explicar se o indivíduo não estiver preparado para perceber.

O crescimento do indivíduo envolve processos internos e externos que leva a individuação, conceito criado por Jung, que leva o homem sair da infância para um estado de ampliação da consciência. Saindo da total dependência do meio para uma orientação extraída do Si-mesmo. O desenvolvimento humano tem como meta o alcançar dessa consciência e, quando se resiste a isso, pode resultar em doença ou sofrimento. Conquistar a individuação é atingir o ápice do desenvolvimento.

Uma característica dessa busca é a necessidade de autoconsciência e estímulos que o encaminhe para o desenvolvimento, renovação e crescimento. As energias positivas, saudáveis são, na grande maioria, ignoradas pelos teóricos, o que distancia o indivíduo de vivenciar plenamente, despertar os talentos e criatividade de cada um. Estudar o que se mostra nas respostas obtidas pelos participantes requer entender a construção do ser profissional e o que leva a escolher uma ou outra profissão em detrimento de outra(s).

A psicologia transpessoal possibilita entender o homem como parte de algo maior e, portanto, passível de influências “invisíveis”.

O questionário foi analisado segundo Bardin (1977, p.109), que abre espaço para analisar o que está explícito e omissos nas respostas “a aparição de um item de sentido ou expressão, será tanto mais significativa – em relação ao que procura atingir na descrição ou na interpretação de realidade visada – quanto mais esta frequência se repetir”. Neste prisma, podemos inferir que ao interpretar a escrita e repetição de palavras existem as omissões que omitem o verdadeiro desejo do pesquisado. Ao ter o cuidado em sentir e ver o que está por detrás do não dito, busca-se fidedignidade na análise proposta.

O processo requer uma decomposição do discurso e identificação de unidades para realização de uma análise, reconstruindo um significado que compreenda de maneira aprofundada a realidade do grupo estudado.

4.1 Os participantes

Os participantes escolhidos para esta pesquisa foram professores universitários, que se declararam satisfeitos profissionalmente e profissionais de outras áreas. O questionário voltou-se para explicitarem os sentimentos em

relação àquilo que foi abdicado. A princípio foi distribuído a 40 profissionais, mas apenas 32 devolveram. Portanto, o estudo partiu de um universo de 32 profissionais.

Os participantes são brasileiros, residentes na grande São Paulo, com idade entre 40 e 60 anos, tendo no mínimo, especialização concluída para os que não estavam na universidade e, no mínimo mestrado para os que estavam lecionando na universidade. Para estes o critério foi estabelecido foi por acreditar que, o mestrado atenderia a expectativa de uma qualidade econômica e reconhecimento maior entre os colegas.

O grupo foi selecionado aleatoriamente. Para os professores o critério de inclusão utilizado foi convidar professores que se encontravam no dia que foi entregue os questionários, que estivessem dispostos a respondê-lo, que tinham sua carga horária desejada com as disciplinas e campi que pretendia, haja vista que a universidade escolhida para pesquisa tem multi campi e os professores ministram mais de uma disciplina.

Para os profissionais de outras áreas foram entregues para pessoas conhecidas, e amigos ou parentes de conhecidos que tinham, no mínimo, curso de especialização e estavam no trabalho há mais de cinco anos considerado um tempo de estabilidade.

O critério de exclusão foi não estar no momento da entrega do questionário, não estar disposto a respondê-lo e não atender ao perfil traçado anteriormente. Para os professores contava a titulação (mínimo mestrado) e a carga horária do mesmo e para os demais a especialização e o tempo de trabalho ser maior de cinco anos.

Como base da teoria e para análise dos dados recolhidos, o presente trabalho, foi subsidiado pelos teóricos: Arendt e Frigotto, na questão do trabalho e capital humano; Jung e Moreno na transpessoalidade, na relação do cosmos e heranças dos antepassados, bem como nas nossas decisões e ações; Freud nas frustrações e desejos contidos; Moscovici, no amparo da representação social de profissão e trabalho; Bourdieu e Cassirer, ao esclarecer a questão da relação simbólica no desenvolvimento e na escolha profissional; além do “olhar” de Bardin sobre as respostas obtidas nos questionários.

Todos os teóricos se entrelaçaram formando uma teia como base para esta discussão, auxiliando a embasar e analisar o trabalho. A ideia de que a escolha da profissão não é um evento estanque e sim um processo longo e complexo sofrendo influências dos vários fatores e que a definição da profissão corresponde a uma etapa de maturidade que traduz a fantasia do papel a ser representado enquanto profissional na sociedade adulta e a atividade a ser efetivamente exercida pelo sujeito, leva-se a se questionar sobre os conflitos das perdas na escolha da profissão.

Desde a infância, as pessoas desenvolvem um sentido de identidade não deixando de lado a matriz dessa identidade que se encontra na família, que envolve a criança e começa a inserção dela na sociedade. Para Moreno a família é um corpo que envolve a criança representando a placenta social e nessa matriz o sujeito aprenderá o seu papel dentro da sociedade e sofrerá mudanças conforme o movimento e situação sócio-econômico-cultural do grupo que pertence. A criança, dentro dessa relação vai formando um autoconceito, num processo exploratório contínuo ao longo da vida, interagindo com o meio e com as expectativas socioeconômicas.

Na adolescência e início da fase adulta jovem o sujeito passará pela fase de análise pessoal da sua identidade, o qual experimentará diferentes papéis e posições sociais nos diferentes espaços vivenciados por ele que resultará na escolha da profissão que deseja seguir.

Essa escolha não lhe garantirá que será um profissional satisfeito e equilibrado no sentido de saber lidar com seus desejos frustrantes, suas profissões não conquistadas e as que foram deixadas para trás, que não foram experimentadas e ainda se fazem presentes no cotidiano da pessoa.

4.2 Procedimentos para coleta dos depoimentos

Observando os conceitos expostos acima em relação às influências exercidas sobre o sujeito na escolha da profissão, a coleta de dados foi realizada em situação natural, com um questionário aberto sobre o processo de escolha da profissão e a relação do sujeito com a profissão abdicada. Foi feito

o convite a 40 pessoas seguindo critério explicitados anteriormente e apenas 32 dispuseram-se a responder. (questionário anexo 2).

Tomou-se o cuidado de buscar pessoas das diferentes áreas para responder o questionário. Dos trinta e dois sujeitos, dezoito são de humanas, oito de biológicas e seis de exatas. Foi permitido que a espontaneidade dos sujeitos aflorasse, sem buscar direcionar as respostas. Em sequência levantou-se as respostas, colocando-as em um gráfico para facilitar a visualização e posteriormente a análise e interpretação.

4.3 Procedimentos para análise e interpretação dos depoimentos

A análise e a interpretação das respostas obtidas no questionário seguiram as fases propostas por Bardin (1991): a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

1. A pré-análise: Essa fase foi composta pela organização das leituras que serão realizadas. Escolha de autores, textos, artigos e livros, bem como o documento que será realizado na pesquisa. Preparação de todo o material que será trabalhado.

Planejamento da ação, com escolha do objetivo, formulação da pergunta e hipótese. Escolha do documento, preparação e formular a metodologia que será aplicada. Elaborar o caminho que será seguido com o material, não descartando reflexões e revisões ao longo do processo.

Na escolha de documentos foi levado em consideração todas as informações construídas no processo e o questionário foi definido como documento de análise. Nasce o corpo da pesquisa.

A formulação de hipóteses a partir das observações feitas em diferentes espaços e as primeiras leituras objetivou a busca de familiarização com o assunto e tema, o que levou à compreensão do sentido das partes e do todo valorizando o conjunto.

A justificativa se apresentava sempre que se relacionava a decisão da profissão tendo mais de uma opção, o que leva o sujeito a deixar algo de lado, abdicar de uma das possibilidades. Levando em consideração que houve uma negação, justificou-se a necessidade de pesquisar o que aconteceu com o

abdicado. Com a frustração de ter deixado algo para trás, buscou uma resposta sobre como foi trabalhado essa situação.

A leitura inicial levou a buscar conceitos sobre capital humano, felicidade, representação social, formação simbólica do sujeito, relação sujeito e mundo. Os elementos característicos da questão, abordados no conjunto das entrevistas, referem-se aos determinantes, pessoais, socioeconômicos, culturais e psicológicos.

Os objetivos iniciais estabelecidos para a análise das entrevistas incluíram a identificação dos temas nos discursos e sua posterior relação com os temas enfatizados nas teorias discutidas na pesquisa.

2. A exploração do material: Uma etapa longa que consistiu em transformação dos dados brutos do texto em unidades para expressar seu significado e possibilitar a análise das respostas obtidas nas entrevistas.

3. O tratamento dos resultados e interpretações. Corresponde a síntese dos resultados, as inferências e interpretações dos dados resultantes das fases anteriores.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Certa palavra dorme na sombra de um livro raro. Como desencantá-la? É a senha da vida a senha do mundo. Vou procurá-la. Vou procurá-la a vida inteira no mundo todo. Se tarda o encontro, se não a encontro, não desanimo, procuro sempre. Procuro sempre, e minha procura ficará sendo minha palavra.
Carlos Drummond de Andrade,

As respostas coletadas, nos questionários foram separadas por áreas: humanas, exatas e biológicas, pela crença de que elas podem influenciar nas possíveis escolhas e, por consequência, uma maior ou menor frustração.

Para Bardin (1991) a análise do conteúdo tem como ponto principal a palavra, ou seja, o significado do que está sendo dito. Para melhor entendimento da pesquisa, foi elaborado um gráfico para complementar e auxiliar a compreender a importância do que “não foi dito” pelos participantes, haja vista que, para a autora a análise é realizada por uma fala ou escrita.

A coleta de dados ocorreu por meio de questionários. A avaliação é de cunho qualitativo, embora os indicadores sejam apresentados quantitativamente para melhor visualização do todo.

Esta análise requer a utilização da intuição por acreditar que a visualização do que foi obtido poderá auxiliar no esclarecimento sobre as influências que receberam os participantes.

O gráfico abaixo apresenta a divisão dos trinta e dois (32) participantes em áreas de profissão.



Gráfico 1- Área de profissão
Fonte: Próprio autor, 2013

Dos trinta e dois participantes: dezoito (18) eram das humanas, oito (08) das biológicas e seis (06) das exatas. Tendo um número maior de humanas com 56,25%, biológicas com 25% e exatas com 18,75%. Essa diferença foi devido à disposição de responder prontamente ao questionário, além do mais, o cuidado foi em ter todas as áreas e não em ter números proporcionais.

Para os participantes que eram das humanidades o gráfico apresentou-se como segue:

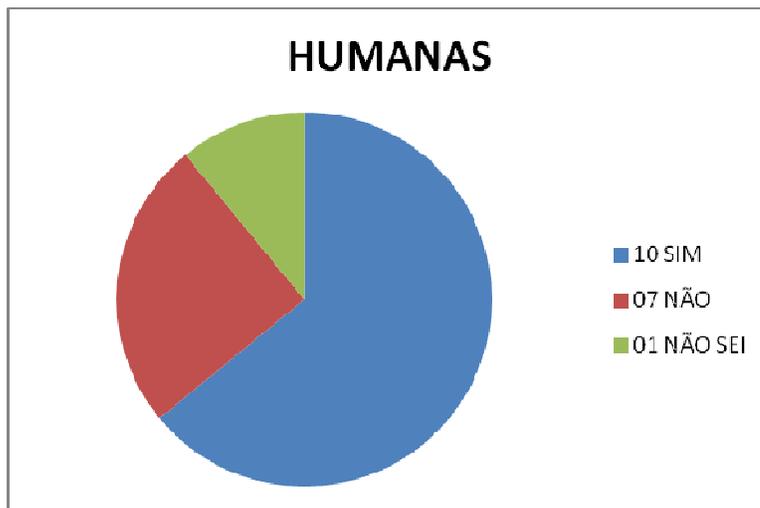


Gráfico 2- Opção profissional área humanas

Fonte: Próprio autor, 2013

Dos dezoito (18) participantes, dez (10) tinham outra opção equivalendo a 55,55%, sete (07) não tinham outra opção, ou seja, 38,89% e um (01), equivalente a 5,6%, declarou não saber se havia outra opção na época de sua escolha profissional.

Mesmo os que não declaravam outra opção, demonstrou realizar algum outro desejo no seu cotidiano.

Nas Biológicas encontrou-se as seguintes respostas:

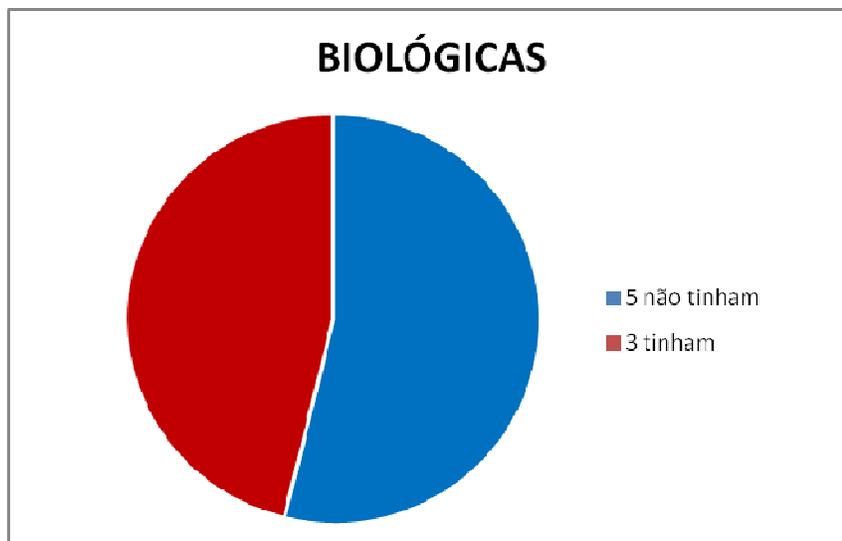


Gráfico 3- Opção profissional biológicas
 Fonte: Próprio autor, 2013

Dos oito (08) participantes desta área cinco (05), 62,5% responderam que não tinham uma segunda opção e três (03), 37,5% alegaram ter. Na análise das respostas obtidas foi observado que esses participantes não entendem um segundo curso ou graduação como busca de um desejo.

Na área de exatas como demonstra o gráfico abaixo apenas um (01) de seis (06) tinha outra opção, 16%, os demais realizaram seu único sonho.

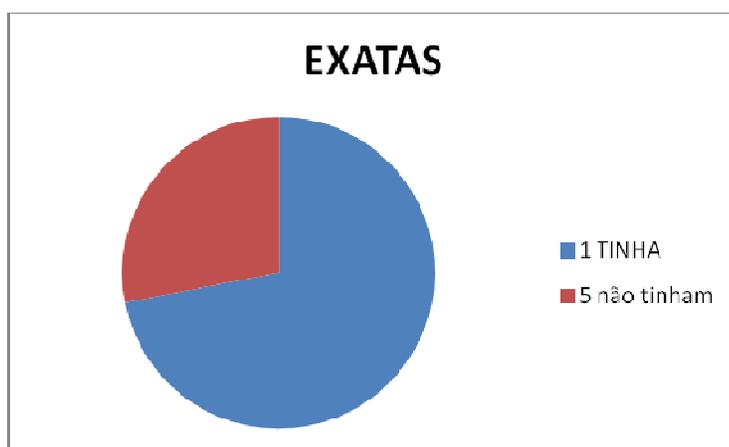


Gráfico 4- Opção profissional Exatas
 Fonte: Próprio autor, 2013

Os sujeitos apresentaram questões como realização do desejo da família ou possibilidade de melhora de vida. Uma escrita ou mesmo fala mais pontual em relação à demanda social e familiar.

Quando analisado o todo, o gráfico se apresenta da seguinte maneira:

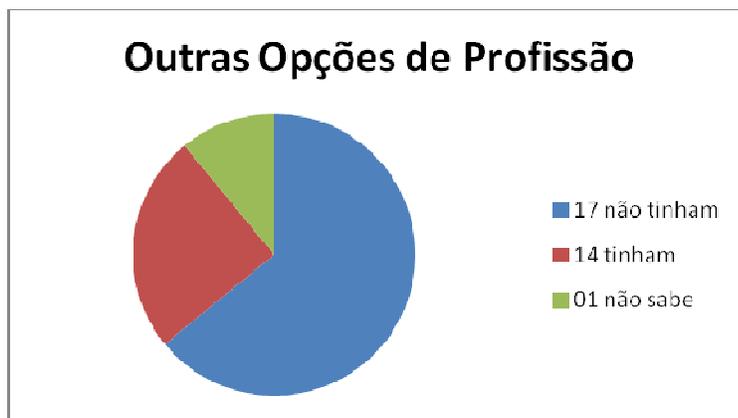


Gráfico 5- Outras opções de profissão
Fonte: Próprio autor, 2013

De trinta e dois (32) participantes dezessete (17) não tinham uma segunda opção, equivalendo a 53,12%; catorze (14) alegaram ter outra opção, 44% e um (01) alegou não saber sobre essa possibilidade, 3,2% do total.

Os questionários foram numerados aleatoriamente, mas seguindo o critério de áreas sendo humanas de 01 ao 18; biológicas de 19 aos 26 e exatas de 27 ao 32.

O participante 1 colocou como outras escolhas a sociologia e geologia mas não escolheu por ter pouco mercado e, como fez teste vocacional e este apontou para área de humanas, sendo um delas comércio exterior, resolveu prestar e passou. Tem dúvidas, a respeito de fazer uma segunda graduação, e alega que se tivesse nas outras áreas estaria dando aula ou escrevendo tese, o que não a levaria a uma realização financeira.

O 2 desejava ser jornalista e publicitário, acabou fazendo letras e realiza seu desejo como roteirista “não consigo pensar no que deixei para trás, mas, me realizo escrevendo e fazendo comentários de cinema”.

A participante de nº 3 cursou pedagogia, mas adorava teatro e queria ser atriz, acredita que realiza seu desejo na sala de aula.

A 4 queria ser consultora empresarial, empresária, mas a vida a levou para psicologia e tenta resolver essa situação, de acordo com ela, “transformando as pessoas [...] sendo empresária de pessoas, vidas”.

A de nº 5 queria se médica e foi para pedagogia, pois sua família era de pedagogos e a incentivavam a fazer o curso.

A 6 queria fazer arquitetura e seu pai, muito autoritário, não permitiu, para não enfrentá-lo fez pedagogia. Alega não ter tido escolha e sim “acatou a ideia do pai” resolve a questão nas reformas de sua casa e auxilia os amigos e parentes sempre que querem mexer em suas casas. Ela dirigiu uma escola pública que diz ter a mantido “impecável” realizando seu sonho.

A 7 atendeu o desejo do seu pai que, segundo ela profetizou “minha filha vai ser professora” fez geografia e depois pedagogia e descartou a psicologia por ter entrado em geografia na USP, uma universidade pública e psicologia na PUC, particular. Tentou compensar fazendo curso de psicanálise e fez terapia, gosta muito de ler sobre o assunto.

A participante 8 fez ciências sociais para contrariar as convicções de seus pais. Descartou o jornalismo como sua segunda opção, por ser um vestibular “muito concorrido”. Acredita que seu desejo foi realizado, pois escreve livros textos e é corretora de livros em uma escola particular, da grande São Paulo.

A 9 fez matemática, depois letras e deixou o desejo de ser arquiteta de lado ao começar a lecionar. Acredita que a arquitetura não coube mais em seu espaço de vida. Migrou de matemática para letras e não pensa no que não foi feito, pois, a seu ver, não deixou nada para traz.

A participante 10 fez sociologia e pedagogia, porém desejava jornalismo, arquitetura e psicologia. Alega que seguiu as instruções de seus pais, que queria que fosse para o magistério e compensa escrevendo textos e livros e discute, em suas aulas, temas que perpassam a psicologia.

A participante 11 colocou que não tinha outra opção de profissão, mas respondeu a questão 3 c) como você tenta compensar esse(s) desejo(s) não realizado(s)? “presto serviço em empresas, na área de recursos humanos.”.

O 12, embora tenha afirmado não ter outra opção, sendo a arquitetura a sua única, foi para a especialização e mestrado na área de administração, não dando continuidade na área de formação.

A 13 afirmou não ter outra profissão, mas, ao responder 3 c) como você tenta compensar esse(s) desejo(s) não realizado(s)? Alegou ter feito o doutorado na área de sociologia voltada para a psicologia, se realizando fazendo análise psicológica das questões sociológicas... “minhas aulas são voltadas para as questões psicológicas da sociologia”

A participante 15 alega não ter outra opção e sua escolha aconteceu depois de ler um livro que uma das personagens era psicóloga, comentou com a família e teve todo o apoio para a execução do seu desejo. Tinha uma prima que cursava psicologia e a mãe “valorizou” muito a profissão, incentivando-a.

A participante 17 mesmo colocando não ter outra opção alega ter escolhido por que a família era de médicos. Medicina era de difícil acesso e psicologia a possibilidade já que era da área da saúde. “Em uma família de médicos a escolha foi mais que relevante”

O participante 18 ao responder qual o processo de escolha da atual profissão afirmou ser oportunidade que apareceu e o que o influenciou foi ter uma formação... “em minha família não era normal ter curso superior”.

Na pergunta: 3 Você desejava alguma outra profissão? Acrescentou a alternativa “não sei” e grifou.

Na questão: Caso tenha escolhido sim responda, por favor, às questões abaixo: Qual(is): colocou “não pensei em outra, já que administração era razoavelmente fácil de entrar e garantiria um futuro financeiro para minha família”. Não quis responder as demais questões.

A 19 não optava por nenhuma outra área já que, medicina a daria o status que buscava e termina ao responde 3 e) O que a profissão atual representa para você? “Realização de um sonho e realização financeira”.

O participante 20, também da área biológica, responde não ter outra opção respondendo a questão 1) Como processo de escolha da sua atual profissão? “sempre soube o que eu queria talvez influências diversas, [...] realizar o sonho da família.”. Na questão 2) Quais influências que mais contribuíram para a escolha dessa profissão? “Ser o 1º da família a formar na área da saúde”, Pais.

A 21, ao fazer farmácia, tentou conciliar seu desejo de fazer um curso na área de exatas com o desejo de seus pais de terem uma filha na área de biológica. Alegou ter deixado seus pais felizes, ao mesmo tempo, encontrou espaço para ter contato às exatas. Afirma ter “associado exatas com biológicas”. Em conversa informal, no momento da entrega do questionário, disse “todos ficaram contentes... família e eu. Tem coisa melhor?”

A participante 23 colocou que não tinha outra opção, mas cursou duas faculdades, a primeira odontologia e a segunda nutrição. A escolha da odontologia, segundo ela, aconteceu pelo fato da família ter muitos dentistas e depois por prazer. De acordo com a participante “o processo de mudança de profissão foi bem demorado, pensado e difícil, pois o investimento de odonto é muito alto e precisou de coragem para jogar tudo para cima.... É complicado!” Ela demorou doze anos para tomada de decisão e termina a escrita com “Gosto bastante da odonto, mas apenas gostar não era suficiente. Diria que Amo a Nutri. Trabalho 85% na nutri e 15% na odonto. Desta forma agrado todos”

A 24 diz que tinha duas outras profissões além de fisioterapeuta: engenharia e odontologia, mas no vestibular foi aprovado em um das opções – fisioterapia- e acabou fazendo. Ao responder a questão 3d) afirma que em engenharia “estaria mais bem remunerado” e agora tenta usar conhecimentos das outras áreas nesta que atua. Afirma que a família foi à única influência que teve.

A 25 alega ter encontrado dificuldade na escolha da profissão e decidiu fazer odontologia e colocou, como segunda opção, enfermagem “achava bonita roupa branca” “achava que era bem remunerado quem a usava”. Passou na sua segunda opção e usa roupa branca para trabalhar. Aprendeu a gostar da sua profissão “hoje gosto muito da minha profissão apesar de ter desejado outra”.

A 26 descartou a medicina por ser difícil de entrar e optou por nutrição para trabalhar na área clínica e cuidar de pessoas, assim ela compensa a ausência da medicina em sua vida. Alega que não está feliz por inteira na área, mas que talvez na medicina o arrependimento fosse maior.

A 27 relata possuir outra profissão no momento da escolha “medicina”, mas como estudou no SENAI desde os seus 14 anos e acabou

indo para técnico de informação fazendo mestrado e doutorado na área. Não pensa no que foi deixado para traz, já que seriam quase impossíveis “quem sabe meus filhos?”.

O participante 28 alega não ter tido outra opção, apenas a de engenheiro mecânico. Seu pai fez curso tecnológico na área mecânica e ele complementou a área do seu pai com engenharia, curso “superior completo”.

A de número 30 diz ter escolhido engenharia química por querer seguir a área do pai e ter afinidade com a área.

A 32 curiosamente assinala que não tinha outra opção, mas na questão 1) Como escolheu sua profissão? Coloca que prestou arquitetura e não passou, resolvendo ir para engenharia, já que sua influência foi “pais e oração, por acreditar que Deus é o principal responsável por minhas decisões pessoais”.

A maior parte das escolhas, como podemos verificar envolvem as influências sócio-histórico-culturais, isto é, dos familiares, da visão da profissão na atualidade, como rentável ou não, e o nível de cultura que também terá papel preponderante na escolha desta profissão, na busca de um “status quo”.

O que se pode observar também, é que normalmente, não existe uma única profissão a ser escolhida, ou a mais certa. Com maior incidência, notaremos uma oscilação entre duas ou três profissões.

Nesta análise temos que levar em conta que, o jovem inicia o curso e, inserido dentro do contexto que requer não só o desejo, mas a disponibilidade de atender todas as exigências para se tornar um profissional, decepciona-se, pois, durante o curso constata que “o escolhido”, não era bem o que pensava. Isto, devido ao fato, de ter sido criado um estereótipo profissional, que não condiz com a profissão em si. Os valores e crenças interferem sobremaneira na forma de lidar com a profissão, pois a representabilidade desta, na sociedade, na família ou no grupo o qual pertence é de grande importância.

Todos esses insumos, não tem a pretensão de ilustrar os fatores que ocasionam esta ou aquela forma de lidar com o problema sendo os únicos responsáveis. Contudo, essas variáveis são preponderantes para tratar parte dos problemas levantados no presente trabalho e entender todo o processo que está envolvido na escolha e na abdicação.

Na informalidade, algumas perguntas foram feitas com o intuito de se perceber se o grau de satisfação profissional ligado ao fator monetário, não estavam interferindo nas respostas indiretamente, bem como, a situação pessoal do indivíduo no presente momento.

É interessante observar que o grau de escolaridade e consequentemente sócio-econômico, interfere na aceitação da atual profissão, e aquela que ficou para trás, abre um campo de transferência, dentro de um nível de utopia: “se tivesse sido diferente, eu não estaria passando por isto ou...”.

Por outro lado, as pessoas com maior nível de escolaridade (mestrado, doutorado, etc.), e consequentemente com um nível sócio-econômico melhor, apresentam maior satisfação pessoal, independente daquilo que ficou para trás.

Podemos inferir que, neste caso, o caminho percorrido exigiu tantos aprofundamentos que, aquilo que ficou para trás, foi inserido em sua profissão de alguma forma, e desenvolveu uma paixão naquilo que foi esmiuçado, tendo o abdicado não mais uma função de angústia, frustração, não neurotiza.

Outro fator que influencia nas respostas é o perfil do participante: otimista, pessimista, depressivo, etc. Os pessimistas tendem a encontrar coisas para criticar, buscam sempre culpar os outros por sua atitude e por suas escolhas pessoais. Não percebem que as escolhas, boas e más, moldam o tecido da vida e que o futuro é moldado pelas escolhas que estão sendo feitas hoje, podendo ser reescolhidas e revisitadas as de ontem.

Todos os participantes de uma forma ou outra tentaram compensar a ausência trazendo aquilo que um dia não foi escolhido para sua prática cotidiana. “reformatar minha casa e de meus amigos”; “levantar questões de cunho psicológico na aula de sociologia”; “ser enfermeira e me vestir de branco”; “ser nutricionista hospitalar”; “ser roteirista” e “ser revisora de textos e livros”, “fazer nutrição depois de doze anos”, remetem a busca de solucionar a questão e não deixa-la perdida. Desta forma, o sofrimento do sujeito se torna menor ou invisível.

Na fala do participante 18 “as oportunidades vão aparecendo...” embora não deixe claro a presença de outra profissão, possibilitou entender, nas entrelinhas, que ele não parou para pensar sobre as demais profissões e

sim aceitou aquela que se apresentou. Não sabia explicar o porquê escolheu administração e não soube responder se havia outro desejo profissional. Limitou-se em dizer “não sei”, para que pensar em algo que já aconteceu.

Essa afirmação nos remete a falta de oportunidade de conhecer outras profissões, o que o deixou com um espaço em relação a possíveis desejos. Assumi o que a sociedade e o grupo que pertencia reservava a ele, sem se questionar.

6. IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

A relação entre profissão escolhida e a não escolhida é sempre um tema controverso. Alguns teóricos acreditam que o tema sobre “o não escolhido” se faz obsoleto, sendo desnecessário o estudo e a pesquisa, outros se encontram no espaço da discussão sobre o momento da escolha profissional, como sendo um espaço a ser cuidado pelos profissionais da área.

Essa pesquisa ancora-se na questão do trabalho, como forma de inserir o indivíduo na sociedade e um espaço de reparação dos desejos não realizados pela família e grupo o qual ele pertence.

O objetivo básico dessa pesquisa foi compreender o que acontecia com aquela profissão deixada para trás e trazer a discussão à ideia de que ela acaba sendo aproveitada ou assumida pela pessoa em algum momento da sua vida, como um hobby, como continuação de seus estudos ou mesmo sendo resgatada de forma inconsciente nos afazeres cotidianos, não se afastando da possibilidade não concebida anteriormente.

A pesquisa nos trouxe a importância do trabalho para a inserção do ser humano na sociedade, tornando-o parte do desenvolvimento e no processo de pertencimento social (grupo, família, comunidade ou mesmo sociedade como todo) e o tornando útil ao grupo.

O indivíduo é um ser histórico e se define no seu fazer, atribuindo a profissão um valor social importante para que se possa incluir alguém na sociedade e, portanto, formar uma nova identidade. A partir da sua formação profissional, o indivíduo não terá apenas um nome a ser colocado nos formulários, mas a sua profissão, uma nova identidade se constrói e a contribuição para o grupo social, designará mais ou menos valor a sua pessoa, será reconhecido também pela profissão que exerce.

Algumas características importantes diferenciam o homem animal do ser humano, sendo eles, o trabalho, a utilização de instrumentos e a possibilidade de compreender o que está ao seu redor.

Entendendo que a compreensão de mundo nem sempre acontece de forma consciente. Ele conhece, interpreta e coloca-se no mundo pela emoção, sentimentos, verbalização consciente e pelo inconsciente. Todos

desenvolvidos na interação social, na criação e recriação que o meio possibilita e solicita.

A linguagem, instrumento importante na cultura a qual o ser humano se insere, traz informações tanto do consciente quanto do inconsciente, ajudando no desenvolvimento da interpretação de objetos, do outro, como também oferecendo a oportunidade de se posicionar no grupo.

É na relação que o homem se desenvolve e se descobre como ser participativo e depende do outro para ser visto e aceito no grupo. Como um ser inacabado que busca constantemente a plenitude, ele caminha para satisfação da sua condição humana, que não está pronta e sim no aguardo de construí-la, ou seja, ele conquistará a satisfação nas ações que exercerá no meio que se encontra e na relação com outros seres humanos, no caminho para construção do mundo e de “si mesmo”.

Nesse cenário é preciso acrescentar a relação do indivíduo com o trabalho e com a profissão dentro do mundo pós-moderno, o qual as incertezas estão presentes e a maneira como se entende e percebe a vida, a profissão, as relações e os anseios familiares estão sendo revisitados e transformados constantemente.

Não podemos determinar que a escolha de uma profissão ancora-se na reparação de objetos internos, pois a escolha nem sempre é determinada pelo sujeito; reparar perdas de antepassados também não seria correto, haja vista que, mesmo tendo algo a ser resgatado do passado o presente pode negar este processo de resgate.

Percebe-se nesta discussão a força existente na sociedade e na família daquele que irá escolher uma profissão. Elas exercem uma forte influência nesse caminho, pois, nomearão o ser humano como alguém produtivo e aceito no meio com uma chamada para o trabalho, na busca de atender as necessidades do grupo, da política e do mercado.

As contradições estão presentes, pois a sociedade por intermédio da família, escola e comunicação em massa tratará de impor uma representação das profissões, a elitização do alcance das mesmas e as compensações para aqueles que a alcançaram, e, para os que não conseguiram a relativização das mesmas.

Portanto, para se refletir sobre o presente se faz necessário olhar para o passado, pois nele há pegadas a serem interpretadas e analisadas. Ao entender o processo histórico do ser humano e analisar o caminho o qual ele traçou pode-se compreender que as escolhas não são solitárias, isoladas do mundo e da história de cada um.

Entender que a história de um ser humano não está limitada ao nascimento e na sua morte e sim em todo caminho percorrido pela sua família e andar em um espaço mais profundo, compreendendo a teia que o ser humano é construído.

São limitações traçadas por questões sociais, históricos, econômicos, culturais e psicológicas, não possibilitando que o sujeito realize o que está por vir, sendo refém das condições que lhe são dadas e disponibilizadas.

Mudanças sociais, ocorridas nos últimos tempos na questão da escolha profissional, têm trazido muitos questionamentos tornando essa etapa muito mais difícil e, conseqüentemente os resultados mais frustrantes.

O significado do “ser um profissional” ou “trabalhar em uma determinada profissão” vai sendo construído nas relações, no grupo, em um contexto sócio histórico e psicológico, de uma determinada sociedade, a partir do seu nascimento, ao ocupar um espaço físico junto com os seus familiares que depositarão expectativas, desejos e esperanças e, será com essa carga, que ele se constituirá socialmente.

Desta forma a criança ao nascer, buscará a felicidade, sendo essa subjetiva e determinada nas relações físicas, espirituais e simbólicas. E nesse processo, as escolhas, principalmente a da profissão, serão construídas na história do indivíduo, com maior ou menor consciência, conforme as relações estabelecidas com ele mesmo e com o meio que o cerca.

Continuando nessa viagem de transferências de desejos e frustrações a serem resolvidas, encontramos os ancestrais que, por vezes, deixaram para seus descendentes a incumbência de resgatar a família e as ambições não conquistadas.

A interiorização das demandas sociais é intercalada pelo prazer e pela realidade apresentada ao sujeito, nas crenças; nas relações elitistas; ao acreditar que determinada profissão não pertence àquela classe ou àquela

família, poupando o sujeito de uma possível frustração ou desejo impossível; nas relações étnicas raciais estabelecidas nas famílias e extensores da mesma como, professores, amigos e comunidade a qual pertence.

Nesta relação não tão sadia, uma vez que carregam energias múltiplas, o ser humano vai se constituindo e traçando seu destino, sem dar-se conta que seus desejos são os desejos de muitos que o cercam e cabem a ele resolver e resgatar o que não foi possível anteriormente. Trazer de volta o que foi perdido por alguém ou o que não foi conquistado é uma tarefa difícil e muitas vezes frustrante.

Lobo (2004, p.17) auxilia nesta discussão ao discorrer sobre a vida de Freud, trazendo uma frase significativa para este momento: “fin de siècle alude à ambivalência característica daquele período, uma vez que a transição do mundo “antigo” para o “novo” não descarta a presença de característica determinante do primeiro no segundo”. Ser um ser humano nascido em uma determinada época, não elimina toda a história trazida por aquela família. Ele nasce carregando as características de todos que o antecederam, trazendo em suas entranhas as marcas de seus ancestrais. O novo não elimina o velho, mas traz a possibilidade de um resgate daquilo que não se pode fazer anteriormente.

Neste caminho pode-se ter como exemplo a história de Freud que ao nascer em uma família sem posses, filho mais velho de oito, sendo que um faleceu escolhido para resgatar os erros do pai, que não atendeu aos anseios de seu pai, portanto, veio para ser melhor do que ele.

Para Moreno não foi diferente, primogênito de uma família de seis filhos, com uma mãe que o teve aos dezesseis anos e um pai que mudava constantemente de país em busca de dar sustento à família, ele, aos seis anos, se vê como autoridade da casa, o “Deus”. Cresce e constrói sua identidade dentro de um quadro de expectativas e sonhos. Mãe religiosa, que gostava de contar histórias, influenciou Moreno na construção da sua personalidade voltada para religião e espontaneidade.

Olhando para a vida deles podemos não apenas entender todo o processo de construção das escolhas como refinar nosso olhar para o tema e entender, ao analisar as respostas dos pesquisados, que uma escolha não está

atrelada apenas ao desejo do indivíduo, mas nos desejos que transcendem o ontem e o hoje, o passado e o presente.

Muitos dos entrevistados, vinte e dois de trinta e dois, deixaram transparecer a influência sofrida pela família. Declararam que as escolhas foram pautadas na melhora das condições, na continuidade de uma tradição ou no desejo a ser resgatado. Para os que não declararam sofrer influência direta, percebeu-se, nas entrelinhas ou nas falas paralelas, que a decisão sofreu, de forma inconsciente, uma influência.

Neste movimento de escolha e da formação da identidade do profissional; Ao decidir sobre que profissional pretende ser ou seguir, depara-se com a pessoa que apresenta a profissão ao indivíduo. Ao decidir ser um profissional o ser humano está decidindo ser alguém que representa esta profissão, está projetando seu futuro naquela pessoa que representa a profissão que está sendo escolhida.

É necessário compreender que a profissão não é por si só e sim representada por alguém. Portanto, ao não ser escolhida, o sujeito está deixando de lado a possibilidade de ser alguém que a representava. Deixando para trás uma possibilidade de vir a “ser” outro alguém.

Nas entrevistas pode-se notar que as escolhas foram realizadas com base no desejo da família, no resgate de algo perdido ou não conquistado, na possibilidade de melhora das condições sociais. Há uma essência entre o indivíduo e a profissão que transcende a um momento ou a uma etapa, a qual representa as várias relações estabelecidas entre o sujeito e o mundo que o rodeia; entre a carga biológica e a espiritualidade, que antecede o momento de concepção, que requer um entendimento mais holístico, desprendido do aqui e do agora, do dentro e do fora, do ontem e do amanhã, da vida e da morte.

Para que o indivíduo consiga conectar-se com o mundo e entender o processo das relações estabelecidas é necessário que a educação, ao longo da vida, possibilite a abertura de canais de comunicação com o mundo e com o próprio sujeito; que permita que ele se conheça e se conecte com o seu interior, desenvolvendo os sentidos, a percepção e a sensibilidade.

Integrá-lo ao mundo, a sociedade, a espiritualidade é possibilitar que a sua escolha aconteça mais consciente, inserida em uma educação que vise o desenvolvimento do ser humano por inteiro, propiciando a integração dele com

ele mesmo e com tudo que o rodeia, para que ele entre em contato com sua natureza e entenda as diferentes sensações e situações de sua existência.

Desta forma ao deparar-se com aquilo que foi deixado, o ser humano entenderá o caminho percorrido e perceberá que nem sempre o que se acredita que acabou efetivamente perdeu-se no tempo, mas poderá estar presente na vida construída.

É preciso que o ser humano caminhe para o centro do processo, buscando um despertar social e espiritual, a fim de resgatar sua dignidade, para poder entender que sempre haverá novos paradigmas a serem seguidos, independentemente daquilo que ficou para trás.

Vimos, também, que o perfil do participante, seja otimista ou pessimista e sua situação atual de vida sendo conflituosas muitas vezes, podem interferir no grau de conscientização daquilo que realmente crê.

No mundo em que estamos vivendo, competitivo, globalizado, tecnológico, as pessoas têm que assumir responsabilidades pelo próprio futuro, tornando-se mais livres das amarras sociais, para que possa dominar as emoções de forma equilibrada, sem se sentir vítima da circunstância.

A história de cada um é construída e reconstruída constantemente, não sendo algo estático e nem pré-definida, sofrendo influências constantes do passado, do antepassado, do presente, do momento mais imediato e da possibilidade de um futuro melhor.

Faz-se necessário, portanto, que educadores, terapeutas, líderes, etc., compreendam esses processos para que possam de alguma forma, elucidar, conscientizar, fazer vir à tona, a necessidade do autoconhecimento. A maior parte das pessoas acredita que tem um conhecimento de si, ignorando que para tal é necessário o abrir-se, possibilitar-se e conectar-se com ela mesma e como o divino, o todo. Essa conexão não acontece repentinamente e sim em um processo de deixar-se ouvir e parar para entender o caminho percorrido.

A busca do autoconhecimento pode ser comparada a uma grande viagem, cujo ponto de chegada é nosso eu interior e, neste trajeto, entre o ponto de partida e o de chegada, surge a compreensão de nossas reações diante de uma determinada situação. Esta postura leva-nos a escolha mais

consciente, e que inevitavelmente nos levará a uma satisfação e sentido de vida cada vez mais significativo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia** [trad. Alfredo Bosi, Maurice Cunio et al]. 2a ed., SP: Mestre Jou. 1980

ALVES, Maria Inês Massaro. **O vestibular e a escolha da profissão**. SP: FE Unicamp. Seminário temático de pós-graduação. 1996

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. [trad. Mário da Gama Kury]. 3a ed. Brasília, DF: UNB, 1999. 238p.

ABASOV, Z. A. Higher Pedagogical Educational Institution Students' Planning of their Professional Strategy. **Russian Education & Society**, 49 (3), 23-34. 2007

ABRAMS, Jeremiah. **O reencontro da Criança Interior**. São Paulo: Cutrix. 1999

ABRIC, J. C. **O Estudo Experimental das Representações Sociais**. In: D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 155-172). Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001

ALMEIDA. P. N. **O Ensino Globalizante em Dinâmica de Grupo**. S. Paulo: Saraiva. 1973

ALMEIDA.W.C.(Org). **Grupo – A Proposta do Psicodrama**. S.Paulo: Agora. 1999

_____ **O Que é Psicodrama**. S.Paulo: Brasiliense. 1990

ALVES, Rubens. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 4. ed. São Paulo: Papyrus. 2002

_____ **A alegria de ensinar**. 6. ed. São Paulo: Papyrus. 2003

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Trabalho infanto-juvenil: Representações de meninos trabalhadores, seus pais, professores e empregadores**. Relatório de Pesquisa, CNPq. 1992

ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. Rio de Janeiro; Record. 1984

ARANTES, V. J. **Ação Psicodramática em sala de aula**. Campinas, S.P: Universidade Estadual de campinas- Faculdade de Ed. Tese de Doutorado. 1993

_____. **Psicodrama e Psicologia** In: SISTO, Fermino F. et.al. *Atuação Psicopedagógica e aprendizagem Escolar*. Petrópolis. R.J: Vozes. 1996

ARANTES, V. J e Duarte , J. Francisco. **A importância do Corpo na Educação**. Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, v. 47, p. 25-34, 1977. 1997

_____. **Magia Psicodramática: Nascer, Viver e Morrer**. Campinas Ed. Unicamp. 2007

ARCHANGELO, Ana. **O Amor e o Ódio na vida do Professor. Passado e Presente na Busca de Elos Perdidos**. SP: Cortez. 2004

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**; Trad. de Roberto Raposo: profácio de Celso Lafer. 6ª ed R.J. Forense Universitária. 1993

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 8ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret. 2011

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**. São Paulo: Vozes, 2000.

AUED, Bernardete Wrublewski (org.). **Educação para o (Des)Emprego**. RJ: Vozes. 1999

BACHELARD, Gaston. **Devaneios sobre a infância**. In ABRAMS, Jeremiah. O Reencontro da Criança Interior. São Paulo: Cutrix..1999

_____. **O Direito de Sonhar**. trad. José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil. 1994

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. [trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro]. Lisboa: Ed. 70.,1991

BARRETO, Maria Auxiliadora. Escolha Profissional E Dramática Do Viver Adolescente. **Psicologia & Sociedade**, 19 (1), 107-114.2007

BATISTA, Sylvia Helena S. da Silva. **Formação de professores: discutindo o ensino da Psicologia**. São Paulo: Editora alínea. 2000

BECKER, Gary. **El capital humano**. Madrid: Alianza Editorial.1964

BERNARDES, Márcia Pereira. **Perfil Psicológico E A Escolha Da Profissão: Estudo De Caso Em Curso De Engenharia**. Dissertação de Mestrado da Universidade de Santa Catarina- Florianópolis. 2005

BERTAO, Flávia R. B. M.; HASHIMOTO, Francisco. Entre o desejo e o sofrimento psíquico no trabalho: um estudo de caso com professora de educação infantil. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, dez. 2006. Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 abr. 2011.

BION, W.R. **O Aprender com a Experiência** – R.J: Imago, 1991.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al (org.). **A escolha profissional em questão.** SP: Casa do Psicólogo,..1995

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação Profissional: Avaliação De Uma Proposta De Trabalho Na Abordagem Sócio- Histórica.** Dissertação de Mestrado da Universidade do Estado de Campinas-UNICAMP, 2001.

BOHOSBAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional e estratégia clínica.** 12ªed. S.P. Martins Fontes. 2007

BOURDIEU, P. **Economia das Trocas Simbólicas - 6ªEd.** Ed. Perspectiva. 2009

BRANDÃO, Juanito de Souza. **Mitologia Grega.** Vol. I, II e III. Petrópolis: Vozes, 1989.

BRANDON, Nathaniel. **O poder da auto-estima.** 8a ed. SP: Saraiva,.1998

BRAVA JUNIOR, Augusto Caccia. **A crise da formação profissional.** SP: FE Unicamp, Seminário temático de pós-graduação.1996

BREHONY. Katheen. (s/d). **O crescimento e a busca da Inteiraza.** Disponível no em: <http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/inteirez.html>. acessado em 18/01/2012

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Pedagogia simbólica.** Rio de Janeiro: Record: Rosas dos tempos. 1996

_____ **O Arquétipo da Vida e da Morte.** São Paulo: Ed. Particular.2002

_____ **A construção amorosa do saber: O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana.** São Paulo: Religare. 2003

CADERNO DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, São Paulo, V.1, nº11, 1º trim/2000

CALLIGARIS, Contardo; et al. **Educa-se uma criança?** Porto Alegre: Artes e Ofício,1994.

CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: Teoria e Prática.** Mossoró, R.S. Fundação Guimarães Duque /Finação Vingt-um Rosado. 2003

CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas I. A Linguagem.** Fondo de Cultura Econômica: Mexico. 1971-1985.

CASSIRER, Ernst. **A Essência e Efeito de Símbolo.** Fondo de Cultura Econômica: Mexico. 1989

_____ **Filosofia de las Formas III.** Filosofia del Reconocimiento. Mexico. Fondo de Cultura Económica. 1998

COLE, Michael; Cole, Sheila. **O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente.** 4.ed. Porto Alegre: Artmed. 2003

COLEÇÃO. **Gênios da Pintura,** Abril S. A. Cultural e Industrial, São Paulo, SP vol. I, II, III e IV. 1967

COLTRO, Alex. Fenomenologia: Um Enfoque metodológico para além da Modernidade. **Caderno de pesquisa em Administração, São Paulo, V.1,nº11, 1º trim/2000**

CRUZ, Roberto Moraes. **Formação profissional e formação humana: os (des)caminhos da relação homem-trabalho na modernidade** - in AUED, Bernardete Wrublevski (org.). **Educação para o (des)emprego.** RJ: Vozes.1999

DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento sem trabalho.** [trad. Eugênia Deheinzelin]. SP: Esfera. 1999

DIAS, Viviane França. **A Psicologia Transpessoal na Formação de Educadores.** Campinas, São Paulo: Tese de Doutorado da Universidade do Estado de Campinas-UNICAMP. 2004

DEJOURS, C. **Uma nova visão de sofrimento nas organizações.** IN: CHANLAT. J. F. (org.). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1992.

DIETRICH, Julia; Kracke, Barbel. Career-specific Parental Behaviors in Adolescents' Development. **Journal of vocational Behavior**, 79.109-119. 2009
DUARTE JUNIOR, J. F **Porque arte-educação?** 6ª ed. Campinas: Papyrus. 1991

_____ **O sentido dos sentimentos.** Curitiba: Criar. 2001

DURKHEIM, David Émile. **As regras do método sociológico.** Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz – 4a edição. São Paulo: Nacional.1966

_____ **Da divisão do trabalho social.** Trad. Eduardo Brandão. – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999

DURR, Michael R.;TRACEY, Terence.J.G. Relation Of Person–Environment Fit To Career Certainty. **Journal of vocational Behavior**, 75.129-138. 2009

ELÍADE, Mircea. **Mito e realidade.** 5.ed.São Paulo:Editora Perspectiva. 2000

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 8. ed. São Paulo: Papyrus. 2001

_____. (Org.) **Interdisciplinaridade: dicionário em construção**. São Paulo: Cortez. 2001

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola. 1979

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999

FILHO, Alípio de Souza. **Cultura, ideologia e representações**. In CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: Teoria e Prática**. Mossoró, R.S. Fundação Guimarães Duque / Fundação Vingt-um Rosado. 2003

FOLMER-JOHNSON, Maria Cristina. **Projeto Pessoal De Vida & Trabalho: A Orientação Profissional Na Perspectiva De Orientadores E Orientandos**. Dissertação Mestrado, Unicamp. 2000

FONSECA FILHO, J. S. **Psicodrama da loucura**. 4ª ed. São Paulo: Ágora. 1980

FONTES, Lauro Barreto. **Orientação profissional: recrutamento, seleção e informação profissional**. RJ: Livros Técnicos e científicos. 1980

FOSNOT, Catherine Twomey. **Construtivismo: uma teoria psicológica da aprendizagem** - in: FOSNOT, C. T. (org.). **Construtivismo: Teoria, perspectivas e prática pedagógica** [trad. Sandra Costa]. PA: Artmed. 1998

FOUAD, Nadya A. **Annual review 1991-1993: vocational choice, decisionmaking, assesment and intervention**. **Journal of vocational behavior**, v45, n2, p. 125-76, oct.. 1994

FRANÇA, Carlos. **Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer**. SP: Unicamp. 1989

_____. **Força Interior**. 3ª ed. São Paulo: Circulo do Livro. 1995

FRANCO, Maria Laura P.B. **Qualidade total na formação profissional: do texto ao contexto**. SP: Fundação Carlos Chagas, Cadernos de Pesquisa, n.92, p.53-61, fev. 1995

FREUD, S. **Luto e melancolia**. In **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1917). 1972

_____. **O mal – estar na civilização**. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago. 1975 (originalmente publicado em 1929).

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez. 1998

_____. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez. 1995

FURLANETTO, Ecleide C. **Uma tentativa de leitura simbólica da escola.** Dissertação de mestrado, Psicologia da Educação, PUC-S.P. 1989

_____. **A formação interdisciplinar do professor sob a ótica da psicologia simbólica.** Tese de doutorado, Educação: supervisão e currículo, PUC-S.P. 1997

_____. **A formação do professor. O encontro simbólico com Matrizes Pedagógicas, como possibilidade de transformação.** UNICID. 2002

_____. **Como nasce um professor?** São Paulo: Papirus. 2003

_____. **Como os professores formam-se e transformam-se?.** Mimeo São Paulo: UNICID. 2003

GAETA, Cecília. **Olhar In: Fazenda (org.) Interdisciplinaridade: dicionário em construção.** São Paulo: Cortez. 2001

GALVÃO, I. **Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento.** Petrópolis: Vozes. 1996

GAMA, Ruy. **A tecnologia e o trabalho na História.** SP: Nobel/EDUSP. 1986

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Trad. Veronese, Maria Adriana Veríssimo. Porto Alegre: Artmed. 1995

_____. **Arte, Mente e Cérebro; uma abordagem cognitiva da criatividade.** Porto Alegre: Artmed. 1999

GARRIDO MARTÍN, Eugênio. **Psicologia do Encontro: J.L. Moreno.** S.P. Ágora. 1996

GATTI, A. Bernadete; TARTUCE, Gisela Lobo B. P.; NUNES, Marina M. R.; ALMEIDA, Patrícia C. Albieri de. A atratividade da carreira docente no Brasil. In: **Estudos & Pesquisas Educacionais** – n. 1, maio 2010 – Fundação Victor Civita – São Paulo. Anual. Estudos realizados em 2007, 2008 e 2009. p. 139-210.

GATTI, A. Bernadete. Quem são os estudantes universitários das carreiras que conduzem à docência? _____ (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009b. p. 157-172.

GOMES, Carlos Minayo (org.). **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador.** SP

GONÇALVES, Camila Salles. **Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J.L. Moreno.** São Paulo: Àgora, 1988.

GRINBERG, Luis Paulo. **Jung. O homem criativo.** São Paulo: FTD. 2003

GUSDORF, Georges. **A palavra. Arte & Comunicação.** Lisboa: Edições 70. 1995

_____. **Mito e metafísica.** São Paulo: Convívio. 1980

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade.** 6.ed Rio de Janeiro: DP&A. 2001

HARRÉ, Rom. **Gramática e Léxico, Vetores das Representações Sociais.**
In: D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 105-120). Rio de Janeiro: EdUERJ. HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia.**
tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre; EDIPUCRS. 2008

HIRSCHI, Andreas; VONDRACEK, Fred. W. Adaptation Of Career Goals To Self And Opportunities In Early Adolescence. **Journal of vocational Behavior**, 75.120-128. 2009

JAEGER, Werner. **Paidéia. A formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAPIASSU, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996

JODELET, Denise. **As Representações Sociais.** R.Janeiro: EDUERJ. 2005

_____. **Représentations sociales: un domain en expansion.** In: *Les Représentations Sociales* (D. Jodelet, org.), Paris: Presses Universitaires de France. 1989

JUNG, Carl G. **O Eu e o inconsciente.** 17a ed., Petrópolis: Vozes. 1987

_____. **Memórias , sonhos, reflexões.** 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001

_____. **O Homem e seus Símbolos.** 23. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002

_____. **Contribution à la psychologie de l'archétype de l'enfant.** In Carl Gustav Jung & Charles Kerényi. *Introduction à l'essence de la mythologie.* Trad. par H. E. Del Medico. Paris: Payot, 1993 p. 105-144.

_____. **Fundamentos de Psicologia Analítica; as conferencias de Tavistock. vol. 1** Petrópolis: Vozes. 1972

_____. **Psicologia do Inconsciente. v. 7,** Petrópolis: Vozes. 1978

KRISHNAMURTI, J. **Educação de o significado da vida,** 11 ed. São Paulo: Cultrix. 2003

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **A crise do século XX.** São Paulo: Ática. 1998

KUENZER. Acácia, Z. **Ensino Médio - Construindo Uma Nova Proposta Para Que Vivem do Trabalho.** São Paulo: Cortez. 2000

LACAN, Jacques. **A Instância da Letra ou a Razão desde Freud**. 1992 in Escritos. Editora Perspectiva. São Paulo. 1966

_____. **O Seminário de Jacques Lacan. Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)** Ed. Zahar, São Paulo. 1987

_____. **O Seminário de Jacques Lacan. Livro III: As Psicoses (1955-1956)** S.Paulo: Ed. Zahar, São Paulo. 1987

_____. **O Seminário de Jacques Lacan - Livro 1 Os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954)**.Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1979

LAGACHE, Daniel. **A transferência**.São Paulo: Martins Fontes. 1990

LEHMAN. IVETE P. **Não Sei Que Profissão Escolher**. S,P.: Moderna. 1999

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cossac Naify. 2003

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte. 1978

LUNCHALL, Lisbelh; NILSSON, Goran. Architects Of Their Own Future? Swedish Career Guidance Policies. **British Journal of Guidance & Counselling**,37(1) 27-38.

LOBO, Ana Lúcia. **Freud: A Presença da Antiguidade Clássica**. S.P, Associação Editorial Humanitas. 2004

MACEDO, Roberto Brás. Matos. **Seu Diploma, sua Prancha: Como Escolher a Profissão e Surfar no Mercado de Trabalho**. 7ª ed. São Paulo: Saraiva. 1998

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Formação geral e especializada: fim da dualidade com as transformações produtivas do capitalismo? SP: **Revista Brasileira de Educação**, [s.n.], set/dez 1995, p. 83-93.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Educação e divisão social do trabalho: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiro**. 2a ed. SP: Cortez. 1990

MAIA, Pe. Pedro Américo, S.J. Profissões e vida: acerte na escolha de seu futuro. **Cadernos de formação e cultura**, n29. BH: Grupo Gente Nova, 1968.

MARTINS, Carlos R. **Psicologia do comportamento vocacional: contribuições para o estudo da psicologia do comportamento vocacional**. SP: EPU/EDUSP. 1978

MATURANA, H.; ZOLLER, G. V. **Amar e Brincar; fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena. 2004

MAY, Rollo.(1999). **O Homem à Procura de Si Mesmo**. 26ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda. (org.). **Henri Wallon. Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola. 2000

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política – o processo de produção de capital**. Livro 1. Volume I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. De Moura. São Paulo: Martins Fontes. 1996

_____.Textos selecionados. **In: Coleção “Os Pensadores”** . Trad. Marilena de S. Chauí, Nelson Alfredo Aguilar, Pedro de S. Moraes. São Paulo: Abril Cultural. 1980

_____.Textos selecionados. **In: Coleção “Os Pensadores”**. Trad. Marilena de S. Chauí, Nelson Alfredo Aguilar, Pedro de S. Moraes. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. 1984

MEIER, Scott T. Vocational behavior, 1998-1990: vocational choice, decisionmaking, career development interventions, and assesment. **Journal of vocational behavior**, v39, n2, p131-81, oct. 1991.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 7. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Abrasco. 2000

MINICUCCI, Agostinho. **Educação para o trabalho: sondagem de aptidões e iniciação profissional**. SP: Atlas. 1979

MORENO, J.L. Sociometry, experimental method and Science of society: na approach to new political orientation. New York: Beacon House. 1951

_____ **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**_S.P.: Mestre-Gou. 1974

_____ **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix. 1975

_____ **Fundamentos do Psicodrama**_S.P.: Summus. 1984

_____ **O Teatro de Espontaneidade**. S. Paulo: Mestre-Gou. 1984

_____ **As Palavras do Pai**. Trad. José Carlos Landini e José Carlos Vitor Gomes. Campinas: Psy. 1992

MORETTI, Cleide F. **Ensino Superior, Escolha Profissional e racionalidade: Os Processos de Decisão do Universitário do Município de São Paulo**. S.P: tese de Doutorado em Teoria Econômica. Faculdade Economia e Contabilidade do Estado de São Paulo- USP. 2002

MORIN, Edgar.A. **Religação dos Saberes: O desafio do Século XXI**. R.J. Bertrand Brasil. 2001

_____**Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco. 2001

_____**Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Trad. Dulce matos. Lisboa: Inst. Piaget. 2001

_____**A cabeça feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000

_____**Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**.Natal: EDUFRN. 2000

MYRTEES, Alonso (org.) **O trabalho docente: teoria & Prática**. São Paulo: Pioneira. 1999

MOYSÉS, Lúcia. **A auto- estima se constrói passo a passo**. São Paulo: Papyrus. 2001

MOSCOVICI. S. **A Representação Social da Psicanálise**. R.J: Zahar. 1978

MRECH, Leny. **Psicanálise e educação: novos operadores de leitura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2003

NEUMANN, Erich. **História da Origem da Consciência**. São Paulo: Cultrix. 2003

_____**A criança. Estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação**. 10. ed. São Paulo. Cultrix. 1995

NAGELSHMIDT, Anna Mathilde Chaves. **Argonautas dos Espaços Interiores: Uma Introdução a Psicologia Transpessoal**. São Paulo: Vetor. 1996

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e educação** - in: GOMES, Carlos Minayo (org.).Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. SP: Cortez. 1987

OLIVEIRA, Maria Ana Marabita Tavares. **Dificuldades de Decisão no Processo de Escolha Profissional**. Dissertação de Mestrado da Universidade do Estado de Campinas-UNICAMP. 2001

RANGEL, M. A. **Pesquisa de Representação Social como Forma de Enfrentamento de Problemas Socioeducacionais**. Aparecida S.P: Idéias & Letras. 2004

REZENDE, Antônio M. *Concepção fenomenológica em educação*. S.P.: Cortez. 1990

SALDANHA, V. **A psicoterapia transpessoal**. Rio de Janeiro : Record: Rosa dos tempos. 1999

_____. **Didática transpessoal: perspectivas inovadoras para uma educação integral**. Campinas: UNICAMP, Faculdade de Educação. 2006

SALDANHA, V. *Sonhos: Uma expressão simbólica para o autoconhecimento*. In: MACIEIRA, R. (Org.). **Despertando a cura. Do brincar ao sonhar**. Campinas: Livro Pleno. 2004

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho. **O Papel Da Família E Dos Pares Na Escolha Profissional**. *Psicologia em Estudo*, 10 (1). 57-66. 2005

SARTRE, J. P. **O ser e o nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes. 2003

SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. Tradução de Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2005

SCHÜTZENBERGER, Anne Ancelin. **Meus Antepassados: vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma**; trad José Maria da Costa Villar- S.P. Paulus. 1997

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. S.P: Cortez. 2002

SPERBER, Dan. *O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas*. In: JODELET, Denise. (org.) **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001

SUPER, Donald Edwine e BOHN JR, Martin. **Psicologia ocupacional**. [trad. De Esdras do Nascimento e Jair Ferreira dos Santos] SP: Atlas. 1980

STEIN, M. **Jung, o Mapa da Alma - uma introdução**. São Paulo: Cultrix. 1998

VIGNOLI, Emmanuelle. *Inter-Relationships Among Attachment To Mother And Father*. **Journal of vocational Behavior**, 75.91-99. 2009

VIGODA, Gadot Eran; Grimland, Shmuel. *Values and career choice at the beginning of the MBA educational process*. **Career Development International**, 13 (4) 333-345. 2008

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1994

VISCOTT, David. **A Linguagem dos Sentimentos**. São Paulo; Summus Editora. 1982

WEIL, P.; et al. **Medida da consciência cósmica**. Vol. 5/V. Petrópolis: Vozes. 1978

WEIL, P. **A consciência cósmica; introdução à Psicologia Transpessoal**. 7ª ed Petrópolis: Vozes. 1999

_____**A mudança de sentido e o sentido da mudança**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. 2000

_____**A arte de viver a vida**. Brasília: Letrativa. 2001

WILBER, K. **A consciência sem fronteiras; pontos de vista do oriente e do ocidente sobre o crescimento pessoal**. São Paulo: Cultrix,. 1991

_____**O olho do espírito; uma visão integral para um mundo que ficou ligeiramente louco**. São Paulo: Cultrix. 2001

WALLON, H. **As origens do caráter**. São Paulo: Nova Alexandria, 1934/1995. 1995

_____**A evolução psicológica da criança**. Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa: Edição 70.

SITES CONSULTADOS:

<http://verdadexpressa.blogspot.com/2011/03/abril-mes-das-portas-abertas.html>
Acesso 16-07-11

<http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=26352>>acesso em:
11/07/2011

<<http://2.bp.blogspot.com/-revfP XK5wZ0/TWHe-ZOzml/AAAAAAAAAD-I/QJb64IENWKE/s1600/da%2Binfancia%2B%25C3%25A0%2Bvelhice.jpg>->acessado em; 11-07-2011

<http://www.brasilecola.com/filosofia/yin-yang.htm>- acessado 11-07-11

<<http://angelacx.multiply.com/journal/item/51>>acessado em 13-07-2011

<http://conexao.99k.org/2010/11/simbolos-e-seus-significados-1/> acessado 13-07-2011

<http://bethccruz.blogspot.com/2009/02/salvador-dali-obras-do-pintor.html>
acessado em 13-07-2011

www.linarte.it/kodra/k4.jpg- acessado 13-07-2011

www.lunaeamigos.com.br/mayte/asjanelas.jpg

<http://www.imagick.org.br/pagmag/turma2/dali.html>- acessado em 21-07-2012

<http://artefontedeconhecimento.blogspot.com.br/2011/05/maurits-cornelis-escher-artista-grafico.html>- acessado em 21-07-2012

www.geocities.com/paris/6502/monalisa.jpg- acessado em 21-07-2012

<http://arquivom.wordpress.com/2008/11/30/renascimento-2/> acessado em 21-07-2012

http://www.abc.org.br/impressao.php3?id_article=502- acessado em 21-07-2012

MEMORIAL

Um caminho a ser percorrido
O encontro do sujeito com seus limites implica o fortalecimento de seu vigor enquanto indivíduo, pois somente aí ele depara com seu estilo e faz dele uma linha de força; um olhar, logo uma forma de ser, está implicado neste encontro e nesta busca. O limite, neste caso, não é uma limitação, mas um ponto de partida, a partir do qual o sujeito, advertido de seu destino, vivencia uma abertura nova para a experiência do mundo.
G. Castelo Branco

O tema de uma pesquisa, na maioria das vezes, é um pedaço do pesquisador a ser descoberto, a ser preenchido. O pedaço a ser resolvido no presente trabalho é a escolha, ou melhor, aquilo que ficou para trás, o que não foi escolhido.

Caminhamos pela estrada da vida tomando decisões, sem parar para refletir sobre o destino que foi dado àquilo que foi deixado, pela estrada. Onde elas ficaram? Que escolhas são essas que nos perseguem? São questionamentos que surgem e nem sempre encontramos respostas.



Figura 22- Caminho Percorrido
Fonte: http://www.cao.pt/surya/ja_35_1.pdf- Acessado em: 12-10-2012

Deparamo-nos com esse dilema do que fazer e o que fazer. Em um nível mais espiritualista, ao ter que decidir reencarnar ou não, nascer ou não nascer, viver ou não viver, vamos construindo nosso caminho vital influenciado por questões não resolvidas dos nossos antepassados, de nossa família e de nosso grupo social. Tal caminho vai sendo povoado de perdas e desta forma, o lugar vazio vai sendo preenchido com as subjetividades do ser humano. O

caminho pede que continuemos e as consequências das decisões vão tomando espaço em um ciclo vicioso, onde uma nova decisão será tomada e as lacunas preenchidas.

A tensão criada pelo choque do novo com o velho, do ontem com o amanhã leva o ser humano a não pensar muito sobre o tema, porque para muitos, é apenas um detalhe que já passou e a vida vai se fazendo presente. Se a escolha foi feita e o sujeito, aparentemente está bem com o escolhido, porque pensar sobre o que aconteceu com o abdicado? Essa foi a resposta que obtive de muitas pessoas que questionei.

Chega o momento da escolha profissional e, independentemente de percebermos o que estamos escolhendo e o que deixamos, ela acontece, e às circunstâncias que envolvem esse momento, que geralmente é na fase da adolescência, não damos a devida importância, mesmo porque, a fase não pede essa atenção ou cuidado. Escolhemos uma profissão que acreditamos ser a melhor para nós, influenciados por vários fatores, que se colocam implícita ou explicitamente.

O esforço para essa conquista, muitas vezes, é recompensado com a entrada na faculdade e, em outras, essa opção é deixada para trás e aparece uma nova possibilidade, aquela que naquele momento, por algum, motivo é mais viável financeiramente ou estruturalmente.

Esse caminho não foi diferente para mim, filha de uma mãe educadora que tinha uma escola, e fui inserida neste contexto desde os meus 13 anos, brincando algumas vezes e em outras auxiliando as professoras na tarefa diária.

Meu caminho profissional? Quando perguntada o que gostaria de fazer a resposta era pediatria, mas a escolha no momento de preencher o formulário da universidade foi pedagogia, por fatores financeiros, pelo fato de ter a escola na família, por indiretamente se relacionar com a criança do meu passado ou por outro motivo qualquer que não me vem à cabeça. O caminho foi traçado pelas circunstâncias que, naquele momento apontava, que a sociedade impunha a mim, em um quadro pintado pela família, sociedade e pelo momento. Como poderia escolher outra profissão tendo uma mãe dona de escola e trabalhando nesse espaço desde cedo? Quem daria continuidade ao processo?

Pego para mim uma frase de Paulo Freire a qual ele diz que ninguém nasce feito que a pessoa vai se fazendo, aos poucos, na sua prática social. Comigo não foi diferente, fui me tornando professora, me fazendo professora pelo ambiente, sociedade, família... Não fui marcada para ser professora, da mesma forma que as pessoas não foram marcadas para serem o que são, a profissão foi se construindo em mim nas minhas ações e influencias sofridas.

Quando leio os questionários dos participantes fica nítido a presença de um ser profissional associado ao ser um filho que segue as orientações ou mesmo ser um filho que quer fugir das orientações como o participante 8 que escolheu Ciências Sociais para contrariar o pai.

A escolha é um momento de formar uma nova identidade. Você deixa ser, por exemplo, “Lisienne” para ser “Lisienne, a professora”, uma nova identidade se forma, a de um profissional. O ser humano é marcado, de forma invisível com o rótulo da sua profissão.

“Pergunta para ele, que ele é engenheiro e entende” ou “Cuidado, ele é psicólogo e vai ficar te analisando!” ou “Você não é médico? O que é isso aqui que tenho?”. Essas são frases que, geralmente, acompanham o profissional. A escolha da profissão é o nascer de um novo ser, do profissional que entrará no mundo adulto, com todas as forças e representatividade.

Neste percurso deparamos com as pessoas percorrendo caminho realizado por outros, caminho que o outro não conseguiu percorrer ou espera que ela de continuidade e o termine e as escolhas vão se constituindo. Tendo itinerário que foi designado a ela e os que foram passados de gerações passadas. Caminhos, muitas vezes, impostos e outros fruto de um desejo próprio.

Quando se pensa em profissão deve-se levar em consideração a possibilidade da escolha não ter sido a mais desejada mas a mais conveniente naquele momento. Tem-se, por exemplo, que levar em consideração que o engenheiro poderia não ter tido a “engenharia” como a sua primeira escolha, mas ter sido levado a ela pela demanda social, pela mídia que ressaltou a necessidade de engenheiros no mercado, ou mesmo pela história familiar (ser de uma família de engenheiros bem sucedidos); a enfermeira pode ter sido levada a escolher essa área por acreditar que é a área da saúde e trará certo

status a ela, por não ter conseguido entrar em medicina e a enfermagem deixa-la próxima dessa profissão.

Algo os levou para essa escolha, pode ser a questão financeira da família, o custo do curso, o tempo para se formar ou mesmo um sentimento de não pertencimento na outra profissão. A escolha não é tão simples como se parece ela vai sendo tecida ao longo dos anos e a expectativa é que seja a mais acertada, que seja aquela que fará parte da sua identidade e personalidade.

São muitos os fatores que fazem parte desse processo, encontra-se a questão política, econômica, social, familiar, psicológico e educacional. Sem contar com as heranças que carregamos de nossos ancestrais.

No momento da escolha não nos damos conta de tudo que rodeia e constitui a escolha. Apenas escolhemos e no dia a dia da profissão, com a maturidade ou com o contato constante com o fazer profissional, podemos nos deparar com o ontem, com aquilo que não foi escolhido e querer revisitá-lo ou apenas deixa-lo no lugar que ficou.

Percorri o caminho da pedagogia e, aparentemente, me realizei. Da escola de educação infantil fui para a formação dos professores no magistério e depois para a universidade.

Terminado a faculdade encontrei-me no mestrado discutindo as relações professor e aluno, em uma perspectiva junguiana e no doutorado, o meu encontro com o Valério foi, a princípio, para pesquisar sobre como um orientador escolar poderia auxiliar seus alunos no momento da escolha profissional. Naquele momento, não evidenciava essa lacuna ou espaço a ser preenchido em mim, espaço do abdicado, mas conversando com Valério, ele solicitou que eu trouxesse algumas coisas que me incomodassem, para que ele tivesse a certeza do caminho escolhido por mim. Alguns questionamentos foram feitos e vários outros encontros aconteceram até chegar ao tema atual e percebermos que na realidade o ponto era o que foi deixado para trás e não o escolhido.

Surge o tema que permearia essa pesquisa, que embora inconscientemente possa estar relacionada com as minhas perdas, concretamente foi retirada de observações realizadas, de forma sistemática, no decorrer de minha atuação profissional como educadora.

Em 1999 entrei na universidade, e pude observar que muitos alunos, ao serem questionados sobre a escolha profissional, alegavam ser a profissão do momento, ser o desejo dos pais, ser uma forma de melhorar as condições da família ou mesmo ser o que podia pagar no momento.

Particularmente, na pedagogia, área que atuo com mais frequência, alunos alegam ter escolhido o curso por desejo dos pais; por quererem atender a expectativa da família de ter um filho com um “diploma”; por não ser a primeira opção, porém, a mais viável economicamente; por já exercer a profissão e necessitar de um diploma e também por gostarem da área.

Por vezes, ao visitar escolas, deparo-me com profissionais insatisfeitos, frustrados e/ou alegando um arrependimento de ter feito essa escolha e não outra e, em conversas informais com outros profissionais, obtenho as mesmas alegações e, mesmos os que se disseram felizes e realizados com a escolha, relataram a existência de outras opções na época da escolha e muitos, ao serem questionados, apresentaram interesse em pesquisar sobre o que aconteceu com “o seu não escolhido”.

Nesse caminhar que me encontro nesse momento, me faz refletir sobre essas questões que não foram encontradas em livros e pesquisas, mas que permitem que eu pesquise e entenda sobre as pedras deixadas no caminho.

Antônio Machado, poeta espanhol traz a ideia do caminho a ser caminhado, a ser traçado por cada um de nós.

Caminhante, são teus rastros o caminho, e nada mais; caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar. Ao andar faz-se o caminho, e ao olhar-se para trás vê-se a senda que jamais se há-de voltar a pisar. Caminhante, não há caminho, somente sulcos no mar.
Antônio Machado

O poeta nos leva a refletir sobre o caminho a ser percorrido e os obstáculos a serem superados. O deslocarmos de um espaço para o outro ou de uma situação para outra, é um evoluir do ser e uma integração com ele mesmo e com o meio. Entender nosso passado e o que acontece com nossas escolhas faz com que nos entendamos melhor e, com isso, nos integremos ao mundo físico e espiritual, com maior clareza daquilo que somos.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO PILOTO

Levando em consideração que no momento da sua escolha, por algum motivo circunstancial, você não pode realizar seu desejo de fazer o curso da sua 1ª opção profissional, responda as questões abaixo:

Nome: _____

Idade: _____

Profissão: _____

1. Descreva o seu processo de escolha profissional, como aconteceu a escolha por essa profissão?

2. Quais foram as suas influências para a escolha? (Por que escolheu essa profissão?)

3. Qual o significado de ser aquele profissional para você?

4. Qual a representação dessa profissional para você?

5. Como você trabalha, em sua imaginação, com aquela profissão desejada que não foi realizada?

6. O que você faz para compensar esse desejo não realizado?

7. Como seria se você tivesse feito o curso desejado? (Como você estaria agora?)

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO FINAL

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Prezado(a) Colega:

As informações obtidas a partir deste instrumento permitirão identificar como foi(ram) trabalhada(s) a(s) profissão(ões) abdicada(s) no momento da escolha profissional. Solicitamos que todas as perguntas sejam lidas e respondidas de forma mais completa possível. Gratos por sua colaboração.

Dados do Informacionais

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Formação acadêmica (assinale e especifique o curso e/ou área)

Graduação _____

Especialização _____

Mestrado _____

Doutorado _____

Outros _____

Instituição em que trabalha: _____

Condição socioeconômica (coloque aquela que você acredita se encaixar):

Baixa

Baixa/média

Média

Média/alta

Alta

1. Descreva qual foi o processo de escolha da sua atual profissão

2. Quais foram as influências que mais contribuíram para a escolha dessa profissão?

3. Você desejava alguma outra profissão?

Sim ()

Não ()

Caso tenha escolhido sim responda, por favor, às questões abaixo:

a) Qual(is)? _____

b) Por que foi (ram) descartada(s)?

c) Como você tenta compensar esse(s) desejo(s) não realizado(s)?

d) Como você imagina a sua vida profissional, hoje, se tivesse escolhido outra profissão?

e) O que a profissão atual representa hoje para você?

4. Deixe a sua impressão sobre o questionário.
